

**FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO**

ANA LÚCIA VILAS BOAS

**POLÍTICA PÚBLICA SOCIAL NO ESTADO DA BAHIA: Um
estudo sobre o Programa Neojiba**

SALVADOR

2023

Ana Lúcia Vilas Boas

**POLÍTICA PÚBLICA SOCIAL NO ESTADO DA
BAHIA: Um estudo sobre o Programa Neojiba**

**Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado,
Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade
Latino-Americana de Ciências Sociais e Fundação
Perseu Abramo, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Magíster en
Estado, Gobierno y Políticas Públicas.**

Orientador: Prof. Me. Rafael Acácio de Freitas

Salvador

2023

Ficha Catalográfica

VILAS BOAS, Ana Lúcia

Política pública social no estado da Bahia: Um estudo sobre o Programa Neojiba / Ana Lúcia Vilas Boas. Salvador: FLACSO/FPA, 2023. 140f.

Dissertação (Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, 2023.

Orientador: Rafael Acácio de Freitas

Referência bibliográficas:

- 1. Neojiba 2. Desenvolvimento Humano 3. Integração Social 4. Música Coletiva 5. Política Pública. I. Freitas, Rafael Acácio de. II FLACSO Brasil/FPA. III Título.**

Ana Lúcia Vilas Boas

**POLÍTICA PÚBLICA SOCIAL NO
ESTADO DA BAHIA: Um estudo sobre o
Programa Neojiba**

**Dissertação apresentada ao curso Maestría
Estado, Gobierno y Políticas Públicas,
Faculdade Latino-Americana de Ciências
Sociais, Fundação Perseu Abramo, como
parte dos requisitos necessários à obtenção
do título de Magíster en Estado, Gobierno y
Políticas Públicas.**

Aprovada em 27 de abril de 2023

Prof. Me. Rafael Acácio de Freitas

FLACSO Brasil/FPA

Profa. Dra. Pollyanna Rezende-Campos

Universidade Católica de Salvador (UCSAL)

Profa. Dra. Gabriela Fernandes Feliciano Murua

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Profa. Ma. Vanessa Filgueira Santos(suplente)

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Agradecimentos

Começo por agradecer a Deus pela vida, a família, aos amigos pelo apoio e afeto de sempre. Ao meu companheiro Cesar Carneiro, a quem faço um agradecimento especial, cujo amor, carinho e incentivo foram fundamentais nesta trajetória.

A equipe de professores, orientadores, técnicos, colegas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO e em especial ao meu orientador Rafael de Freitas pelo apoio, ensinamentos e contribuição na minha formação profissional.

A equipe do Neojiba em especial aos jovens entrevistados que compartilharam suas experiências, sonhos, desafios e conquistas.

E ao Presidente Lula, que assume mais um mandato com o compromisso de combater a fome, a miséria, a desigualdade com políticas públicas e garantir a democracia no nosso País..

Resumo

Os Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia – NEOJIBA é um programa que utiliza a prática musical coletiva para promover o desenvolvimento humano e a integração social de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade. A maioria tem como perfil ser de famílias de baixa renda, pardos, negros, estudantes de escola pública e moradores de bairros populares. O Neojiba foi criado em 2007, tem como inspiração musical e pedagógica o programa venezuelano “El Sistema”, a gestão é feita em parceria por uma Organização Social – OS e funciona com treze núcleos espalhados pela capital e interior do estado. A pesquisa buscou identificar junto aos integrantes: quais as contribuições do Programa Neojiba para o desenvolvimento humano e integração social de seus beneficiários. E como os jovens participantes do Neojiba percebem sua condição, se houve avanço com a participação no Programa. Para responder a essas questões recorreremos ao filme documentário “Neojiba - Música que Transforma”, que retrata o cotidiano dos participantes, documentos oficiais, análise dos dados socioassistenciais dos anos de 2015 a 2020, estudos acadêmicos e entrevistas com oito jovens integrantes das formações principais do programa. Com oito turnês internacionais realizadas e mais de duas mil crianças, adolescentes e jovens atendidos diretamente por ano, o Neojiba tem alcançado repercussão estadual e até internacional pela excelência nos resultados musicais alcançados. Com a pesquisa foi possível conhecer particularidades, motivações, reações e perspectivas dos integrantes, sendo a hipótese da pesquisa confirmada. Entre as contribuições estão a prática coletiva da música, as responsabilidades com o coletivo, o crescimento pessoal e cultural, as oportunidades, a qualidade da rede de relações. Os jovens entrevistados reconhecem que houve melhoria nas suas vidas, declararam sentir a força da música e que os aprendizados adquiridos ajudam a construir novas trajetórias, acesso a espaços desejados e uma convivência estimulante, onde a questão financeira é importante, mas não assume um papel central nas escolhas, sendo este assumido pela satisfação pessoal e pela responsabilidade com o coletivo. Participar das turnês internacionais representou para os entrevistados abertura de novas portas, acesso a outros mundos, conhecer lugares e culturas diferentes, experiência para a formação profissional. Seis dos oito entrevistados estão cursando o ensino superior, dado que demonstra um investimento na trajetória acadêmica, preparação para o mundo do trabalho, com a possibilidade de profissões com melhor remuneração. Identifica-se o esforço dos jovens e seus familiares para ingressar e permanecer no programa. Eles afirmam a importância da cultura e da educação nas suas vidas, a convivência com o belo, para estes jovens que mesmo vivendo cotidianamente com desigualdades sociais, é uma ponte que os leva para a reconexão de sentimentos como a alegria e a construção de caminhos.

Palavras-chave: Neojiba, Desenvolvimento Humano, Integração Social, Música Coletiva, Política Pública

Abstract

The State Nucleus of Youth and Children's Orchestras of Bahia – NEOJIBA is a program that uses collective musical practice to promote the human development and social integration of children, adolescents and young people in vulnerable situations. Most have the profile of being from low-income families, brown, black, public school students and residents of popular neighborhoods. Neojiba was created in 2007, its musical and pedagogical inspiration is the Venezuelan program “El Sistema”, it is managed in partnership by a Social Organization – OS and works with thirteen centers spread across the capital and interior of the state. The research sought to identify with the members: what are the contributions of the Neojiba Program to the human development and social integration of its beneficiaries. And how do young Neojiba participants perceive their condition, if there has been progress with participation in the Program. To answer these questions, we resorted to the documentary film “Neojiba - Música que Transforma”, which portrays the daily lives of the participants, official documents, analysis of social assistance data from the years 2015 to 2020, academic studies and interviews with eight young members of the main formations of the program. With eight international tours carried out and more than two thousand children, adolescents and young people assisted directly per year, Neojiba has achieved state and even international repercussions for the excellence in the musical results achieved. With the research it was possible to know particularities, motivations, reactions and perspectives of the members, being the hypothesis of the research confirmed. Among the contributions are the collective practice of music, the responsibilities with the collective, personal and cultural growth, opportunities, the quality of the network of relationships. The young people interviewed recognize that there has been an improvement in their lives, declared that they feel the power of music and that the lessons learned help them to build new trajectories, access to desired spaces and a stimulating coexistence, where the financial issue is important, but does not assume a central role. in choices, which is assumed by personal satisfaction and responsibility towards the collective. Participating in international tours meant opening new doors for the interviewees, access to other worlds, getting to know different places and cultures, experience for professional training. Six of the eight interviewees are studying higher education, a fact that demonstrates an investment in the academic path, preparation for the world of work, with the possibility of professions with better remuneration. The efforts of young people and their families to enter and remain in the program are identified. They affirm the importance of culture and education in their lives, coexistence with beauty, for these young people who, even living daily with social inequalities, is a bridge that takes them to reconnect feelings such as joy and the construction of paths

Key words: Neojiba, Human Development, Social Integration, Collective Music, Public Policy

Lista de Figuras

Figura 01 – Orquestra Castro Alves (2019).....	24
Figura 02 – Mapa Núcleos Neojiba Salvador.....	26
Figura 03 – Mapa Núcleos Neojiba Bahia.....	27
Figura 04 – Gráfico integrantes do Programa Neojiba por Cor/raça:.....	30
Figura 05 – Gráfico dos Integrantes do Programa Neojiba por Gênero:.....	31
Figura 06 – Gráfico dos integrantes do Programa Neojiba por Renda familiar mensal.	33
Figura 07 – Gráfico dos Integrantes do Programa Neojiba por Conflito e/ou violência:	35

Lista de Siglas e Abreviaturas

CMA - Comissão de Monitoramento e Avaliação

CONGEOS - Conselho de Gestão das Organizações Sociais

DS - Desenvolvimento Social

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDSMM - Instituto de Desenvolvimento Social pela Música

NEOJIBA- Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia

NCN - Núcleo Central do Neojiba

NPM - Núcleo de Prática Municipal

NTN - Núcleo Territorial do Neojiba

OCA - Orquestra Castro Alves

ONU - Organização das Nações Unidas

OS - Organização Social

OSBA - Orquestra Sinfônica da Bahia

PEOS - Programa Estadual das Organizações Sociais

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PNAS - Política Nacional de Assistência Social

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPP - Projeto Político Pedagógico

SAEB - Secretaria de Administração do Estado da Bahia

SECULT - Secretaria de Cultura

SJDH - Secretaria de Justiça e Direitos Humanos

SJDHDS - Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social

TCA - Teatro Castro Alves

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – O Programa Neojiba.....	17
1.1 Criação do Programa Neojiba.....	17
1.2 Contrato de Gestão: Legislação, Monitoramento e Avaliação.....	20
1.3 Metodologia e princípios.....	21
1.4 Mudança de Secretaria e a ampliação do trabalho social.....	24
1.5 Funcionamento dos Núcleos do Neojiba.....	28
1.6 Perfil do público beneficiário do programa no período de 2015 a 2020.....	31
Capítulo 2 – Notas teóricas e metodológicas.....	39
2.1 Política pública, desenvolvimento humano e integração social: pontos de partida conceituais.....	39
2.2 Pierre Bourdieu: uma aproximação dos conceitos capital social e cultural.....	45
2.3 Escolhas metodológicas: entrevistas semi-estruturadas para produção de dados primários.....	48
Capítulo 3 - Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia: entrevistas com participantes do Neojiba durante o período de 2015 a 2020.....	51
3.1 Desenvolvimento humano: oportunidade, crescimento, sustentabilidade, carência, privações, rede de relações.....	51
3.1.1 Trajetória dos integrantes.....	51
3.1.2 Neojiba pela Bahia.....	58
3.1.3 Bolsa auxílio e a permanência no programa.....	62
3.1.4 Dificuldades e facilidades: mudanças, desafios, desejo, sonho e realização.	65
3.2 Integração social: música, movimento e cooperação.....	68
3.2.1 Música coletiva e o sentimento de pertencimento.....	68
3.2.2 Novos horizontes: percepções sobre a experiência de uma turnê internacional.....	71
3.3 Capital social: a arte enquanto possibilidade.....	73
3.3.1 Neojiba – música que transforma.....	73
3.3.2 A arte imita a vida?.....	75
Considerações finais.....	79
Referências Bibliográficas.....	83

Introdução

Com prática musical coletiva o programa Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia – NEOJIBA busca contribuir no desenvolvimento humano e a integração social de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade¹ no Estado da Bahia. Essa experiência é objeto desse estudo que tem como recorte o período de 2015 a 2020, e contou com a participação de integrantes da Orquestra Juvenil da Bahia e do Coro juvenil, formações principais do programa, uma política pública de promoção de direitos humanos.

O Neojiba é um programa de promoção social que atua com referência na Política Nacional de Assistência Social – PNAS e Direitos Humanos. Funciona com 13 núcleos espalhados pela capital e interior do estado, e para entrar no programa a criança, adolescente ou jovem inicialmente não precisa saber tocar, nem possuir um instrumento musical, quando abertas as inscrições no núcleo de interesse o interessado concorre a uma vaga.

Tendo como inspiração musical e pedagógica o programa venezuelano “El Sistema”², o Neojiba foi criado em 2007, por meio de ato governamental. O Estado é o promotor, regulador e provedor do programa, de modo que reconhece e o mantém como política no atendimento às crianças, adolescentes e jovens.

Porém, até o momento não dispõe de uma Lei ou Decreto instituindo-o como política pública, permanecendo circunscrito como ações de governo, o programa mantém, para sua continuidade, uma dependência em relação à visão que o governante de ocasião, gestor atual, tenha dele.

Mesmo suscetível às mudanças governamentais, desde a sua criação, o programa tem se mantido há 15 anos com o público beneficiário composto prioritariamente por crianças,

¹ “O ser humano vulnerável [...] é aquele que, conforme conceito compartilhado pelas áreas da saúde e assistência social, não necessariamente sofrerá danos, mas está a eles mais suscetível uma vez que possui desvantagens para a mobilidade social, não alcançando patamares mais elevados de qualidade de vida em sociedade em função de sua cidadania fragilizada. Assim, ao mesmo tempo, o ser humano vulnerável pode possuir ou ser apoiado para criar as capacidades necessárias para a mudança de sua condição. É com base nessa última afirmação que concordamos que não se trata, a vulnerabilidade, apenas de uma condição natural que não permite contestações. Isso porque percebemos que o estado de vulnerabilidade associa situações e contextos individuais e, sobretudo, coletivos” (CARMO, 2018, p.6).

² El Sistema é um modelo didático musical, idealizado e criado na Venezuela por José António Abreu, que consiste em um sistema de educação musical pública, difuso e capilarizado, com acesso gratuito e livre para crianças e jovens adultos de todas as camadas sociais. Informações sobre o programa encontra-se no site <https://elsistema.org.ve/>

adolescentes e jovens baianos em situação de vulnerabilidade social e econômica, a maioria de famílias de baixa renda, estudantes de escola pública e moradores de bairros populares da capital baiana e do interior do estado.

Para execução desta política pública o Estado firmou uma parceria, através de um contrato de gestão, com uma Organização Social – OS, hoje denominada Instituto de Desenvolvimento Social pela Música – IDSM, a partir de um regramento legal, imposta pela Lei Estadual nº 8647/2003.

A transferência da execução do serviço se materializa em um contrato com metas e indicadores compostas de ações pedagógicas, socioassistencial e de gestão. As ações pedagógicas trabalham voltadas para a formação musical de crianças, adolescentes e jovens com aulas contínuas de música coletiva, intercâmbios e apresentações públicas. O programa oferece bolsa auxílio para os integrantes das formações principais com objetivo de estimular os jovens e assegurar-lhe condições que evitem a entrada precoce do integrante no mercado de trabalho e/ ou abandono da prática e formação musical por pressões econômicas.

As ações socioassistenciais tem como finalidade o acompanhamento social dos integrantes e suas famílias, e envolve a assistência no percurso formativo escolar, orientação e atendimento psicossocial individualizado. Anualmente a equipe formada por psicólogos e assistentes sociais elabora um cadastramento social dos integrantes, mapeando a situação socioeconômica e as vulnerabilidade expostas no seu cotidiano.

O cadastramento que tem por objetivo gerar um diagnóstico das famílias inseridas no Programa é denominado de Mapa Social. Essa matéria aparece no Plano Político Pedagógico do IDSM, na 4ª revisão:

O mapa social é a principal ferramenta do setor de Desenvolvimento Social, por se tratar de um diagnóstico do público atendido pelo Programa que baliza as intervenções psicossociais do setor. Ademais esse estudo consiste numa caracterização do perfil deste público e de seus familiares, o que permite a identificação e o encaminhamento das demandas para garantia do acesso à informação e a inclusão das famílias nas políticas públicas sociais federais, estaduais e municipais. (IDSM – Plano Político Pedagógico, 2020, n.p).

Este mapa passou a ser elaborado a partir de 2014, período que ocorreu a mudança do programa da Secretaria de Cultura para a Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado da Bahia. Esta ferramenta proporciona aos gestores um maior conhecimento da situação socioeconômica dos integrantes e suas famílias, possibilitando maior assertividade no

acompanhamento e nos encaminhamentos das demandas à rede de proteção social existente no município. Assim, este diagnóstico, vem se consolidando como documento fundamental para orientar a equipe nas ações junto ao público assistido.

No cadastramento realizado em 2020, é possível afirmar que o programa atendeu 1.969 integrantes no ano, distribuídos nos 13 núcleos de prática musical. Dos resultados do cadastramento ficou constatado que o número de integrantes do gênero feminino foi predominante, quanto a raça/cor, o resultado aponta que pardos e negros são maioria no programa, e juntando as duas categorias, somam 1.636 integrantes, ou seja, 83% do total de participantes é formado por negros e pardos.

Quanto à faixa etária, prevalece a predominância de crianças e adolescentes. Da renda familiar, 68% das famílias têm renda média familiar entre meio e 03 salários mínimos e apresentam perfil do Cadastro Único, que é um instrumento de coleta de dados e informações do governo federal, para identificar as famílias de baixa renda existentes no país para inclusão em programas de assistência social e redistribuição de renda.

A realidade dos integrantes do programa Neojiba foi apresentada no filme documentário “Neojiba – Música que Transforma”, dirigido por Sérgio Machado e George Walker Torres, que retrata o cotidiano dos participantes das formações principais, depoimentos dos integrantes, cenas das turnês internacionais nos anos de 2014, 2016 e 2018, mostrando os preparativos para as viagens, passeios, ensaios e apresentações.

Além do filme lançamos mão de documentos oficiais que reportam a criação e execução do programa, levantamento e análise dos dados socioassistenciais gerados a partir dos cadastramentos, aplicamos entrevistas semi-estruturadas e analisamos o seu conteúdo, observamos o funcionamento dentro dos núcleos e recorremos a estudos acadêmicos sobre o programa.

A seleção para participar da pesquisa tomou como critério ser integrante da orquestra no período de 2015 a 2020 e ter participado, com depoimentos, no filme documentário Neojiba - Música que transforma. Oito (8) jovens aceitaram o convite e concederam entrevistas individualizadas, momento que falaram da importância do programa em suas vidas.

As entrevistas, tomadas como dados primários, produzidos, sistematizados e analisados pela presente pesquisa, tiveram como foco o cotidiano dentro e fora do programa, a identificação de seu próprio desenvolvimento e integração social, enfatizando como eles percebem sua participação ou a sua condição estando no programa ou após frequentarem este. Para traçar o perfil dos integrantes, analisamos os dados socioeconômicos dos beneficiários no período de 2015 a 2020, seguimos com a revisão bibliográfica dos conceitos de desenvolvimento humano, integração social, capital social e cultural.

Esses movimentos tiveram como fio-condutor as perguntas: quais as contribuições do Programa Neojiba para o desenvolvimento humano e integração social de seus beneficiários? E como os jovens participantes do Neojiba percebem sua condição, se houve avanço com a participação no Programa?

Enquanto servidora pública estadual da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos e membro da Comissão de Monitoramento e Avaliação do Programa e pesquisadora me dediquei a estudar a questão central da pesquisa: Política Pública Social do estado da Bahia, tendo o programa Neojiba como estudo de caso, contribui para o desenvolvimento humano e a integração social do público assistido.

O questionamento se justifica não apenas pela importância do programa que atende a um público vulnerável e utiliza a prática musical coletiva, há mais de 15 anos, beneficiando crianças, adolescentes e jovens baianos, alcançando repercussão estadual e até internacional pela excelência nos resultados alcançados, mas por ser uma política pública implantada em um estado marcado por concentração de renda e desigualdade social.

Guerra (2017) no seu artigo com o título Bahia: liderança econômica regional e desigualdade social Bahia, afirma que mesmo a economia sendo transformada ainda não conseguiu reverter o histórico de desigualdades sociais que caracteriza a evolução econômica no estado. O autor descreve a posição da Bahia no cenário nacional, comparando o ranking do PIB.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD 2017), do IBGE, o quarto maior estado brasileiro em número de habitantes e o primeiro do Nordeste, com uma população de 15,1 milhões de habitantes em 2014, a Bahia ocupa os últimos lugares no ranking do PIB per capita. (GUERRA, 2017, p.67).

O autor acrescenta informações importantes do IBGE, que segundo relatório institucional, “De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2017) do IBGE, a economia baiana exibiu taxas de desocupação mais altas que todos os outros estados

nordestinos nos anos de 2013, 2015 e 2016.” (GUERRA, 2017, p.68). Esses dados apontam o elevado índice de desemprego no estado, conseqüentemente o crescimento do trabalho informal e a perda de direitos trabalhistas. O autor ainda acrescenta “No que diz respeito à população pobre, que recebe mensalmente entre R\$ 84 e R\$ 168, na Bahia, em 2007, era superior a três milhões de pessoas, para uma população total de mais de 14 milhões, equivalente a um percentual de 21,7% de baianos pobres.” (GUERRA, 2017, p.74).

O autor apresenta a condição econômica e social no estado da Bahia, estado com elevado índice de pobreza e desigualdade socioeconômica, precisa de investimentos públicos para superar essa realidade, com novos postos de trabalho, distribuição de renda e mais oportunidade para a juventude.

Considerando que as crises atingem primeiramente o público mais vulnerável como crianças, adolescentes e jovens é que mostra-se a importância de se estudar os programas e projetos destinados a este público, e admitindo que até o presente momento são poucos os estudos que abordam as questões sociais em torno do programa Neojiba, reconhecendo essa como uma demanda urgente é que esta pesquisa buscou analisar os resultados, a partir dos entrevistados, obtidos pelo programa que utiliza a prática musical coletiva para contribuir no desenvolvimento humano e a integração social dos integrantes.

A partir do problema apresentado, formulamos nossa hipótese: Neojiba, enquanto política pública social de promoção de direitos humanos do estado da Bahia, contribui para o desenvolvimento humano e a integração social das crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade que participam do programa.

Essa hipótese e a trajetória de sua verificação é apresentada em três capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, *O Programa Neojiba*, apresentamos a criação do programa na Secretaria de Cultura do Estado, o modelo de gestão adotado, a legislação das organizações sociais, monitoramento das ações do contrato, metodologia, princípios, mudança de Secretaria e a ampliação das ações em articulação com a política nacional da assistência social e direitos humanos, funcionamento dos núcleos, a nova sede e o perfil dos participantes.

No segundo capítulo, *Notas teóricas e metodológicas*, abordamos inicialmente os elementos conceituais da Política pública, desenvolvimento humano e integração social e buscamos uma aproximação do conceito de capital social e cultural para responder o

problema da pesquisa. A escolha metodológica com entrevistas semi-estruturadas para produção de dados primários também foi tratada.

No terceiro capítulo, *Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia: entrevistas com participantes do Neojiba durante o período de 2015 a 2020*, aprofundamos a partir das falas dos jovens entrevistados, a participação da família, as mudanças percebidas com a implantação de um núcleo no bairro ou na cidade, as contribuições da bolsa auxílio, as dificuldades e facilidades encontradas pelos integrantes durante a sua permanência no programa, o que representa para os jovens fazer música coletiva, a participação dos jovens nas turnês internacionais e no filme Neojiba – música que transforma.

Nas considerações finais apresentamos elementos a partir de documentos oficiais, dos dados do cadastramento, das observações da pesquisadora e das falas dos participantes da orquestra e do coro juvenil usando as categorias teóricas de desenvolvimento humano, integração social e capital cultural e social. Com este material foi possível aprofundar a análise dos resultados alcançados, pois os documentos, as entrevistas e a metodologia qualitativa nos permitiu conhecer as particularidades, motivações, reações e perspectivas dos integrantes do programa, assim esperamos que esse estudo possa contribuir com essa demanda de relevância social e acadêmica.

Capítulo 1 – O Programa Neojiba

1.1 Criação do Programa Neojiba

Em meio a um novo contexto sociopolítico da Bahia, com a vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores, Jaques Wagner, em 2007, e um desejo de mudança administrativa, o governador inicia a sua gestão estadual ampliando a participação da cultura no cenário político, desmembrando a antiga secretaria de Cultura e Turismo em duas: Secretaria de Cultura e a de Turismo do Estado da Bahia.

Assumi a pasta de cultura o secretário Márcio Meirelles que junto ao maestro Ricardo Castro, propôs ao novo governador implantar um programa que através da prática musical coletiva atendesse crianças, adolescentes e jovens na Bahia tendo como inspiração o programa venezuelano “El Sistema”.

A relação entre as experiências da Venezuela e do Brasil foi estudada na tese de doutoramento em Sociologia de Alix Didier Sarrouy, *Atores da educação musical: etnografia comparativa entre três núcleos que se inspiram no programa El Sistema na Venezuela, no Brasil e em Portugal*. Sarrouy (2016) descreve a experiência da Venezuela.

El Sistema é o nome dado a um programa venezuelano de formação através da música sinfônica. Ao fim de quarenta anos de existência os números de alunos são massivos e de todas as classes sociais. Imitado em mais de 60 países, o El Sistema tornou-se uma referência mundial a nível da utilização da arte musical como instrumento de educação pessoal e social junto das comunidades e dos bairros mais desfavorecidos socioeconomicamente. Todavia existe uma grande lacuna quanto à investigação em ciências sociais sobre o que é realmente feito na Venezuela e nos países que se inspiram no El Sistema. (SORROUY, 2016, p. 6).

A história do Neojiba também é abordada em outros estudos acadêmicos como a monografia apresentada no curso de graduação em Comunicação – Produção em Comunicação e Cultura, Universidade Federal da Bahia, de Sandrinalva Santos Silva, em 2015 como o tema *A educação musical como agente de integração social: Um estudo de caso do Neojiba*, a autora traz alguns depoimentos dos protagonistas desta história que iniciou em 2007. Na entrevista com o maestro Ricardo Castro, ele fala das suas motivações para a criação do Neojiba e a sua inspiração no programa venezuelano. Ricardo relata:

A ideia surgiu quando eu visitei a Venezuela em 2005 e desde esse momento, comecei a falar muito por onde ia que era um projeto muito importante e que se podia implantar também no Brasil e os governantes aqui na Bahia ouviram o meu discurso e me chamaram para implantar, isso quando houve uma mudança de governo em 2007. (SILVA, 2015, p. 29).

Assim nasce o Programa Neojiba, em 2007, vinculada à Secretaria de Cultura – SECULT, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento e a inclusão social por meio da musicalização coletiva das crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade.

No período, entre 2007 a 2009, foi empreendido esforço da administração pública para construir um instrumento contratual que garantisse segurança jurídica e administrativa ao programa que estava sendo gestado.

Nos seus primeiros anos o projeto foi gerido pela Secretaria de Cultura do Estado através da Orquestra Sinfônica da Bahia e Teatro Castro Alves. Em 2009, a Organização Social Associação de Amigos das Orquestras Juvenis e Infantis do Neojiba – AOJIN, que em 2013 passou a se chamar Instituto de Ação Social Pela Música – IASPM, foi aprovada no edital de publicização e assumiu a gestão compartilhada do projeto com o Governo do Estado. (SILVA, 2015, p.30).

Silva (2015) descreve na sua monografia o que ocorreu nos primeiros anos do programa, até tornar público o serviço pelo governo do Estado. A pesquisadora conta como foi a participação da Orquestra Sinfônica da Bahia e do Teatro Castro Alves, instituições vinculadas à SECULT, na criação e consolidação do programa.

Após os três primeiros anos de funcionamento, a SECULT apresentou em conjunto com a Secretaria de Administração um modelo de contrato de gestão a ser firmado com uma organização social. Assim, o primeiro contrato foi assinado em 2009, com definições de metas e indicados para atender crianças, adolescentes e jovens através da formação musical, de intercâmbios, apresentações públicas, capacitações, pagamento de bolsa auxílio para os integrantes da orquestra e bolsa técnica para os monitores.

Segundo relatório de monitoramento elaborado pela equipe da SECULT, inicialmente o programa atendeu a 125 jovens músicos que integraram o Núcleo principal, funcionando dentro das instalações do Teatro Castro Alves, desde 2007. O programa passou por uma expansão e interiorização, com a criação de mais quatro núcleos, sendo dois em Salvador e dois no interior do estado, o que garantiu o atendimento de forma contínua a mais de 890 crianças, adolescentes e jovens, entre 2007 a 2014.

E para falar sobre essa política pública inovadora partimos do entendimento de Giovanni (2009) que para compreender a política pública é preciso entender o processo histórico, as relações sociais e de poder nas sociedades democráticas. O autor nos ensina que:

[...] a política pública como uma forma contemporânea de exercício do poder nas sociedades democráticas, resultante de uma complexa interação entre o Estado e a sociedade, entendida aqui num sentido amplo, que inclui as relações sociais travadas

também no campo da economia. Penso, também, que é exatamente nessa interação que se definem as situações sociais consideradas problemáticas, bem como as formas, os conteúdos, os meios, os sentidos e as modalidades de intervenção estatal. (GIOVANNI, 2009, p.2).

Com esse entendimento é possível afirmar que o Programa Neojiba é uma política pública, não é linear, nem tem uma forma única ou exclusiva, que a cada momento sofre variações, dependendo do contexto social, político e econômico. Essa política precisa ser compreendida nas suas múltiplas representações da relação entre o Estado e sociedade, e os meios para intervir nos problemas gerados pelo próprio sistema.

Como parte destas transformações, foi publicada a Lei Estadual nº 8.647/2003, que trata do Programa Estadual de Organizações Sociais-PEOS, trazendo para a administração pública baiana mudanças na execução e na gestão de políticas públicas. O objetivo principal desta lei é fomentar a absorção, pelas OS, de atividades e serviços de interesse público e definir as OS, como entidades parceiras na execução de políticas públicas.

Para o cumprimento da lei, a Secretaria de Administração do Estado elaborou o Manual de Gestão da SAEB, em 2016, com orientações de como firmar parcerias com a sociedade civil. Logo na introdução do manual encontramos a justificativa para o uso dos contratos de Gestão pela administração pública:

Ao longo dos anos, o Estado vem passando por diversas transformações políticas, sociais e econômicas, que o conduziram a redefinir seu papel de executor direto de serviços, sobretudo devido à constante redução da capacidade de investimento e pressão da sociedade por prestação de serviços de melhor qualidade. Esta situação resultou na busca por modelos de gestão organizacional mais eficientes, fortalecendo parcerias com o setor público não estatal e transferindo-lhe a responsabilidade de execução de serviços. (SAEB, 2016, n.p).

A justificativa é que este formato garante a flexibilização da ação do estado na execução de políticas públicas, repassando para o terceiro setor a tarefa de realizar serviços assegurando o caráter público da ação, como podemos conferir no texto abaixo:

Por meio do PEOS, o Estado, realiza a transferência da gestão de serviços e atividades não exclusivas para o setor público não estatal, assegurando o caráter público à entidade de direito privado, bem como autonomia administrativa e financeira. Esta relação entre as OS e o Governo Estadual é efetivada através de um contrato de gestão, instrumento jurídico regulador responsável pela formalização de parceria para fomento e execução de atividades e serviços de interesse público. (SAEB, 2016, n.p).

Este foi o modelo implantado para executar o programa Neojiba, o estado da Bahia promoveu a seleção de uma entidade, por meio de edital, e firmou parceria com a sociedade civil.

1.2 Contrato de Gestão: Legislação, Monitoramento e Avaliação

O Neojiba ainda se apresenta como uma política inovadora na Bahia, não apenas pelo seu modelo de gestão, como apresentamos no item anterior, mas principalmente pela proposta de intervenção através da prática musical coletiva.

A opção pelo contrato de gestão tem de fato a seu favor a flexibilidade administrativa na contratação de pessoal, aquisição de bens e a possibilidade de captação de recursos extracontratuais, como já citado no item anterior.

A parceria se materializa através da Lei Estadual nº 8647/2003, que regulamenta o Conselho de Gestão das Organizações Sociais – CONGEOS, órgão consultivo e deliberativo, que no seu artigo 2º, define a competência do conselho que é supervisionar e coordenar a implantação do Programa Estadual de Organizações Sociais no estado da Bahia. O conselho, segundo a lei, é encarregado de acompanhar, monitorar e avaliar as políticas públicas executadas por organizações sociais em território baiano.

Segundo o manual de gestão da SAEB, o monitoramento direto da execução do contrato é uma responsabilidade da Secretaria a qual a ação está vinculada, que constitui uma Comissão de Monitoramento e Avaliação - CMA com servidores para acompanhar os resultados e orienta a OS quanto aos ajustes necessários na execução do contrato. Verificamos no texto abaixo:

Para garantir a conformidade da execução contratual e a qualidade no serviço prestado pela OS, é necessário que a Secretaria contratante realize o acompanhamento, monitoramento e avaliação do contrato firmado com a entidade. Estas atividades são ferramentas de gestão essenciais para subsidiar as tomadas de decisão.

A CMA é responsável por verificar o cumprimento das cláusulas contratuais, metas pactuadas e execução financeira do contrato de gestão a que está vinculada, não se restringindo à emissão do relatório conclusivo final, já que o monitoramento legalmente previsto implica em acompanhamento permanente e avaliações parciais frequentes. (...) O acompanhamento, monitoramento e avaliação de desempenho são instrumentos essenciais para que a Secretaria contratante possa se assegurar de que a OS está apresentando os resultados planejados. (SAEB, 2016, pp.49-50).

E é tarefa da Comissão de Monitoramento e Avaliação – CMA elaborar relatórios técnicos, visitas técnicas, realizar reuniões para discutir a execução das metas do contrato e nos casos de descumprimento aplicar descontos dos recursos financeiros.

Sendo a Comissão de Monitoramento um braço do Estado na execução dos contratos de gestão, refletimos como ocorre efetivamente o acompanhamento destas ações considerando

a complexidade deste acompanhamento, as condições objetivas para realizar o monitoramento, e garantir o resultado esperado pelo poder público e pela sociedade e em especial pelo público assistido.

Embora não seja nosso objeto de pesquisa, destacamos a importância de se realizar estudos que analisem os benefícios ou prejuízos que este modelo pode trazer a administração e ao público beneficiado de programas sociais executados pela sociedade civil. Refletir sobre esse modelo de gestão permite à sociedade e ao poder público fazer uma avaliação que pode levar ao aprimoramento da execução de políticas públicas.

1.3 Metodologia e princípios

A metodologia do programa como já comentado acima tem como referência o trabalho realizado no programa venezuelano, no Neojiba a metodologia é sistematizada no documento elaborado pelo Instituto de Desenvolvimento Social pela Música – IDSM, chamado Plano Político Pedagógico – PPP, que recorreremos para melhor entender a prática de musicalização coletiva adotada pelo Programa.

Na introdução do documento (na sua 4ª revisão em 2022), para contemplar a missão institucional o documento passa por constantes revisões, afirma-se que esta prática abre o programa para um processo de reflexão e registros constantes em uma dinâmica de reuniões com as equipe de trabalho, o documento também aponta para uma visão de futuro, estabelecendo metas a serem cumpridas nos próximos anos de gestão do Programa.

Como referência o programa apresenta os "5 Princípios Fundamentais do El Sistema", que são o referencial teórico inicial da metodologia e das ações pedagógicas do Neojiba, aqui relacionados: desenvolvimento social e excelência musical; atividade musical em grupo; encontros frequentes; acesso não seletivo; conectividade em rede.

Para apresentar a metodologia e os princípios adotados pelo programa faremos uma breve exposição de cada princípio com base no conteúdo encontrado no PPP e observações relacionadas a problematização desta pesquisa.

O desenvolvimento social ocorre através da excelência musical, como via de mão dupla que se retroalimenta e a busca da excelência leva o integrante à integração social. Enquanto pesquisadora é possível afirmar que o cotidiano das crianças, adolescentes e jovens que participam do programa é dinâmico, a motivação também faz parte das aulas de música

em conjunto, os desafios apresentados no exercício do aprendizado levam a firmar laços de amizade o que amplia a motivação.

O outro princípio que trata da atividade musical em grupo, segundo o documento, deve ocorrer em formações orquestrais/instrumentais e de canto coral. Afirma-se que as atividades e o conhecimento devem ser aprendidos e compartilhados no grupo e com o grupo de maneira cooperativa. Observando o cotidiano dos núcleos e a definição deste princípio entendo que ele é uma extensão do princípio do desenvolvimento e da excelência musical.

Nos encontros frequentes, afirma-se que para se obter êxito é necessário uma prática deliberada e que os grupos devem se encontrar idealmente no mínimo três vezes por semana e por períodos de duas a três horas por encontro. A partir das observações para pesquisa identificamos que a frequência dos encontros interfere na motivação e nos resultados alcançados pelos integrantes.

O acesso não seletivo é fundamental para uma política pública que tem o objetivo de atender através do programa uma população carente. No PPP consta que as atividades devem ser gratuitas e sem seleção, se afirma que é fundamental oferecer a instrução, os instrumentos, o material didático sem custos para todos os integrantes. Porém dentro do texto se esclarece que a continuidade de cada integrante no Programa deve ser avaliada mediante o desempenho, a frequência e o esforço de cada um, não necessariamente em relação ao desenvolvimento técnico alcançado na música, mas na observância dos objetivos de crescimento e desenvolvimento como pessoa e cidadão.

Observamos que para o ingresso nos grupos de iniciação musical não tem processo seletivo mas o ingresso nas formações principais como as orquestrais e o coro, tem audição. A justificativa encontrada no documento é que nestes grupos também são formados os multiplicadores do programa junto aos núcleos de prática musical.

Os integrantes mais instruídos e experientes, que participam das formações principais, recebem orientação de professores convidados de instituições musicais renomadas, e a partir do pagamento de uma bolsa auxílio contribuem na formação instrumental dos outros integrantes do programa que se encontram em uma fase inicial nos núcleos de prática musical.

O último princípio trata da conectividade em rede, o conceito de rede aparece como uma possibilidade de trânsito interno do integrante dentro do Programa, podendo o integrante se candidatar a intercâmbios ou transferência para outros núcleos ou grupos musicais. A

conectividade proposta visa dar oportunidades e motivação aos integrantes para ampliar a troca de experiências não só no seu núcleo, como também em outros espaços.

No princípio da conectividade em rede, identificamos a busca pela aproximação dos integrantes nos diversos núcleos, possibilitando maior intercâmbio que foi vivenciado no período de pandemia Covid-19 que impôs o isolamento social, assim os encontros virtuais possibilitam maior aproximação dos integrantes, em especial, os que moram no interior do estado.

A metodologia adotada pelo programa busca garantir o aprendizado através da prática musical como algo natural, aberto a todos, independente de talento ou predisposição especial, rompendo preconceitos e criando possibilidades para as crianças, adolescentes e jovens baianos.

Além dos princípios apresentados acima, o programa tem como lemas, que auxiliam no alcance dos resultados, “Aprende quem ensina” e “Lugar de plateia é no palco” estes orientam as ações de multiplicação do conhecimento. “Aprende quem ensina” é um lema que motiva no compartilhamento de conhecimento, se coloca como uma oportunidade de exercitar na prática a teoria (IDSMM-Projeto Político Pedagógico, 2020, p.14).

O lema “Lugar de plateia é no palco” traz a possibilidade da prática musical aberta a todos, independente de talento ou predisposição especial. No documento se enfatiza que “havendo condições externas adequadas, tais como ambiente facilitador da concentração, orientação e regularidade, qualquer pessoa é capaz de cantar ou tocar um instrumento, recebendo assim os inúmeros benefícios da prática musical.” (IDSMM-Projeto Político Pedagógico, 2020, p.15).

Um potencial e ao mesmo tempo um desafios é a própria diversidade na faixa etária dos integrantes, o instituto esclarece as estratégias usadas no dia a dia, como destacamos a seguir:

As diferentes faixas etárias que compõem as turmas também representam um desafio. Não obstante, é através das metodologias que esses desafios são enfrentados e superados, novas relações são estabelecidas e novas possibilidades de aprendizado surgem, em um movimento constante do planejar – fazer – avaliar – planejar, um ciclo que se retroalimenta diariamente. (IDSMM-PPP, 2020, p.46).

Observamos no dia a dia dos núcleos que as atividades são intensas e dinâmicas, pois trata-se de um público com muitas particularidades, em especial pela questão geracional, pela

frequência dos encontros e o tempo de convivência que a depender do grupo, as turmas têm de 9 a 15 horas de atividade por semana.

No PPP encontramos o pensamento educacional do programa, este destaca que se ampara em múltiplas estratégias de ensino, recorre a autores que estudam o tema com frequência e garante que a metodologia passa por ajustes necessários à realidade de cada turma.

Dessa forma, o pensamento educacional do Programa NEOJIBA não segue apenas uma ou algumas poucas propostas de educação musical, mas sim busca ampliar estes horizontes através da incessante pesquisa por estratégias motivadoras e eficazes de se ensinar música, aliadas à análise constante das necessidades de aprendizagem de cada turma, de cada contexto, e da melhor opção de aplicação de metodologia para aquele cenário. Portanto, qualquer tentativa de reduzir a metodologia de educação musical do NEOJIBA a apenas um ou dois autores cairia no erro de não prever todas as necessidades e possibilidades que se apresentam no dia a dia, oriundas do perfil de integrantes que são atendidos em cada espaço educativo.

Temos ciência ainda que cada membro da equipe pedagógica do NEOJIBA carrega em si experiências pedagógicas anteriores e diferentes formações na área, acentuadas pela diversidade de profissionais hoje presentes no corpo docente. (IDSM-PPP, 2020, p.46).

Observamos durante a pesquisa a presença de profissionais de outros estados e países acompanhando os trabalhos do Neojiba, uma demonstração de troca de conhecimento e experiência entre os envolvidos, proporcionando o crescimento da produção, das novas formas de ensino da música e ampliando o olhar para responder às demandas sociais inerentes a uma política pública.

Identificamos também que um dos destaques nesta política é o acesso irrestrito ao instrumento musicais que muito contribui para ampliar o tempo de prática e leva o aprendizado para dentro da família e comunidade.

1.4 Mudança de Secretaria e a ampliação do trabalho social

Em 2014, em um novo governo, também comandado pelo Partido dos Trabalhadores, o estado passa por mais uma reestruturação administrativa, cria a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), e percebendo o potencial do Neojiba assim como o perfil do público atendido, o novo governador transfere o programa para esta nova secretaria com a tarefa de integrar o programa as políticas da assistência social e dos direitos humanos no estado.

Para responder a essa estrutura, o organograma do programa foi ampliado com a criação da coordenação de desenvolvimento social, formada por assistentes sociais e

psicólogos, essa coordenação é ligada à diretoria artística. Hoje o organograma do programa é formado por um diretor geral, diretoria de desenvolvimento institucional, administrativa-financeira, musical e educacional.

O setor de Desenvolvimento Social do Neojiba foi criado em 2014, logo passou a ocupar um espaço estratégico dentro do programa, o setor que vem crescendo ao longo dos anos com o aumento no número de profissionais, essa matéria também é tratada no PPP:

O Programa conta com o Setor de Desenvolvimento Social (SDS), formado por profissionais das áreas de Serviço Social e Psicologia, que visa contribuir com a prevenção de riscos pessoais, sociais e coletivos, bem como seus agravos, às crianças, adolescentes, jovens e familiares.

As práticas desenvolvidas com o público atendido requerem formas de atendimentos eficazes e efetivos, fundamentadas na Política Nacional de Assistência Social, Estatuto da Criança e do Adolescente e Estatuto da Juventude, de modo a possibilitar o acesso a bens e serviços, contribuindo para o protagonismo cidadão. (IDSM-PPP, 2020, p.38).

Foi um marco para o programa implantar este setor que desenvolve um trabalho de destaque contando com uma equipe formada por assistentes sociais e psicólogos, num olhar integral do público assistido e na perspectiva de construir mediações.

O trabalho social se inicia com o levantamento dos dados cadastrais dos integrantes com informações da saúde, escolaridade, situação socioeconômica, moradia, etc. Com este perfil traçado a equipe planeja o atendimento e acompanhamento psicossocial dos integrantes e familiares, assim como o encaminhamento a rede de proteção social, como podemos observar no texto abaixo:

O atendimento psicossocial individualizado e/ou em grupo aos integrantes e seus familiares utiliza o diálogo, a escuta, a interpretação e a análise como elementos para a compreensão dos aspectos que envolvem a realidade biopsicossocial. Nessa perspectiva são utilizadas estratégias de intervenção, tais como: entrevista, visita domiciliar (quando necessário), contato telefônico, além do acolhimento que rodeia toda ação dos profissionais pautada na ética e na atenção integral.

Como resultado deste atendimento, o Setor de Desenvolvimento Social encaminha os integrantes e/ou famílias aos serviços da rede de proteção social, acompanhando periodicamente a situação do integrante e da família. (IDSM-PPP, 2020, p.39).

Os encontros frequentes com as famílias e/ou responsáveis e acompanhamento do percurso formativo que tem por finalidade, segundo o próprio PPP, contribuir para o melhor desempenho das crianças, adolescentes e jovens, de modo a possibilitar a integração das atividades pedagógicas desenvolvidas no Programa com as atividades escolares desenvolvidas pela escola. Já os encontros com os familiares são realizados e tem como objetivo aproximar

as famílias do programa e estimular a participação ativa, como podemos observar na proposta da equipe:

As abordagens às famílias dos integrantes partícipes do programa são realizadas por meio de encontros e reuniões, que visam possibilitar a aproximação com o desenvolvimento musical, articulando a proposta social e educacional do Programa. Nestes encontros também são abordados assuntos que possam agregar conhecimento e promover reflexões críticas, atendendo à proposta de desenvolvimento da cidadania, educação, saúde e acesso às políticas públicas, entre outros. (IDSM-PPP, 2020, p.40).

Outra ação que se destaca é a orientação profissional feita junto aos integrantes em situação de iminente desligamento, feita pela equipe do desenvolvimento social, que busca contribuir com a reflexão das perspectivas de futuro.

As atividades grupais e atendimentos individuais que correspondem a orientação profissional e/ou social têm o objetivo de proporcionar reflexões e mobilização pessoal para o processo de planejamento de vida, autoconhecimento, a identificação de potenciais, interesses, paixões, o estabelecimento de estratégias e metas para o alcance dos seus próprios objetivos. Essa proposta considera ainda a leitura do contexto em que as populações adolescentes e jovens estão inseridas, respeitando a heterogeneidade e particularidades dos grupos numa perspectiva interdisciplinar. (IDSM-PPP, 2020, pp.40-41).

Durante visitas aos Núcleos e a partir das entrevistas é possível afirmar a importância deste trabalho junto aos integrantes e familiares. Para os jovens é um diferencial o apoio recebido dentro do programa no seu amadurecimento e tomada de consciência. Eles reconhecem que a sua participação no programa é transitória e sabem da necessidade de se preparar para um futuro fora dos muros do programa.

Portanto, na condição de projeto social, o programa passou a incorporar ações que respondessem à política da assistência social e de direitos humanos, como exemplo a articulação junto à rede de proteção social e o acompanhamento do percurso formativo escolar, numa visão mais integral da criança, adolescente e do jovem como apresentado acima.

Hoje, o programa é formado por 13 (treze) Núcleos, sendo 7 (sete) na capital, incluindo o núcleo central onde funcionam as orquestras principais e o Coro juvenil e 6 (seis) Núcleos distribuídos entre os municípios de Feira de Santana, Vitória da Conquista, Teixeira de Freitas, Jequié, Simões Filho e Lauro de Freitas.

Registra-se no PPP que trabalham integrados a equipe do setor social, a equipe pedagógica e a artística. Cada Núcleo tem um técnico de referência do Desenvolvimento

Social para acompanhar o cotidiano dos integrantes, realizar o acompanhamento do percurso formativo, atendimento junto às famílias e os devidos encaminhamentos nos núcleos.

Em 2019, o programa passou por outro momento de expansão e crescimento com a inauguração da sede, no Parque do Queimado, bairro da Liberdade, em Salvador, sendo este adaptado à estrutura com a requalificação do espaço e com tratamento acústico.

Silva (2015) entrevista a diretora institucional do Neojiba, Elizabeth Ponte, e a ela pergunta pela importância da nova sede, a entrevistada afirma acreditar que este equipamento não será apenas importante para viabilizar o desenvolvimento de atividades pedagógicas para os seus grupos musicais ou sua administração, mas para a conservação do projeto. Ela afirma que:

(...)a existência de uma sede vai ser essencial para a identidade do Programa [...] E vai ser um fator muito importante para a captação de recursos. Uma sede, um espaço físico, possibilita que a gente realize muito mais ações, que tenha muito mais possibilidade de agregar parceiros, de atrair as empresas interessadas. (SILVA, 2015, p.33).

O núcleo central funciona na sede do programa, que está instalada no Parque do Queimado, um prédio histórico que abrigou a primeira central de tratamento e distribuição de águas do Brasil. Na foto abaixo visualizamos uma parte do prédio que passou por uma reforma e adaptação com tratamento acústico, composto por salas de aulas e a sala principal. Este espaço vem sendo palco de intercâmbio e apresentações públicas dos grupos que compõem os núcleos e convidados.

Figura 01 – Orquestra Castro Alves



Fonte: Instituto de Desenvolvimento Social pela Música - IDSM.

Na Figura 01 temos o registro fotográfico de uma das formações do Neojiba, a Orquestra Castro Alves-OCA, que foi tirada no dia 31/07/2019, em frente à sede do programa, no Parque do Queimado, bairro da Liberdade. A sede conta com infra estrutura e abriga o Núcleo Central que será apresentado em seguida, assim como os outros núcleos do programa.

1.5 Funcionamento dos Núcleos do Neojiba

Como já falamos, o programa funciona com 13 Núcleos, distribuídos pela capital e interior do estado, com estruturas físicas, atividades musicais, acompanhamento pedagógico e psicossocial, de segunda a sexta-feira, com 9 a 15 horas semanais de atividades musicais. Cada Núcleo tem suas formações musicais como por exemplo as Orquestras, Cameratas, Canto Coral e Iniciação musical, atendendo a um público de idade entre 6 a 27 anos.

O Neojiba possui núcleos nos centros das cidades e em bairros populares. O acesso ao programa é gratuito e cada integrante, ao ingressar, recebe um instrumento musical de uso individual, cuja guarda, conservação e uso fica sob sua responsabilidade, tendo o direito de levá-lo para suas casas. As atividades musicais e sociais são planejadas a partir do Núcleo Central, todos os núcleos oferecem lanche diário e os integrantes recebem camiseta com a identificação do programa.

Vamos fazer um passeio pelo estado da Bahia para conhecer os núcleo, número de participantes, ano de criação, parcerias, iniciando em Salvador pelo Núcleo Central, que segundo o PPP é o responsável pela formação dos multiplicadores:

O NCN é o Núcleo central do Programa NEOJIBA, sediado em Salvador e responsável pelo apoio na criação e estruturação logística e pedagógica dos demais Núcleos do Programa NEOJIBA, incluindo a formação pedagógica de monitores orquestrais locais. Ele concentra a administração do programa em todo o Estado da Bahia, coordenando o funcionamento e o desenvolvimento das orquestras e grupos musicais. O NCN é também onde acontece a formação dos integrantes do Programa NEOJIBA nas áreas de execução instrumental, iniciação musical, regência, criação e manutenção de arquivo musical e digital, manutenção e reparação de instrumentos musicais, e produção, capacitando-os assim a atuarem como agentes e multiplicadores na criação de outros Núcleos no Estado da Bahia. No NCN também se apoia a preparação e capacitação de professores na área musical atuantes no Estado da Bahia, além de ser o centro no qual se coordena e administra as atividades do Atelier Escola de Luteria – AEL e do Setor de Arquivo. (IDSM-PPP, 2020, p. 27).

É no Núcleo Central que se concentra a administração do programa. Suas definições orientam todos os Núcleos da capital e do interior. Assim, a coordenação e funcionamento dos

núcleos passa por um alinhamento de metodologia e princípios já definidos e apresentados acima.

Abaixo apresentamos na Figura 02 o mapa temático da cidade de Salvador, com a localização geográfica dos sete (7) Núcleos do Neojiba, propiciando ao leitor uma visão espacial dos bairros da Liberdade, bairro da Paz, Nordeste de Amaralina, Pirajá, Itapagipe, Nazaré e Campo Grande onde funcionam os núcleos do programa.

Figura 02 – Mapa Núcleos Neojiba em Salvador



Fonte: Mapa temático elaborado pela autora, em 2023.

O Núcleo Central funciona, hoje, no Parque do Queimado, localizado no bairro da Liberdade, implantado junto com o programa em 2007, como já citado anteriormente, e atende a 587 integrantes. É a partir deste Núcleo que se coordena o funcionamento e o desenvolvimento do trabalho musical, pedagógico e social, considerando as particularidades de cada comunidade e suas parcerias. Ele abriga as formações principais do programa como a Orquestra 2 de Julho, a Orquestra Castro Alves, a Orquestra Pedagógica Experimental, Iniciação a Cordas, Iniciação Musical e Coro Juvenil.

No geral, os núcleos funcionam em espaços cedidos por parceiros. A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, é parceira do Núcleo no bairro da Paz, implantado em 2013, hoje atende a 172 integrantes. No bairro do Nordeste de Amaralina, a parceria é com o Colégio

Estadual Polivalente de Amaralina, implantado em 2016, o núcleo atende 71 integrantes. Em Pirajá a parceria é com o Centro de Cidadania e Cultura de Pirajá, implantado em 2016, atendendo a 76 integrantes.

O Núcleo Musical Cordas Dedilhadas, funciona no bairro de Nazaré em parceria com uma organização religiosa chamada Sociedade de Assistência e Cultura Sagrado Coração de Jesus, implantado em 2019, atendendo a 82 integrantes. Em Itapagipe, funciona o Núcleo com parceria do SESI/FIEB, implantado em 2011, atendendo a 110 integrantes e no centro da cidade, em parceria com o Teatro Castro Alves, o Núcleo, funcionando no próprio Teatro, implantado em 2019 e atendendo 58 integrantes.

Sáimos da capital e fomos em direção ao interior do estado que tem 417 municípios, mas, apenas sete contam com a presença dos núcleos de prática musical coletiva. Observando o mapa temático, na Figura 03, identificamos as regiões oeste, norte e centro do estado com ausência de núcleos do programa Neojiba. Enquanto política pública, observamos a sua baixa cobertura, considerando o tamanho do estado. Fica a questão para os gestores de como ocupar estes vazios.

Figura 03 – Mapa Núcleos Neojiba na Bahia



Fonte: Mapa temático elaborado pela autora, em 2023.

Na região metropolitana, no município de Lauro de Freitas, o núcleo funciona em parceria com a Aldeias SOS Brasil e a Prefeitura Municipal, foi implantado em 2022 e atende

a 200 integrantes. Em Simões Filho a parceria é com as Obras Sociais Irmã Dulce, o núcleo foi implantado em 2011 e atende a 225 integrantes. Já o núcleo de Jequié, que fica no sudoeste da Bahia, a parceria é entre a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e a prefeitura Municipal de Jequié, implantado em 2018 e atende a 93 integrantes.

Num esforço de interiorização e ampliação do atendimento do Neojiba, o Núcleo Central foi tomado como referência para a implantação de três núcleos territoriais, nos municípios de Feira de Santana, Vitória da Conquista e Teixeira de Freitas, cada um assistindo aos projetos de música coletiva parceiros nas cidades que compõem sua abrangência territorial.

O núcleo territorial de Feira de Santana, localizado no centro-norte baiano, é uma parceria com o Centro Social Urbano, implantado em 2014 e atende a 292 integrantes. O município de Vitória da Conquista, sudoeste do estado, tem como parceiros o Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima e a Secretaria de Cultura do Estado, esse foi implantado em 2016 e atende a 231 integrantes. Já no de Teixeira de Freitas, localizado no extremo sul do estado, a parceria é com a instituição religiosa Paróquia São José Operário, o núcleo foi implantado em 2019 e atende a 108 integrantes.

Durante a pesquisa observamos que a existência do Núcleo Neojiba em um bairro ou uma cidade altera a rotina dos participantes e de suas famílias, as ruas ficam tomadas pela música durante as atividades. A chegada e saída das crianças e jovens carregando seus instrumentos, vestidos com as camisas coloridas do Neojiba altera o colorido do bairro.

Crianças, adolescentes e jovens empoderados e confiantes circulando pelas ruas, uma imagem representativa que simboliza a construção de novos caminhos, a superação de uma realidade marcada por desigualdade, como podemos constatar no item abaixo que apresenta breve perfil do público beneficiário do programa.

1.6 Perfil do público beneficiário do programa no período de 2015 a 2020

Depois de conhecer um pouco a história da criação do programa, seu modelo de gestão, legislação, metodologia, princípios, mudança de secretaria, trabalho social, funcionamento dos núcleos, vamos apresentar o perfil do público atendido pelo programa no período de 2015 a 2020. O documento base para este trabalho foi o Mapa Social, já apresentado anteriormente, o qual usamos nesta pesquisa para apresentar o perfil socioeconômico das crianças, adolescentes e jovens integrantes do programa.

O número de cadastrados variou entre 996 integrantes em 2015 a 1871 em 2020. Em 2015, foram 996 integrantes, esse número cresceu entre os anos de 2016 a 2018. Em 2016 foram 1279. Em 2017 a participação foi de 1542. Em 2018 houve um novo crescimento, passando para 1871. Já em 2019, houve uma redução para 1736 integrantes cadastrados e em 2020 um novo aumento para 1.871.

Considerando que a cada ano tem um número de cadastrados, usaremos para análise abaixo o valor em percentual. Passamos a analisar as categorias: raça, gênero, renda mensal e conflito e/ou violência na área da moradia/domicílio, durante o período de 2015 a 2020.

Dados sobre o perfil – Cor/Raça

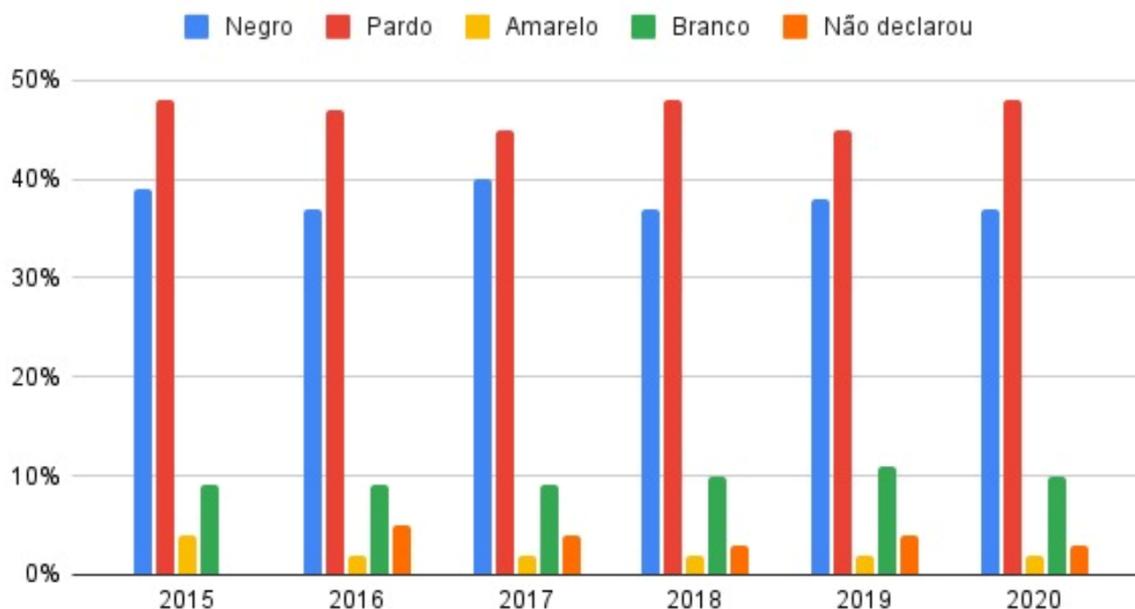
O questionário de cadastramento elaborado pela equipe do desenvolvimento social do Neojiba apresentou para as respostas na questão de Cor/Raça as opções: Branco; Negro; Pardo e Amarela.

Em 2015, os integrantes que se autodeclararam negros representaram 39%, os pardos foram 48%, apenas 4% amarelos e mais 9% brancos. A soma de negros e pardos em 2015, representou 87% dos integrantes no programa. Em 2016 a soma de negros e pardos foi para 84%, sendo 37% negros e 47% pardos, 9% brancos, 2% amarelos e 5% não declararam sua cor ou sua raça.

Em 2017, 45% se autodeclararam pardos e 40% negros, a soma dos dois representou 85%. Brancos foram 9%, amarelos 2% e 4% não declararam cor ou raça. Em 2018 houve um aumento e os que se autodeclararam pardos representaram 48% enquanto 37% se autodeclararam negros, 10% brancos, 2% amarelo e 3% não declararam cor/raça. A soma neste ano de pardo ou negro manteve o mesmo percentual de 2017, que foi 85%.

Em 2019, 38% integrantes se declararam negros, 45% pardos, 2% amarelos, 11% brancos e 4% não declararam cor/raça. Neste ano houve uma pequena redução no percentual de pardo e negro, que passou para 83% e em 2020 voltou para 85% , sendo que em 2020 48% declararam pardos, 37% negros, 10% brancos, 2% amarelo e 3% não declararam.

Figura 04 – Gráfico integrantes do Programa Neojiba por Cor/raça:



Fonte: IDSM – Instituto de Desenvolvimento Social pela Música. Gráfico elaborado pela autora, em 2023.

Analisando os percentuais por ano é possível notar que entre os anos estudados, os que se autodeclararam pardo ou negro variaram entre 83% e 87% dos integrantes. Conforme gráfico da Figura 04, constatamos que no período estudado não houve variação significativa dos percentuais de cor/raça com o público de crianças, adolescentes e jovens integrantes do programa Neojiba se mantendo majoritariamente formado por negros e pardos.

Sendo a maioria dos participantes do Neojiba composta por moradores da capital do estado, podemos perceber que o percentual de negros e pardos entre os integrantes do programa supera o percentual de negros e pardos que habitam a capital, já que “Salvador possui mais de 70% da população de negros (IBGE, 2010), mas essa população não dispõe de direitos igualitário no espaço urbano.” (CRUZ & SANTANA, 2020, p.7).

Os autores apresentam o entendimento que “a estrutura racista potencializa um ciclo de vulnerabilidade, já que o racismo faz parte de um processo histórico e passa por mutações que permitem a sua reprodução até hoje” (CRUZ & SANTANA, 2020, p.11). É neste contexto de precarização dos direitos que vive a população negra de Salvador.

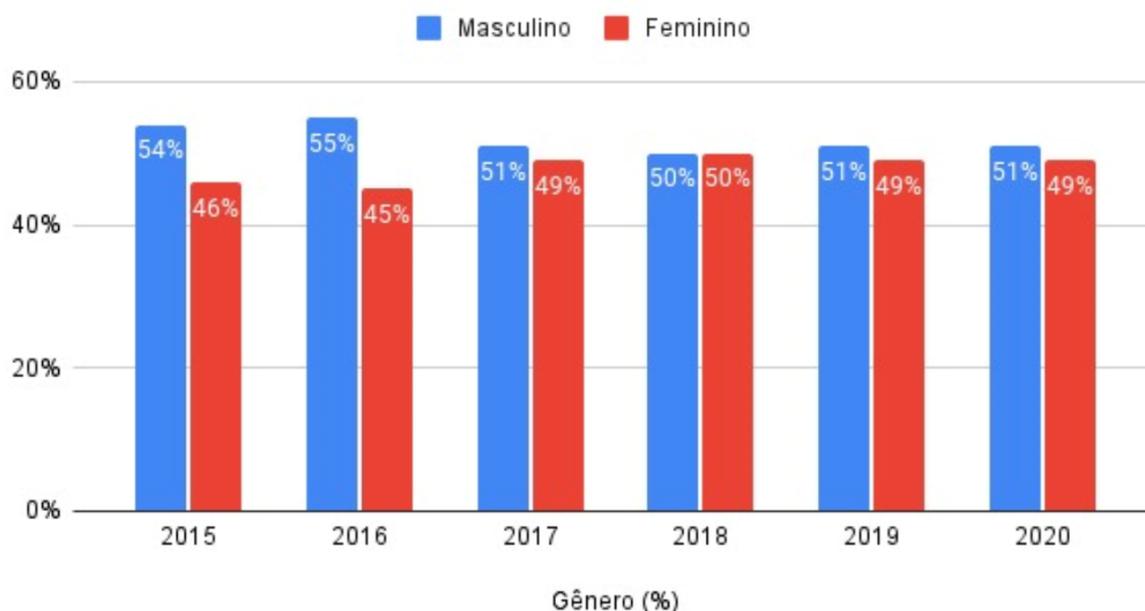
Colaborando com esse entendimento, Bourdieu nos seus escritos faz referência à questão racial no Brasil e diz que “o racismo mascarado à brasileira seria, por definição, mais perverso já que dissimulado e negado.” (BOURDIEU, 2007, p.22).

A negação do preconceito racial, como afirma Bourdieu (1998), existente em nossa sociedade é real, elemento dificultador para a sua superação, para o enfrentamento desta mazela que precisa de mais com políticas públicas para promover a reparação desta perversão que ainda mancha a nossa história.

Dados sobre o perfil – Gênero

A questão de gênero não foi abordada em sua profundidade e complexidade, apenas quantificada a declaração do número de integrantes como masculino e feminino por ano. Em 2015, foram 54% formados pelo gênero masculino e 46% pelo gênero feminino. Em 2016, 55% masculino e 45% feminino. Em 2017, 51% masculino e 49% feminino. Em 2018, houve um empate no percentual de participação tendo como resultado 50% tanto para o masculino como para o feminino. Em 2019, o público feminino cresceu e passou para 51% e o público masculino a 49%. Em 2020 manteve o mesmo número do ano anterior, 51% de público feminino e 49% masculino.

Figura 05 – Gráfico dos Integrantes do Programa Neojiba por Gênero:



Fonte: IDSM – Instituto de Desenvolvimento Social pela Música. Gráfico elaborado pela autora, em 2023.

Conforme gráfico da Figura 05, nos anos de 2015 e 2016 teve maior participação o gênero masculino, mas este cenário foi sendo alterado, o público feminino ultrapassou o percentual masculino em 2019 e 2020. Mesmo com a variação de percentual, que foi pequena,

podemos constatar que existe um equilíbrio nos números de participação do gênero masculino e feminino.

Dados Socioeconômico – Renda mensal

Para analisar os dados socioeconômicos, no quesito renda se esclarece que foi considerado como rendimento bruto mensal, a soma dos rendimentos de todos os moradores do domicílio, não consideradas como renda a bolsa auxílio do programa, assim foram levantados os dados por ano para melhor traçar o perfil dos integrantes.

Em 2015, o recadastramento dos integrantes aponta que 65% das famílias vivem com a renda mensal de meio a 2 salários mínimos. 16% possuem uma renda mensal entre 2 e 3 salários mínimos; 15% têm renda entre 3 a 5 salários mínimos e 4% não informaram ou não souberam a renda mensal da família.

Em 2016, o mapa social revela uma queda significativa no número de integrantes cujo as famílias possuíam renda mensal de meio a 2 salários mínimos, passando esse percentual dos 65% de 2015 para 60% em 2016. 11% possuem renda mensal entre 2 e 3 salários mínimos; 10% de 3 a 5 salários e 19% não informaram ou não souberam a renda mensal da família, este percentual cresceu em comparação aos outros anos.

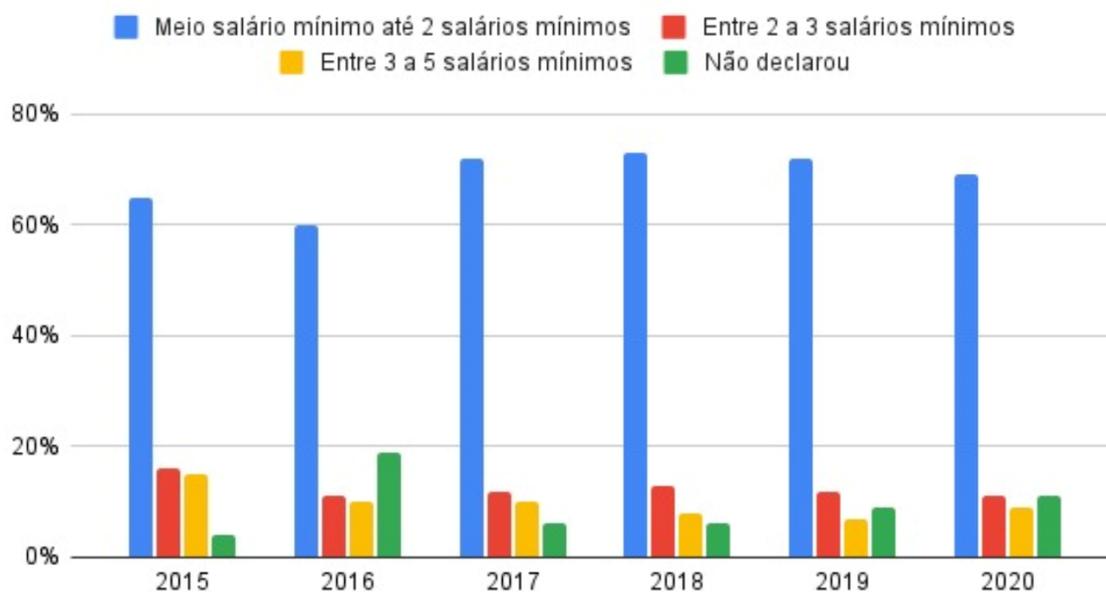
Em 2017, 72% possuem renda mensal de meio à 2 salários mínimos; 12% possuem renda de 2 à 3 salários mínimos; 10% possuem renda entre 3 a 5 salários mínimos e 6% não souberam qual a renda mensal da família.

Em 2018, houve um pequeno crescimento no percentual de famílias nas faixas meio à 02 salários mínimos que passou para 73%, e na de renda entre 02 e 03 salários mínimos que passou para 13%. O percentual dos que não informaram ou não souberam informar manteve em 6%. Já no caso das famílias com renda entre 03 e 05 salários mínimos houve uma queda de 2% passando essa faixa a representar 8% dos integrantes do programa.

Em 2019, 72% possuíam renda mensal entre meio e 02 salários mínimos; 12% tinham renda entre 02 e 03 salários mínimos; 7% entre 03 e 05 salários mínimos e 9% integrantes não informaram ou não souberam a renda mensal da família.

Em 2020, 69% possuíam renda mensal de meio a 02 salários mínimos; 11% entre 02 e 03 salários mínimos; 9% entre 03 e 05 salários e 11% não informaram ou não souberam a renda mensal da família.

Figura 06 – Gráfico dos integrantes do Programa Neojiba por Renda familiar mensal



Fonte: IDSM – Instituto de Desenvolvimento Social pela Música. Gráfico elaborado pela autora, em 2023.

Assim, quanto à renda, fica comprovado que a grande maioria dos integrantes tem renda familiar entre meio a 2 salários mínimos, percentual que oscilou entre 60% e 73%. Não é possível precisar, neste estudo, os fatores que explicam essas variações, mas podemos indicar algumas pistas como as mudanças de localização dos núcleos nas cidades e as alterações no cenário econômico.

Encontramos em documentos institucionais a referência sobre este período recente onde se afirma que “com a chegada da epidemia do COVID-19 na Bahia, o NEOJIBA foi afetado pela suspensão das atividades presenciais, impactando diretamente nossa rotina e nossos princípios fundamentais, principalmente os da “atividade musical em grupo” e dos “encontros frequentes”. (IDSM-PPP, 2020, p.80).

Segundo o IDSM, logo no início do isolamento social, foram lançadas as ações do NEOJIBA Online, estratégia para superar o isolamento imposta pela pandemia, usando plataformas digitais. O trabalho da prática musical passou a ser realizado através da modalidade de ensino remoto, utilizando para isso aplicativos, que segundo a direção do instituto, foram definidos em conjunto entre os participantes e de acordo com suas possibilidades e conhecimento tecnológico.

Embora esses recursos tenham garantido a permanência da grande maioria dos beneficiários, não foram suficientes para evitar perdas, e estas se verificaram justamente entre

os mais vulneráveis, que, como mostram os números acima, impactou numa redução de aproximadamente 3% do público com o perfil mais vulnerável entre os integrantes do programa.

Dados Socioeconômicos e Habitacionais – Conflito e/ou violência

Um quesito que avaliamos importante para trazer para a reflexão é quanto a percepção de violência, assim usamos o item *Sobre a presença de conflito e/ou violência na área de localização da moradia/domicílio*. Aqui queremos analisar as condições de moradia e identificar como os integrantes e familiares percebem a violência, mesmo sendo este tema carregado de subjetividade, e o nível de vulnerabilidade social destes sujeitos. Ao perguntar ao integrante ou a familiares se tem conflito ou violência na área próxima da sua moradia encontramos a seguinte resposta.

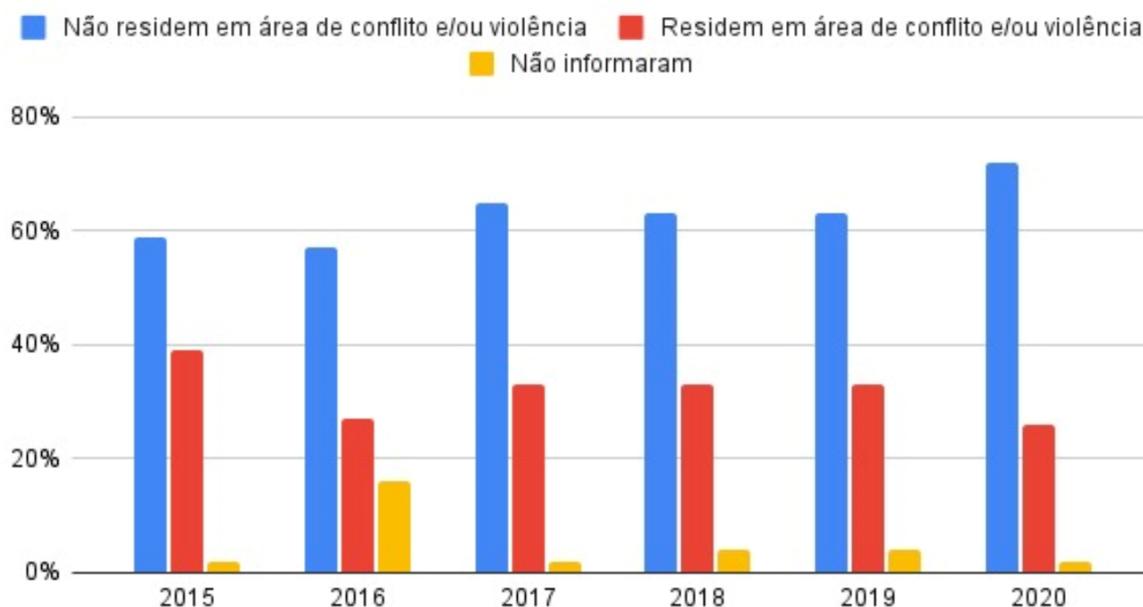
Em 2015, 59% declararam não residem em área de conflito e/ou violência; 39% declararam que residem em área de conflito e/ou violência; e 2% não informaram a respeito. Em 2016, o número caiu, 57% declararam que não residem em área de conflito e/ou violência comparando com 2015; assim como os que residem em área de conflito e/ou violência passou para 27%; e 16% não informaram a respeito.

Já em 2017, 65% declararam que não residem em área de conflito e/ou violência; 33% declararam que residem em área de conflito e/ou violência; e 2% não informaram a respeito. Em 2018, 63% declararam que não residem em área de conflito e/ou violência; manteve o percentual de 33% os que residem em área de conflito e/ou violência; e 4% não informaram a respeito.

Em 2019, 63% declararam que não residem em área de conflito e/ou violência; o percentual de 33% se manteve dos que residem em área de conflito e/ou violência; e 4% não informaram a respeito. Em 2020, 72% declararam que não residem em área de conflito e/ou violência, o percentual caiu para 26% dos que residem em área de conflito e/ou violência e 2% não informaram a respeito.

No item violência, durante os anos 2015 a 2020, aproximadamente 30% das crianças, adolescentes e jovens e familiares que integram o programa, declararam residir em área de conflito e/ou violência, este número demonstra as condições de vulnerabilidade. Os outros que responderam não residir em lugares violentos podem não reconhecer as condições de violência existentes no local de moradia ou negar a própria vulnerabilidade.

Figura 07 – Gráfico dos Integrantes do Programa Neojiba por Conflito e/ou violência:



Fonte: IDSM – Instituto de Desenvolvimento Social pela Música. Gráfico elaborado pela autora, em 2023.

Com os dados coletados e sistematizados podemos afirmar que o perfil do público participante do programa, no período de 2015 a 2020, é formado majoritariamente por negros e pardos, existe uma paridade quanto ao gênero, masculino e feminino. A renda mensal da maioria, de 60% a 70%, sobrevivem com meio a 2 salários mínimos, mais de 30% declararam residir em área de conflito e/ou violência, este número demonstra as condições de vida do público que integra o programa, traçando o perfil do público beneficiário do programa.

Até aqui apresentamos a organização do programa, com ênfase na sua história, nos instrumentos legais do contrato de gestão, a metodologia e princípios do programa que norteiam o seu fazer, o trabalho realizado pela equipe do desenvolvimento social, o funcionamento dos núcleos de prática musical e territorial e fechamos com a apresentação de dados do Mapa Social, que nos ajudou a traçar o perfil do público assistido, tendo como referência o período entre 2015 a 2020, a partir dos recorte de raça/gênero, renda familiar e conflito/e ou violência.

No próximo capítulo, *Notas teóricas e metodológicas*, traçamos uma apresentação do quadro teórico temático que subsidiou a pesquisa, partindo do entendimento da área da ciência política, e os conceitos – desenvolvimento humano, integração social e capital social e cultural.

Capítulo 2 – Notas teóricas e metodológicas

2.1 Política pública, desenvolvimento humano e integração social: pontos de partida conceituais

A formulação do problema de pesquisa se apoiou na área da ciência política, e trabalhou com os conceitos de desenvolvimento humano, integração social, capital cultural e capital social. A escolha dos conceitos foi sustentada pelos objetivos do programa que visa promover na Bahia o desenvolvimento e a integração social prioritariamente de crianças, adolescentes e jovens em situações de vulnerabilidade por meio do ensino e da prática musical coletiva.

A revisão bibliográfica foi fundamental, tanto para abordagem teórica como para a construção da metodologia. Buscando o entendimento dos conceitos de capital cultural e capital social, assim como os de, política pública, de desenvolvimento humano e de integração social, a revisão bibliográfica contribuiu para ampliar e aprofundar o problema apresentado pela pesquisa

Política Pública Social

A noção de política pública social foi problematizada a partir do contexto estadual da Bahia, buscando diálogo com os demais conceitos aqui mobilizados, desenvolvimento humano, integração social e capital social.

Para compreender o cenário baiano, local que se dá nossa pesquisa, foi assim a demanda inicial e, para isso recorreremos aos ensinamentos de Aragão (2011), ao apontar que mesmo com o crescimento da economia baiana em determinados períodos históricos, o estado ainda ocupa elevado índice de concentração de renda. Ele afirma que:

A Bahia reflete um descompasso entre o dinamismo da economia baiana e seus respectivos impactos sociais, principalmente sobre os níveis de rendimento da maioria da população. A concentração da produção e da propriedade e as conseqüentes desigualdades internas existentes nos seus subespaços indicam que a situação socioeconômica de expressivas parcelas da população pode ser ainda mais

precária do que a demonstrada nos indicadores para o Estado, como um todo de forma agregada. (ARAGÃO, 2011, p.158).

O autor acrescenta que a desigualdade socioeconômica na Bahia resulta dos condicionantes socioeconômicos, políticos e culturais. Ele aponta para o desafio de se desenhar um novo perfil socioeconômico para o estado da Bahia e a necessidade de acesso a plena cidadania, melhores condições de vida para sua população. Afirma ainda que é necessário adotar medidas voltadas ao combate da distância entre o dinamismo econômico e os impactos sociais que gera desigualdade social existente no estado.

Assim, diante da gênese e da evolução do processo de desigualdade social, torna-se necessário implantar um projeto de organização da sociedade que não negligencie o atendimento das demandas sociais, ou seja, um projeto que possa efetivamente atuar sobre a histórica dívida social que vem marcando a sociedade baiana. (ARAGÃO, 2011, p.177).

De maneira complementar à argumentação de Aragão (2011) em seu diagnóstico e proposta para combater as desigualdades no estado da Bahia, podemos considerar que as políticas sociais assumem um caráter regulador das relações sociais.

Segundo Sposati (1995): “É na correlação das forças sociais que a política social se estabelece e se modifica, a partir das transformações das relações de apropriação econômica, como também do exercício da dominação política.” (SPOSATI, 1995, p.33).

Colaborando com esse entendimento, Castro (2018) apresenta que a política social é elemento central para a produtividade do trabalho, do crescimento econômico e da queda da pobreza. Segundo o autor, ela amplia a participação ativa da população na busca pelos direitos, na consolidação da dignidade e da cidadania.

[...] um conceito organizador da política social como sendo o conjunto de políticas, programas e ações do Estado, com objetivo de efetuar a proteção e a promoção social em repostas aos direitos sociais e a outras situações não inclusas nos direitos referentes às contingências, necessidades e riscos que afetam vários dos componentes das condições de vida da população (CASTRO, 2012, p.1018).

O autor esclarece que a política social é formada por programas e ações do Estado com o objetivo de garantir a oferta de bens e serviços, na transferência de renda e regulação de

elementos do mercado. Logo, a política social deve garantir a proteção e promoção social, sendo estes ofertados pelo Estado ou por entidades da sociedade civil.

É neste espaço irrigado por contradições das políticas sociais e desigualdades impostas pelo capitalismo que se busca compreender o Neojiba, programa social, implantado pelo governo da Bahia, que atende a crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social enquanto política pública social.

Castro (2012), em seus estudos prova que é estratégico o papel das políticas públicas, a sua implantação possibilita a justiça social, o próprio desenvolvimento, com distribuição de renda, construindo bases para uma sociedade democrática e socialmente forte.

O autor defende que a política pública social é formada por programas e ações do Estado com o objetivo de garantir a oferta de bens e serviços, na transferência de renda e regulação de elementos do mercado. Para o autor:

[...] essas políticas afetam a situação social dos indivíduos, famílias e grupos sociais, induzindo melhorias na qualidade de vida da população e, ao mesmo tempo, dadas suas dimensões, alteram a economia e a autonomia de um país, o meio ambiente e o próprio patamar de democracia alcançado, tornando-se, assim, elemento fundamental para o processo de desenvolvimento nacional. (CASTRO, 2012, p.1012).

Portanto, a ausência do estado limita as condições de vida da população, empobrece a sociedade e compromete o futuro de atuais e novas gerações. É com essa clareza que o autor afirma que as políticas públicas alteram a condição social do indivíduo, da família, dos grupos, enfim de toda sociedade, promovendo melhorias na vida da população, no meio ambiente, com expectativa de crescimento, desenvolvimento econômico, social e político de uma nação.

Desenvolvimento humano

Destacamos que o conceito de desenvolvimento vem sendo construído e moldado, ao longo do tempo, a partir das forças políticas, econômicas e científicas da sociedade. Buscando compreendendo a complexidade deste conceito recorreremos aos ensinamentos de Santos (2012):

(...) é importante considerar que quando falamos em desenvolvimento estamos ao mesmo tempo falando de crescimento, bem estar, sustentabilidade, bem como subdesenvolvimento, carências, privações e desequilíbrios, ou ainda, de mudança, modernidade e ocidentalização, podendo assim ter vários sentidos. (SANTOS, 2012, p.58).

O autor enfatiza a perspectiva do desenvolvimento como um meio para uma finalidade maior que é o ser humano. Acrescenta Santos (2012): “Desenvolver o homem é construir condições que possibilitam a evolução das suas potencialidades bio-psíquico-sociais” (SANTOS, 2012, p.58).

De maneira complementar a Santos (2012), Dessen (2005) destaca a importância do trabalho de acompanhamento das fases de transição que caracterizam o desenvolvimento humano. Ela afirma que “A noção de curso de vida implica considerar as mudanças e a interdependência das trajetórias do indivíduo vinculadas à idade que, por sua vez, dependem das mudanças que ocorrem nas sociedades.” (DESSEN, 2005, p.14).

Portanto, compreendemos que o contexto social e econômico, em diferentes níveis, deve ser inserido na análise para estudar o desenvolvimento humano considerando o macro econômico, bem como estruturas menores como família, comunidade, escola, vizinhos, etc. Pois o que ocorre no mundo interfere nas vidas das pessoas, como aponta Dessen, “para compreender o desenvolvimento humano, é preciso considerar a emergência e a evolução do indivíduo, em seus diferentes aspectos interligados: biológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos. (DESSEN, 2005,p.15).

Estudar o desenvolvimento humano é complexo, envolve diferentes etapas de análise e acompanhamento e temos variadas correntes de pensamento, são muitos os estudos ao longo das últimas décadas que vem se debruçando sobre conceito de desenvolvimento humano, assim como reconhecendo que o desenvolvimento de uma nação interfere em todos os níveis da humanidade, segundo Santos (2012):

A ONU elegeu, desde a década de 1990, o desenvolvimento como o mais importante desafio a ser enfrentado pela raça humana. Apesar das enormes oportunidades tecnológicas criadas pelo século XX, ainda existe mais de 1 bilhão de pessoas, um quinto da população mundial, que vivem com menos de 1 dólar por dia. (SANTOS, 2012, p.55)

Segundo o autor, a ONU afirma que só há desenvolvimento quando os benefícios do crescimento servem à ampliação das escolhas e das oportunidades do indivíduo, possibilitando uma vida longa, saudável, com acesso a recursos necessários para um nível de existência digno da geração atual e futura. (SANTOS, 2012, p.55).

Nesta direção usamos para a pesquisa o conceito de desenvolvimento social também adotado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD que apresenta o desenvolvimento como um processo contínuo, capaz de levar as pessoas a percorrer o seu próprio caminho para uma vida com sentido, sustentado na liberdade e na expansão. Em seu Relatório do Desenvolvimento Humano – 2020, o PNUD destaca que o desenvolvimento humano é “[...] a oferta de um leque mais variado de escolhas, de modo a que as pessoas tracem suas próprias trajetórias de desenvolvimento, em consonância com a diversidade dos seus valores, ao invés da prescrição de um ou mais percursos específicos”. (PNUD, 2020, p.6).

Colaborando com este entendimento recorreremos aos ensinamentos de Dessen (2005), que nos ensina “(...) estudar os processos de desenvolvimento significa estudar mudanças que são perceptíveis ao longo do tempo, mas também os padrões de continuidades, ambos representados nos estágios e transições durante o curso de vida”. (DESSEN, 2005, p.13).

Santos (2012) traz a complexidade para definir o conceito de desenvolvimento humano assim como os limites na sua definição e afirma que “O desenvolvimento é um fenômeno complexo que ainda não tem uma definição esclarecedora e conclusiva sobre o seu significado. Entretanto, tem uma função social importante que é promover o bem estar da humanidade.” (SANTOS, 2012, p.58).

Portanto, reconhecendo as limitações neste estudo, buscamos entender o desenvolvimento humano, cruzando essa fundamentação teórica com as observações realizadas durante a pesquisa na produção dos dados primários, dos depoimentos dos jovens que identificam as mudanças nas suas vidas considerando a sua participação no programa Neojiba. Os aspectos subjetivos apontados nesta pesquisa, sem dispensar a importância dos aspectos objetivos, foram identificados nas falas a partir do olhar de desenvolvimento dos integrantes entrevistados.

Integração Social

Para trabalhar com o conceito de integração social buscamos o referencial da sociologia, pois, reconhecemos a complexidade de viver em comunidade, e a cada momento histórico temos novos desafios e definições. Como expressa Poku (1999),

[...] estar realmente integrado a uma sociedade significa deter a capacidade de participar efetivamente dela, isto é, compreender a lógica de seu sistema normativo para poder agir autonomamente sobre ele, e não apenas adaptar-se ao meio, como

frequentemente se entende por integração no senso comum ou na educação tradicional. (POKER, 1999, p.50).

O desafio está posto: que a integração social não seja uma adaptação ao meio, um enquadrar-se nas regras pré estabelecidas dentro da sociedade marcada por uma lógica classista, machista e racista. A integração a que se busca é a capacidade de compreender o sistema e agir dentro dele, a partir de um senso crítico da realidade apresentada.

Para auxiliar na análise dos dados, buscamos ampliar o entendimento do conceito de integração social, recorreremos também ao pensamento de Durkheim, produção que vem sendo revisitada por outros estudiosos da sociologia, assim inspirado no pensamento deste importante teórico da sociologia Dias (2019) nos ensina que:

Durkheim salienta que a autoridade e a disciplina, longe de serem impostas, são pelo contrário desejadas pelo indivíduo, pois emanam do grupo e da sociedade e são fundamentais para a realização da sua personalidade. Apenas a sociedade, graças aos seus códigos familiares, religiosos, económicos e em virtude dos laços que criam o grupo, possui a autoridade necessária para, ao mesmo tempo, impor a disciplina sobre o indivíduo e favorecer a sua realização pessoal. (DIAS, 2019, p.355).

No pensamento de Durkheim a divisão do trabalho social contribui para amortizar a competição entre os indivíduos, favorecendo a construção do consenso e da realização pessoal. Essa teoria compreende que é pela via da educação que o indivíduo se transforma num ser social.

No texto de Arola (2022), “A educação social no Brasil: alguns desafios e armadilhas” o autor apresenta uma rica reflexão sobre a educação, aborda os processos coletivos, o entrelace de interesses e visão de sociedade em torno da educação e alerta:

Quando falamos de pessoas ou grupos com dificuldades de integração estamos falando de falta de adequação entre as características que uma pessoa ou um grupo têm e as de um coletivo mais amplo ou dominante, seu entorno e suas regras. A inadaptação é sempre resultado de uma relação conflitante. É o resultado de um processo pessoal de construção que fracassa, que resulta incompatível com as exigências e os requisitos que impõe uma sociedade receptora concreta. (AROLA, 2022 , p.12).

O autor diz que para atuar é preciso conhecer e reconhecer a realidade social na qual o indivíduo ou grupo estão integrados ou estão sendo integrados e acrescenta que, enquanto não houver lugar para os sentimentos e o conhecimento, continuaremos falando de institucionalização. Ele afirma que:

Ao estabelecer a responsabilidade de todos na garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, a Doutrina da Proteção Integral nos faz reconhecer todos os contextos envolvidos e aponta a necessidade de sinergia, integração de ações. Passar de olhar “o outro” como inimigo, a enxergá-lo como parceiro, passar de ações fragmentadas à integração; de olhar apenas as necessidades da instituição a olhar as necessidades das crianças e adolescentes e de suas famílias. (AROLA, 2022, p.19).

A perspectiva trazida pelo autor nos leva a refletir sobre o papel do estado, da família e da sociedade na garantia de direitos, ao olhar integral de uma rede de proteção que garanta a unidade para o desenvolvimento e a integração social das crianças e adolescentes.

Assim, estes teóricos nos ajudaram a compreender o papel desempenhado pelo programa Neojiba na integração social de seus membros, em um exercício cotidiano que contribui para incorporar na vida dos integrantes a dinâmica da ação coletiva, bem como identificar e refletir sobre os fatores que impactam nesta integração e no desenvolvimento social dos integrantes.

2.2 Pierre Bourdieu: uma aproximação dos conceitos capital social e cultural

Para nos auxiliar na problematização e análise do Programa Neojiba, buscamos nas categorias capital social e cultural um apoio teórico e conceitual e assim recorremos aos ensinamentos de Bourdieu. A partir de Jourdain (2017), entendemos que uma análise da organização e práticas sociais passa também pelo conceito de habitus. Assim, lançamos mão do pensamento de Bourdieu para contornar e relacionar os conceitos que servirão de base para análise dos dados produzido pela pesquisa:

O habitus é composto de esquemas de percepção (maneiras de perceber o mundo), da apreciação (maneiras de julgá-lo) e de ações (maneiras de comportar-se) que foram interiorizadas e incorporadas pelos indivíduos ao longo da sua socialização. (JOURDAIN, 2017, pág 50)

O conceito de habitus, nos ajuda a entender a dialética das relações, segundo Filgueira (2017), permite perceber que as ações e comportamentos dos agentes se relacionam à sua posição social de origem, mas também às disposições adquiridas e incorporadas, e assim sendo, não se definem de forma arbitrária pelos agentes.

Com base na autora este conceito possibilita apreender, empiricamente, as relações, as estruturas e condicionantes sociais, possibilitando conhecer, por meio das práticas e da percepção das práticas, as oposições existentes na sociedade. Para ela o habitus tem a ver com conhecimento prático adquirido na ação e para ela direcionado:

O habitus é essencial para compreendermos a representação, pois é o articulador entre as percepções e as práticas dos agentes. Como visto, habitus é incorporação da estrutura social, revela posição social, condições materiais de existência e direciona as práticas dos agentes, sendo que esse direcionamento possibilita ou a reprodução das estruturas sociais ou sua modificação (FILGUEIRA, 2017, p.72)

Este conceito contribui neste estudo para localizar a rotina incorporada pelos entrevistados, suas motivações para permanecer no programa e expectativas para o futuro. Assim como a sua percepção quanto a influência que a participação no programa pode exercer diante da rede de relações familiares, vizinhos, escolas e principalmente nas oportunidades geradas para as crianças, adolescentes e jovens ao ingressarem, permanecerem e mesmo após se desligarem do programa.

Considerando as definições de Bourdieu (2007) sobre os três estágios do capital cultural (material, incorporado e institucionalizado), Jourdain entende que para Bourdieu:

O capital cultural em estado incorporado implica, por sua vez, para ser transmitido, um trabalho de inculcação e de assimilação que requer tempo. Em estado objetivado, o capital cultural necessita igualmente da aquisição de disposições para apreciar os bens culturais possuídos. (JOURDAIN, 2017,p. 129).

Este conceito foi importante para identificar junto aos entrevistados da pesquisa se houve mudanças nas suas vidas, e caso positivo quais mudanças ocorreram. Se eles perceberam novos valores e crenças resultado da convivência diária no programa e se estes foram absorvidos dentro das suas relações ampliando o seu capital social.

Pierre Bourdieu (2007) define o conceito de Capital Social afirmando que ele é formado em um processo dinâmico que conta com elementos do passado e atuais, entrelaçado em uma rede composta por relações duráveis e institucionalizadas como nos grupos familiares, escolares e vizinhanças.

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 2007, p.67).

Seguindo com os ensinamentos de Bourdieu e agora com as lentes de Bastos (2004) buscamos entender o conceito de capital social. Bastos na sua dissertação, “A Sociologia da Ciência e a polêmica epistemológica: Uma reflexão em Pierre Bourdieu”, coloca que o discurso de Bourdieu revela especificidades de uma prática social que tem racionalidade própria, sendo, ao mesmo tempo, produto e produtora de sua história:

O capital social consiste na rede de relações que o agente dispõe, que está ou pode ser mobilizada e permite reunir poderes e diferentes capitais, como o político ou o econômico. Essas redes de relações têm como características serem duradouras e disponíveis para utilização, no sentido em que os agentes podem ter acesso ao seu capital coletivo. Pela posse de capital social, os agentes podem obter lucros muito maiores em relação a outros que têm capital cultural e econômico equivalentes. (BASTOS, 2004, p.71).

Com este entendimento reconhecemos o capital social acessado pelos integrantes do programa, com base nas entrevistas, onde os jovens relataram a rede de relacionamentos que é alimentada diariamente com a convivência com colegas, professores, monitores além do acesso a informações e lugares antes inatingíveis.

Filgueira (2017) na sua dissertação de mestrado, “Condições de trabalho docente no ensino fundamental II na rede estadual paulista e representações de professores sobre autonomia”, acrescenta que “Na concepção de Bourdieu (2003b), a posição social ocupada pelos agentes na estrutura social faz com que vivenciem experiências e adquiram características que orientam sua visão de mundo e dão a base para a sua subjetividade.” (FILGUEIRA, 2017, p.66).

Essa definição colabora com a pesquisa que se utiliza de elementos objetivos e subjetivos da vida dos entrevistados. Para os jovens, vivenciar a experiência de subir em palcos desejados por muitos músicos renomados e alcançar reconhecimento nacional e até internacional pela prática musical, é uma oportunidade de olhar o mundo com o sentimento de pertencimento. Essa prática estrutura os jovens que vem de uma referência de exclusão social e se depara com possibilidades de construir novos caminhos.

Os conceitos de capital cultural, social e habitus nos ajudaram a analisar o conteúdo das entrevistas uma vez que, nestas, os entrevistados nos fornecem pistas que apontam para a ampliação do capital cultural como um dos resultados de suas participações no Neojiba, apontam também para a ampliação do capital social, considerando que em sua grande maioria, os integrantes são oriundos da classe trabalhadora, e o capital social disponibilizado a partir da inserção no programa, se apresenta na rede de relações, acessos a conhecimentos, possibilidades e a diferentes lugares que segundo os entrevistados, só foi possível chegar a partir da inserção no programa e, em muitos casos, continuam sendo acessado inclusive pelos egressos.

2.3 Escolhas metodológicas: entrevistas semi-estruturadas para produção de dados primários

Com base neste suporte teórico iniciamos os estudos identificando o capital social incorporado pelos integrantes, inseridos no programa, e analisamos se o programa contribui para o desenvolvimento humano e a integração social dos beneficiários do programa Neojiba. Em paralelo foi realizada revisão bibliográfica do quadro conceitual e temático, além da revisão documental do programa, trabalho de observação, análise do documentário e sistematização do perfil dos integrantes do programa.

A partir do objetivo geral da pesquisa buscamos problematizar as contribuições do Programa no desenvolvimento e integração social de seus beneficiários, de maneira complementar à percepção dos mesmos. Neste sentido, foi combinada uma série de metodologias em acordo com as etapas da pesquisa, com destaque para análise qualitativa das entrevistas, que foi central.

Optamos por manter nas entrevistas um roteiro semiaberto, o que contribuiu na coleta de dados qualitativos, permitindo acolher novos elementos trazidos pelos entrevistados, sem comprometer o objetivo da pesquisa, pelo contrário os acréscimos enriqueceram o resultado, para isso foi preciso abrir espaço dentro do roteiro para melhor responder a pergunta da pesquisa.

Como nos ensina Minayo (2015) “Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos.” (MINAYO, 2015, p.17). Nesta direção entendemos que foi preciso, para compreender a realidade pesquisada, abrir espaço para ampliar a leitura da realidade.

Segundo a autora, o método qualitativo trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Ela nos ensina que a pesquisa qualitativa se aprofunda e nos ajuda a compreender a realidade humana vivida socialmente. Assim, optamos por usar o método qualitativo para analisar a contribuição do Neojiba na vida das crianças, adolescentes e jovens integrantes do programa. Os entrevistados participaram das filmagens do filme documentário Neojiba - Música que transforma e foram convidados, diretamente pela pesquisadora, a participar da pesquisa.

Minayo (2015) afirma que “*Compreender* relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações é a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade”. (MINAYO, 2015, p. 24). Escolhemos a metodologia qualitativa por possibilitar trabalhar com o cotidiano, as vivências, as crenças e valores dos integrantes do programa buscando responder a questão central da pesquisa, porém sem desprezar os dados quantitativos já sistematizados pela equipe da organização social.

Assim, também recorreremos aos dados quantitativos gerados pela equipe do desenvolvimento social da OS, com o recadastramento feito anualmente e já apresentado, este trabalho tem como finalidade produzir um diagnóstico social das famílias inseridas no programa, destacando as características socioeconômicas e situações de vulnerabilidade e/ou risco social para subsidiar a busca de estratégias e intervenção socioassistenciais em resposta às demandas apresentadas, foi uma fonte da nossa pesquisa.

Com os dados dos beneficiários, do período de 2015 a 2020, foi possível traçar o perfil dos integrantes, destacando as categorias como raça, gênero, renda familiar e condições violência, o que contribuiu para identificar as condições socioeconômica dos integrantes do programa no período estudado.

Recorremos também à análise de documentos institucionais como os relatórios de prestação de contas, o Plano Político Pedagógico da instituição, Estatuto da Organização Social, Manual de gestão e a lei estadual que instituiu o programa das organizações sociais no estado da Bahia. Outro trabalho fundamental, na pesquisa, foi o período dedicado à observação do cotidiano dos jovens durante os ensaios e as apresentações, o que permitiu aferir as relações estabelecidas entre os integrantes e as famílias, assim como os vínculos estabelecidos dentro do grupo .

Os jovens convidados para as entrevistas participaram do filme “Neojiba – música que transforma”, documentário que contou a história do programa a partir do cotidiano dos jovens e da experiência em turnês internacionais. Encaminhamos o termo de consentimento por email e após a concordância e assinatura era agendada a data da entrevista.

Foram entrevistados 8 jovens, que já participaram ou ainda participam das formações principais do programa, orquestra juvenil da Bahia e o coro juvenil para analisar se o programa contribui para o desenvolvimento humano e a integração social do público assistido a partir da percepção dos jovens sobre a própria trajetória.

As entrevistas ocorreram entre os meses de julho a agosto de 2022, todas realizadas no modelo remoto e individual. Cada entrevista teve uma duração em média de 40 minutos, o que foi suficiente para o jovem/entrevistado responder às perguntas do roteiro planejado.

Em seguida, o trabalho foi realizado com a transcrição das entrevistas e a construção dos capítulos. Como já informado anteriormente a pesquisadora é membro da Comissão de Monitoramento e Avaliação do contrato de gestão, fato que facilitou o acesso a rotina dos integrantes e a sua documentação, outro fator que contribuiu foi o acesso aos trabalhos acadêmicos que tratam do Neojiba assim como o próprio filme documentário que foi uma fonte de informação.

Nas entrevistas buscamos aprofundar a compreensão destas experiências junto aos jovens, a análise dos dados das entrevistas buscou identificar a contribuição do Programa na vida dos jovens participantes. Para complementar a análise recorreremos a uma análise fílmica do documentário “Neojiba – Música que Transforma” que apresenta o cotidiano dos adolescentes e jovens integrantes da orquestra principal e do coro juvenil e as turnês realizadas fora do País. O personagem principal no documentário é o jovem Iuri, adolescente, negro, oriundo de família de baixa renda, estudante de escola pública e morador de bairro popular da capital baiana.

A seguir apresentamos os dados primários da pesquisa, resultado de entrevistas com participantes que também fazem ou fizeram parte das principais formações musicais do Neojiba. Priorizamos nesta etapa as questões que se relacionam com o desenvolvimento humano, a trajetória dos integrantes, a contribuição do programa nas comunidades onde funcionam os núcleos, a permanência no programa a partir do recebimento da bolsa auxílio, assim como as dificuldades e facilidades enfrentadas, o que representa fazer música coletiva e as experiências vividas pelos jovens em uma turnê internacional.

Capítulo 3 - Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia: entrevistas com participantes do Neojiba durante o período de 2015 a 2020

3.1 Oportunidade, crescimento, sustentabilidade, carência, privações, rede de relações

Aqui analisamos se o programa contribuiu para o desenvolvimento humano dos integrantes participantes do Neojiba. Considerando o desenvolvimento humano como sua dimensão social para o público atendido pelo programa que são crianças, adolescentes e jovens e sua condição de vulnerabilidade, analisamos os aspectos do crescimento com o acesso a oportunidades, o seu crescimento, sustentabilidade, carência, privações e rede de relações construídas para exercerem seu pleno potencial.

Portanto, para a analisar as entrevistas optamos por trabalhar as respostas que nos aproximam do problema levantado na pesquisa, priorizando questões relacionadas ao integrante e ao programa, como se estabeleceu esta relação e se a mesma contribuiu ou contribui no desenvolvimento e na integração social dos integrantes.

Neste primeiro momento, apresentamos ao leitor um breve perfil dos entrevistados. Começamos com um panorama do apoio da família e amigos no momento do ingresso da criança ou adolescente no programa. Seguimos com questões relacionadas a sua percepção quanto ao seu desenvolvimento, a contribuição do programa em uma cidade ou bairro, se a bolsa auxílio contribuiu para a sua permanência no programa e quais as facilidades ou dificuldades encontradas durante essa permanência.

3.1.1 - Trajetória dos integrantes

Karen, completou 34 anos, se declara negra, ingressou em 2007 aos 19 anos de idade como membro fundadora do programa. Era moradora de um bairro popular em Salvador, saiu do programa por ter completado a idade limite como integrante, que é de 28 anos. Hoje faz mestrado em música fora do país, na cidade do Novo México, Estados Unidos.

Ela nos conta sobre sua trajetória, do apoio da mãe, estudou como bolsista em uma escola de música em 2006, e que foram as professoras do Instituto de Música que avisaram e estimularam a fazer a audição para participar da orquestra recém criada em Salvador.

Minha mãe que sempre apoiou tudo e foi super contra quando em 2006 tentei vestibular para qualquer outra coisa que não fosse música, eu tentei vestibular para língua estrangeira na UFBA e duas opções na UNEB, engenharia e biologia, aquela

pessoa que estava totalmente perdida mas eu confesso que eu queria ter passado na UFBA, queria ter formada em língua estrangeira. Minha mãe apoiou tudo desde o início. (KAREN, 2022, informação verbal)³.

Karen relata as dificuldades financeiras vividas pela família e a importância dos membros da família na sua formação. Perguntamos se o programa contribuiu para melhorar a vida e ela respondeu “Eu acho que é obrigatório ter estudo de arte, porque vai fazer parte da formação, a arte forma ser humano, te dá uma visão de mundo que talvez nenhuma outra profissão te dê [...]”. Ela afirma que é essencial o acesso ao estudo musical para a formação humana “você aprende a lidar com o outro, aprende a ser empático, a ser responsável, aprende a ouvir o outro [...] está em coletivo, forma pensamento crítico, dar embasamento cultural.” (KAREN, 2022, informação verbal).

Marcelli se autodeclara negra, ingressou no Neojiba em 2010 no coro juvenil com 14 anos de idade. Em 2011 passou a fazer parte da segunda formação orquestral do programa, a Orquestra Castro Alves, sendo em seguida membro da Orquestra Juvenil da Bahia. Se desligou da orquestra Juvenil em 2019 após ser selecionada e contratada para assumir a função de instrutora, hoje é coordenadora de um dos Núcleos do programa em uma cidade do interior da Bahia e está fazendo curso superior.

Ele afirma que teve apoio da família e de amigos para ingressar no programa, que o principal motivo de ter entrado no Neojiba foi ter alguns colegas do bairro onde morava que faziam parte do programa. Ela lembra dos primeiros professores, que integrantes da orquestra principal do Neojiba, tocavam violino e contrabaixo, e que a mãe conversando com a família, e amigos do bairro, despertou o interesse em matriculá-la no projeto de música.

Hoje com 26 anos, ela avalia que o programa contribuiu na sua vida, na sua formação e influenciou na escolha profissional. Quando perguntamos pela contribuição, ela respondeu que está há 12 anos no programa, respondeu que teve oportunidades dentro do programa para a formação profissional tanto na área da música, como na gestão.

Eu cresci dentro do Neojiba e dentro dele além da questão pedagógico-musical, professores excelentes, eu tive vários incentivos e várias oportunidades dentro do programa de intercâmbio fora as turnês internacionais, aulas com professores renomados na música. Eu passei por várias áreas técnicas, fui para a luteria aprendi o que podia, fui para o arquivo na época era Centro de Documentação e Memória, então tive a experiência de arquivo, como retirada de pastas do controle de material,

³ Entrevista concedida a Ana Lúcia Vilas Boas no ano de 2022 para o âmbito exclusivo desta pesquisa. Todas as entrevistas foram transcritas e anexadas ao final da dissertação e serão referenciadas ao longo do texto pelo NOME do entrevistado, ANO da entrevista e FORMATO, indicando que foi uma entrevista concedida, gravada e transcrita exclusivamente para esta pesquisa como dado primário. Aqui parcialmente transcrita, com transcrição completa em anexo.

de mídia, a questão pedagógica musical, licenciar, de estar em sala, que foi a monitoria, [...] não só a experiência em sala mas, de várias realidades, eu já tinha essa oportunidade, depois fui chefiar, então tive também essa época, os dois anos chefiando naipe, à frente, sendo líder na orquestra, isso me preparou também profissionalmente para gerenciar, para estar liberando um time e em seguida como instrutora. Então eu tive muita capacitação que favoreceu, contribuiu, posso dizer que 90%, tive um tempo que saí do programa para fazer estágios por conta da faculdade, mas 90% de toda minha capacitação, habilidade que tenho foi dentro do programa. (MARCELLI, 2022, informação verbal).

No caso de Joás que hoje tem 35 anos, estudou até a 8ª série, se autodeclara negro, morador de um bairro popular, trabalha na área de serviços gerais em um condomínio de luxo, na cidade de Salvador. Iniciou no programa em 2007 com 20 anos de idade na orquestra principal do programa, e já tocava instrumentos musicais na igreja, em um projeto do SESI antes de entrar no programa. Saiu do Neojiba em 2015 por completar a idade máxima permitida aos integrantes do programa, ou seja 28 anos de idade.

Perguntamos se ele teve apoio da família e amigos para ingressar no Neojiba e ele respondeu que sim, no início a sua mãe fez a inscrição, sempre o acompanhou no percurso dentro do programa. Ele também teve apoio de amigos que o ajudaram a continuar no programa, inclusive em momentos de crise, quando teve depressão, e contou com o suporte de amigos e da psicóloga do programa.

Quando perguntamos se o programa ajudou na sua formação ele responde:

Sim, com certeza, porque quando você faz música você tem que aprender a ter controle, faz você ser mais controlado, porque automaticamente quando o maestro bate a batuta ali tá todo mundo no seu mundo, então lhe traz para perto, muita coisa mudou para mim porque, não sei te explicar, mas faz você ser mais controlado. (JOÁS, 2022, informação verbal).

O Joás respondeu que a música contribuiu na sua formação, no seu equilíbrio emocional, afirma que a música educa, tem o poder de transformar as pessoas e descreve com riqueza a sua relação com a música,

A música fala com a gente, além dos gestos, a batuta, o tom alto e baixo, ensina muita coisa, então a música tem um poder muito forte de mudar a gente, como eu disse, eu várias vezes estava viajando e através da música, minha mente conseguia se conectar com Deus, a música conseguia me conectar com coisas boas, então a música tem um poder de transformar a gente, eu acho que a música tem o poder de transformar sim, e é isso. (JOÁS, 2022, informação verbal).

Cássio hoje tem 29 anos, se autodeclara negro, fez o ensino médio completo, mora em uma cidade turística no interior do estado e trabalha com música. Ingressou no programa em 2008, na segunda formação do programa que ensaiava no Teatro Castro Alves, na época com

15 anos de idade, morava em um bairro popular de Salvador. Saiu do programa no final de 2015, com 22 anos, para montar um negócio junto com a família.

Afirma que teve o apoio da família para ingressar no Neojiba e que houve contribuição do programa na sua vida. Relata o seu aprendizado para fazer a gestão da sua carreira como músico e do seu desejo de independência financeira, de construir uma carreira artística e das oportunidades que aproveitou no convívio coletivo, afirmou que:

Sim, sim, bastante, talvez até de um lado que as pessoas não costumam ver tem o lado como gerir sua vida como músico autônomo. Eu costumo olhar as coisas de uma outra forma, talvez por gostar muito de empreendedorismo, enfim de se virar, eu gostava de conversar isso com alguns integrantes, tentar abrir os olhos para isso, ver o Ricardo por exemplo, muita gente para em Ricardo como o pianista, já eu não, vi Ricardo como gestor, como empresário[...]. Neojiba fez uma revolução na minha vida, talvez ao contrário que muita gente possa falar em alguma entrevista, como gerir a vida de músico mesmo, assim, como viver neste país que é difícil e conquistar as coisas que é complicado de conquistar mas não desistir, não deixar de ir. O Neojiba é uma escada, a gente conhece pessoas que através do Neojiba tá terminando o mestrado, tem pessoas que tem o Neojiba como um trampolim imenso, consegui ver o Neojiba além das aulas enfim, e tentar agarrar aquilo ali como uma única coisa que tinha e teve no momento, hoje conquistou as coisas, por mais que não esteja no Neojiba eu venho conquistando as minhas coisas através do Neojiba, porque eu fui do Neojiba, eu fui aluno de Eduardo Torres, porque enfim tudo isso aí interfere demais, até na família. (CASSIO, 2022, informação verbal).

Bruna tem hoje 19 anos, se autodeclara branca, cursa o ensino médio técnico em Geologia no IFBA. Ingressou no programa em 2011, com 8 anos na Orquestra pedagógica experimental do programa. Perguntei se a família a apoiou para ingressar no Programa e ela declarou que houve incentivo para fazer a audição, participando das atividades. Pela pouca idade, eram outros membros da família a leva e buscava para os ensaios, participavam das reuniões e incentivavam no dia a dia, ela ainda estava no programa.

Ela já tocava instrumentos antes de entrar no programa. Fazia aula de música e sempre estudou em colégio público. Lembra da rotina da sua infância conciliando os estudos com a participação no Neojiba, que apesar das responsabilidades que o ensino da música traz, chama a atenção que para o fato que aos olhos das outras pessoas ela estava fazendo algo anormal na época, porque a maioria das crianças apenas frequentavam a escola.

Bruna falou que não foi a única da família no programa. Antes dela, uma tia participou do Neojiba, e serviu de inspiração para seu ingresso. Ela acrescenta que não veio de uma família privilegiada financeiramente, então tudo que se consegue é com muito esforço, então saber que os esforços estão agregando para a família é uma realização para eles e também para ela.

Quando perguntamos se Bruna consegue identificar algumas contribuições do programa na sua vida ela responde:

[...] diversas contribuições. Quando minha mãe me incentivou a fazer parte do Neojiba o intuito principalmente era utilizar o tempo livre para fazer alguma coisa que fosse agregar no meu futuro, de fato agregou e muito porque é algo que desenvolve muito além do que você vive ali dentro. Desenvolve o externo também porque eu aprendi a ter muita responsabilidade, aprendi a enxergar muito além [...] do meio social que eu vivo, eu aprendi a ter obrigações e arcar com as minhas obrigações e aprendi a ter muita disciplina também porque quando você tem obrigações a cumprir você tem que ter muita disciplina. (BRUNA, 2022, informação verbal).

Lucas tem 22 anos de idade, se autodeclara preto, faz bacharelado em música na UFBA, hoje mora no centro da cidade. Ingressou aos 14 anos, no núcleo de uma cidade do interior do estado, onde vivia. Em 2018 passou a fazer parte da Orquestra Juvenil da Bahia, em Salvador. A família continua morando no interior. Em Salvador ele divide apartamento com um irmão que também participa do Programa. Lucas diz que começou a tocar instrumentos musicais na igreja e que a família sempre incentivou e apoiou a entrar no Neojiba.

Perguntei a Lucas como era a sua rotina antes de ingressar no Neojiba e ele respondeu que antes de entrar no programa a rotina era ir para a escola e estudar música na igreja. Que os pais sabiam do gosto pela música e sempre incentivaram a participar dos grupos que tinham na igreja e quando surgiu o Neojiba, manteve o incentivo a não parar de estudar música. Ao perguntar se ele identifica alguma contribuição na vida dele participando do programa, ele respondeu:

Sim, sim, depois que eu entrei no Neojiba me senti assim muito mais responsável com minhas atividades, minha rotina, eu acho que me amadureceu bastante, contribuiu para eu saber lidar melhor, conviver melhor com pessoas de diferentes pensamentos, opiniões, acrescentou na minha, na minha cultura, até então eu tinha um pensamento, como eu falei, de música totalmente de arte, totalmente diferente e depois do Neojiba minha mente abriu para mundos diferentes de música, de arte, eu fico feliz do Neojiba fazer parte dessa minha mudança. (LUCAS, 2022, informação verbal).

Maria Fernanda foi uma das participantes do filme documentário “Neojiba música que transforma”, ela faz parte do Coro Juvenil, uma das principais formações musicais do programa. Ingressou no programa em 2015, se auto declara negra, mora num bairro popular de Salvador, está fazendo curso superior e é professora de francês.

Quando perguntei se a família a apoiou para ingressar no programa, respondeu que sim, todos achavam que poderia ser uma boa oportunidade. Perguntamos se houve contribuição do programa na sua vida Maria Fernanda responde,

Com certeza tem muitas contribuições na minha vida principalmente ligados a questões profissionais, aprender a ter mais disciplina, na formação profissional especialmente com noções de sala de aula ajudou muito, então tem pessoas que agente vai levar para a vida eu acho que tem contribuição na formação do ser humano, cresce a nossa sensibilidade, essa participação contribui para uma ocupação de espaço, porque nos somos de maioria negros, periféricos, que muitas vezes não teríamos a oportunidade de ocupar esses tipo de espaço, e também essa parte de encontrar jovens que vivem outra realidade. Tem esses dois paralelos que para mim, profissionalmente é fundamental, que me ajudou como pessoa. [...] O programa é importante na minha vida, deu oportunidade de viver coisas, vivenciar experiências fundamentais para o crescimento pessoal, profissional e espiritual e o crescimento artístico. (MARIA FERNANDA, 2022, informação verbal).

Perguntei se o acompanhamento da equipe de psicóloga e assistente social ajuda os integrantes que são mais vulneráveis? Responde que ajuda, que o coro juvenil é formado por pessoas acima de 14 anos, e que essa assistência é muito importante principalmente para saber o que se vai fazer depois que sair do programa. Ela acrescenta “porque o Neojiba não é a nossa vida ele passa, então a profissional que nos acompanha sempre traz a questão do processo, [...] traz sempre coisas para pensar o depois que a gente sair do Neojiba.” (MARIA FERNANDA, 2022, informação verbal).

Quando perguntamos a Maria Fernanda qual a importância do programa na sua vida ela responde

Atualmente estou com o caminho aberto mas com certeza a música vai estar no meu caminho, eu também tenho pensado que quando terminar o curso de letra ou então continuar com o Canto lírico. O programa é importante na minha vida, dá oportunidade de viver coisas, vivenciar experiências fundamentais para o crescimento pessoal, profissional e espiritual e o crescimento artístico também. (MARIA FERNANDA, 2022, informação verbal).

Caio é integrante da orquestra principal do programa, com 22 anos, se autodeclara negro, mora com os avos num bairro popular de Salvador, esta cursando o Bacharelado em violoncelo pela UFBA. Aprendeu a tocar instrumentos musicais, no bairro, em 2013, aos 11 anos de idade em um projeto musical parceiro do Neojiba, entrou no programa tocando violoncelo. Ele relata várias transformações vividas durante os 10 anos no programa. Caio diz:

Que cresceu dentro do programa, que a música é um instrumento de transformação, que através da música toda a plástica facial coletiva é feita, tudo muda, a gente vê como a música traz responsabilidades para sua vida em várias áreas, para mim, enquanto adolescente e pré adolescente no ensino fundamental, no ensino médio, questão da disciplina, do estudo, do foco para diversas coisas, onde que preciso de

mais atenção, onde posso ter mais descanso, como posso separar os diversos momentos, do estudo do instrumento, toda a minha dedicação, a minha vida pessoal, encontro com meus amigos. Enfim ajuda a mobilizar todo o resto que você faz é basicamente uma questão de organização da vida, é uma lição realmente, a gente saber separar quando começa isso ou aquilo.(CAIO, 2022, informação verbal).

Perguntamos a Caio se ele teve o apoio da família e dos amigos para ingressar no Neojiba e ele diz que teve todo o apoio da família e que continua tendo em especial o apoio do pai e dos avós paternos. Quando perguntamos qual a maior contribuição do programa ele respondeu que o aprendizado, a convivência com o coletivo, no exercício de pensar no todo, o senso da coletividade. Para Caio,

O Neojiba trouxe a questão de levar o público a frequentar teatro para ouvir Beethoven, villa-lobos, a sinfonia de Male. Eu lembro que meu avô foi pela primeira no TCA me ver no palco, imagine uma pessoa que mora em Salvador a tanto tempo vai ver o seu neto tocar em uma orquestra, imagina isso na minha vida, na vida de quantos e quantas meninas e meninas que se apresentaram lá, do coro, então leva arte e cultura que é um direito de todos, tem que ser para todos as diversas formas de habilidade. (CAIO, 2022, informação verbal).

Todos os entrevistados declararam que tiveram apoio dos familiares para ingressar e permanecer no programa, demonstrando uma aderência dos familiares e seu envolvimento na formação dos integrantes que reconheceu a política pública e auxiliou no acesso. Identificamos a presença dos familiares não apenas no momento da inscrição mas também no acompanhamento diário, na motivação durante todo o percurso, assim se aponta para uma influência positiva do programa dentro da rede familiar.

A participação das famílias é percebida dentro das entrevistas como base para o desenvolvimento dos integrantes, o apoio familiar se apresenta como fundamental para o crescimento dos entrevistados. Esse capital cultural familiar abre portas para o capital social que se forma, segundo Bourdieu, na convivência estabelecida, na rede de relações que se constitui no convívio social.

Por outro lado, como são famílias de classe trabalhadora, com restrito capital social e cultural para garantir maior acesso ao mercado de trabalho ou à música, o programa contribui na formação dos integrantes, isso se confirma pelos relatos dos integrantes, agora com emprego e com acesso a novos espaços e pessoas.

Analisando as entrevistas identificamos a sua relação com os ensinamentos da teoria de Bourdieu que trata do capital social. São vários depoimentos relatando a rede de relações construídas dentro do Neojiba, essas falas nos levam a acreditar que se constrói uma extensa rede de relações e esta contribui para o desenvolvimento do integrante.

Dos entrevistados, um grupo formado por seis jovens estão cursando universidade ou fazendo mestrado e o outro grupo que não chegou a cursar universidade é formado por dois entrevistados, um que cursou até o ensino fundamental e o outro completou o ensino médio.

Analisando as ações desenvolvidas pelo programa na perspectiva do desenvolvimento, identificamos que se aborda a questão da formação para o mercado de trabalho através da formação nas áreas de lutheria, produção, arquivo e nas oficinas. A preparação para o mercado de trabalho não tem centralidade dentro do programa, ele ocorre com o estimulando a partir do acompanhamento do percurso formativo, com oportunidades para os que ingressam na formação das áreas relacionadas à música.

Ao perguntar se houve melhoria nas suas vidas, se percebeu que houve desenvolvimento, todos os entrevistados declararam que sim, relacionaram o acesso à música a geração de oportunidades o que levou e leva a uma melhoria de condições sociais. Foi possível perceber com as respostas que a referência do desenvolvimento foi menos com relação à questão financeira e mais no sentido da satisfação e ampliação de oportunidades, acesso a espaços desejados e uma convivência estimulante.

Como já dito anteriormente esse desenvolvimento é um processo contínuo, o que parece com as respostas é que o programa contribui para levar os integrantes a construir o próprio caminho a partir dos ensinamentos adquiridos através da prática musical coletiva.

3.1.2 Neojiba pela Bahia

Quando perguntamos a Karen se um programa como o Neojiba ajuda na vida das pessoas, ela respondeu que as pessoas se interessam pelo que é novo, que o programa abre o leque de opções. Ela relata sua experiência em Salvador, enquanto jovem negra, que os seus pares historicamente foram colocados para fora do universo da música clássica.

Ao perguntar aos entrevistados se a existência de um núcleo do programa em uma cidade contribui para o desenvolvimento dos seus moradores, Karen, declara “com certeza, olha a quantidade de gente da periferia estudante instrumento hoje, olha as portas que o programa abriu”. Ela morou na cidade de Salvador quando participou do programa e afirma, “Neojiba trouxe oportunidade, isso é inegável, Neojiba formou um público periférico que ouve música erudita, ouve música de concerto.” (KAREN, 2022, informação verbal).

E hoje ela percebe uma mudança na formação da Orquestra da Bahia e o acesso da população menos favorecida em espaços culturais antes restritos à elite.

Antes os concertos eram 100% elitizados, era a lógica de Salvador. O primeiro concerto da OSBA que eu assisti, fiquei envergonhada da roupa que eu estava vestindo porque estava todo mundo usando traje social no concerto. Era uma época onde a maioria da orquestra era branca, o spalla da orquestra era branco, pelo tom de pele. Hoje a própria OSBA é mais diversa, a gente tem hoje ex integrantes do programa tocando com a OSBA, fazendo cache com a OSBA. Querendo ou não o Neojiba abre portas para muita gente. Recentemente o Neojiba passou a fazer intercâmbio cultural com os meninos ucranianos que chegaram, eles estão tendo acesso a uma realidade que eles não têm acesso na Europa e os meninos aqui estão conhecendo uma outra realidade, entendeu? tem menino no programa que provavelmente não sabia onde ficava a Ucrânia.” (KAREN, 2022, informação verbal).

Para Marcelli, o programa Neojiba é de extrema importância para a Bahia, para a transformação social. Ela coloca como exemplo a sua própria experiência, que sentiu a transformação na sua vida, que o programa a auxiliou profissionalmente e como pessoa, destaca o lema do programa “aprende quem ensina”, que a multiplicação conduz para o senso de coletividade.

[...] num sonho não muito distante, que tenha um Núcleo em cada cidade da Bahia, ou pelo menos um Núcleo territorial, que atinja muita gente, muitas crianças, falei às vezes pela própria disciplina que você acaba tendo no programa desse, não precisa se tornar um músico. Neojiba proporciona em várias áreas técnicas, pela disciplina, pelas experiências, pelos ensinamentos que você tem, você sai dali um excelente profissional para qualquer área, em qualquer área que você queira estudar, então quanto política pública o Neojiba é extremamente necessário para formação do futuro dos jovens da Bahia, acho extremamente necessário ele agora, essencial. (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Para Joás a existência do programa Neojiba melhora a cidade e a vida de parcela dos habitantes “claro, muito, principalmente que o Neojiba é uma família, no sentido assim a família que abraça todo mundo, então como eu e outros alunos que é da periferia, abraça todas as pessoas.” (JOÁS, 2022, informação verbal).

Ele fala das dificuldades enfrentadas pelos moradores da periferia, com poucas oportunidades para os jovens, a ausência de perspectivas e como o Núcleo do Neojiba contribui para alterar essa realidade, afirma [...] “o Neojiba tem esse poder de conquistar as pessoas com a música, as pessoas chegam vê aquela explosão de música e os jovens ficam encantados, eu acredito no poder da música de transformar [...].” (JOÁS, 2022, informação verbal).

Quando perguntamos a Bruna se o Neojiba contribui para o desenvolvimento da cidade, a necessidade de políticas voltadas à educação, para sanar problemas estruturais na

cidade. Para ela “[...] a educação musical não é vista como algo comum aqui no Brasil e ter um programa como o Neojiba em um bairro traz uma nova perspectiva para aquela criança[...].” (BRUNA, 2022, informação verbal).

Bruna conta que muitas crianças e adolescentes vivem nos bairros populares sem acesso a uma educação de qualidade, sem perspectiva de mudança de vida. Perguntamos a Bruna se a existência de um Núcleo contribui para a população e ela responde “acho que é essencial porque às vezes a gente não imagina como as coisas acontecem nos bairros periféricos, principalmente aqui em Salvador.” (BRUNA, 2022, informação verbal).

Ela relata sua experiência no subúrbio de Salvador quando ia visitar a avó e percebia, a partir das conversas com os meninos da rua, a diferença na perspectiva de vida “eles não tinham o mesmo acesso a educação, então minha maneira de pensar, minha perspectiva de educação de me formar de aprender era totalmente diferente dos meninos de lá.” (BRUNA, 2022, informação verbal).

Ela acredita que frequentar um programa social fez diferença na sua formação “o Neojiba ampliou a minha perspectiva. Se minha família não tivesse me colocado no Neojiba provavelmente eu estaria com os mesmos pensamentos deles.” (BRUNA, 2022, informação verbal)

Quando perguntamos a Caio se ele acha que o programa contribui para a melhoria da cidade e dos habitantes do bairro ele responde “você ter um Núcleo no bairro de Salvador e nas cidades do interior modifica, o bairro, tem outra visão, as pessoas da comunidade passam a conhecer, a querer, a se interessar”. Ele compartilha a sua experiência enquanto morador do bairro do Nordeste de Amaralina. “Quando eu passo com a camisa do Neojiba no bairro todo mundo fala você toca no Neojiba, eu já fui no concerto” (CAIO, 2022, informação verbal). Essa integração é fundamental para criar um sentimento de pertencimento, apoia na auto estima dos moradores do bairro que vivem diariamente situações de discriminação, e particularmente proporciona ao integrante um reconhecimento dentro da própria comunidade.

Ele acrescenta que a presença do programa “gera no entorno do Núcleo uma transformação visual, pessoal, enfim causa transformação de diversas formas.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Para Lucas, o bairro de Cidade Nova, em Feira de Santana, conhecido como um bairro violento, melhorou bastante depois que passou a ser sede de um dos núcleos do Neojiba. Ele

traz a importância de uma orquestra na cidade, e que cabe a cada um contribuir um pouco para tornar isso realidade para aquele bairro foi uma mudança positiva, e quando tinha algum concerto do Núcleo as salas ficavam cheias de familiares, de pessoas do bairro, isso para mim foi importante”. (LUCAS, 2022, informação verbal).

Ainda sobre a contribuição na vida da população de uma cidade, perguntamos a Fernanda, se você tivesse um filho você colocaria no Neojiba?

Acho que sim, porque como eu te falei a possibilidade de você vivenciar experiências, está em espaços diferentes do cotidiano, é muito especial, participar de Concertos Além disso o trato com as pessoas Eu acho que é uma oportunidade para quem vive na Bahia, vive em Salvador de uma maneira diferente porque a gente tá numa capital do país em que estudar música erudita é privilégio [...] a música contribui o tempo todo para todo o mundo, muda a vida. (MARIA FERNANDA, 2022, informação verbal).

Cássio, que foi coordenador de um Núcleo no interior, fala com propriedade da contribuição do programa para a cidade, para melhoria dos habitantes. Ele conta sua experiência de apoiar crianças e adolescentes no período de formação.

Eu acredito que sim, muda bastante, muda bastante o comportamento. No caso de núcleos em cidade pequena a gente acaba sendo Regente, coordenador, acaba virando às vezes até pai, tio, eu acabei virando velho mais cedo, eu vivi essa situação com 20 anos tendo que resolver uma coisa de um menino de 17 anos, assim o pai não dava conta mas porque ele me respeitava mais que o pai, Ele me ouvia mais que os pais enfim. (CÁSSIO, 2022, informação verbal).

Cássio fala da importância da música como ferramenta para o desenvolvimento social, não apenas na cultura, ele defende que é dever, obrigação do Estado garantir uma boa educação, e relata sua visão após conhecer outras culturas.

É isso que a gente encontrava lá na Europa, por exemplo, o médico formado que toca violino, porque ele teve oportunidade quando criança, mas também é o rapaz que tá na “correria”, como falamos aqui, sabe tocar piano porque teve a oportunidade de aprender. O desenvolvimento musical deixa a pessoa sensível ao universo né ah ah ah então é importante, uma obrigação do Governo do Estado retribuir com nossos impostos. (CASSIO, 2022, informação verbal).

Todos os entrevistados, declararam que o programa contribui para uma melhora da cidade, trazendo mais opções de lazer e integração, melhorando a vida dos habitantes. Pelas falas apresentadas ficou evidente que a presença de um núcleo em uma cidade ou bairro estimula os familiares a levarem seus filhos a frequentarem o núcleo e a partir das apresentações públicas a frequentar mais espaços culturais dentro da cidade, reduzindo ou em alguns casos rompendo com o distanciamento da população periférica aos teatros e espaços de lazer da cidade ou do bairro.

No caso do entrevistado (Caio), ele descreve a história do avô que após anos morando na cidade entrou pela primeira vez no teatro para assisti-lo em um concerto. Isso demonstra a mobilização das famílias para acompanhar seus filhos e compartilhar de suas conquistas.

Assim, identificamos com as declarações dos entrevistados que a existência de núcleos do Neojiba apontam para mudança de cultura na cidade, a ocupação de espaços antes restritos aos ricos e brancos, hoje estes espaços também são ocupados pela classe menos favorecida, formada por negros e pobres.

A partir dos depoimentos dos entrevistados é possível afirmar que o Neojiba tem contribuído com a mudança na composição da Orquestra Sinfônica da Bahia – OSBA, ampliando o seu quadro com a formação de novos integrantes negros. A presença do Neojiba nas cidades vem contribuindo para levar a música erudita para perto da população, construindo um sentimento de pertencimento junto a população negra e de bairros populares.

Segundo os entrevistados, a música erudita sempre foi um espaço ocupado pelas classes dominantes, o acesso da população pobre representa o empoderamento, a sua chegada a espaços antes "proibidos" gera uma autoestima para estes jovens que venceram barreiras sociais e demonstra a importância da arte no fortalecimento de vínculos.

3.1.3 Bolsa auxílio e a permanência no programa

E quando perguntamos sobre a importância de receber a bolsa auxílio, se ela contribuiu para a sua permanência no programa? A egressa Marcelli respondeu “a bolsa do Neojiba foi uma luz, com essa bolsa eu pude fazer o que eu gosto, tive o apoio para continuar fazendo o que gosto, não abandonar e ter que fazer algo que às vezes não é da minha área.” (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Ela fala que a bolsa ajudou a se manter, que viveu dificuldades financeiras, que foi difícil mas “a bolsa me ajudou não só me manter estudando como comprar meu instrumento, pagar o aluguel, alimentação, tudo com a bolsa do programa.” (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Karen afirma que a bolsa teve 100% de contribuição para ela conseguir terminar a faculdade.

A bolsa fazia parte do que era a nossa renda familiar, e provavelmente sem a bolsa eu não estaria fazendo música hoje não, estaria fazendo outra coisa [...] a bolsa teve papel fundamental no término dos meus estudos, eu consegui terminar a faculdade e

fazer outras coisas por conta da bolsa, sem a bolsa eu não teria ficado na música. (KAREN, 2022, informação verbal).

Para Cássio a bolsa auxílio foi importante, mas, não foi determinante para a sua permanência no programa. Ele diz que no período de 2014/2015, ele já estava mais formado, tinha uma ideia do que fazer com dinheiro, já planejava a vida de outra forma. Mas ele afirma “mas se não tivesse eu acredito que eu trilharia o mesmo caminho.” (CÁSSIO, 2022, informação verbal).

Joás responde a pergunta dizendo que a bolsa auxílio contribuiu para a sua permanência no programa. Ele diz que quando participava do programa não trabalhava fora e o dinheiro ajudava no transporte. Insisto na pergunta quando Joás passa a falar da sua vida, que mais ou menos dois anos depois que entrou no programa a sua atual esposa ficou grávida, ele era pai de família, e que o dinheiro ajudava a pagar as contas de casa, ele conta um momento seu com o maestro:

Eu me lembro que uma vez o maestro me parou no elevador e me perguntou se aquela bolsa tava valendo alguma coisa para mim eu falei que sim, porque independente da quantidade que eu recebia eu conseguia comprar alguma coisa dentro de casa, pagar uma conta de água, conta de luz, então era muito útil a bolsa porque além de agente pagar transporte a gente também conseguia fazer alguma coisa para gente, comprar corda, que tinha gasto com as cordas, para a gente tocar na orquestra, claro que tinha a manutenção que dava as cordas para gente, mas às vezes a gente comprava as cordas que eram caras em torno de uns setecentos a oitocentos reais mas a gente comprava tipo duas, assim quando eu comprava só duas que era a principal lá e ré, mas também ajudava em muitas, muitas coisas a bolsa que a gente recebia. (JOÁS, 2022, informação verbal).

Perguntamos a Bruna se a bolsa auxílio contribuiu para a sua permanência no programa ela respondeu que sim. Ela acrescenta dizendo que

Infelizmente nem sempre a gente vai ter o privilégio de viver do que a gente gosta, se a gente não tem algum auxílio de renda, porque a gente tem que ajudar em casa, a gente tem que cumprir com nossas despesas próprias e às vezes isto impede a gente de fazer o que a gente gosta, eu sempre digo para todo mundo me pergunta que está no Neojiba é um privilégio para mim porque eu posso estar fazendo o que eu gosto e recebendo auxílio por isso, então para mim é de grande importância não é o centro mais é de grande importância. (BRUNA, 2022, informação verbal).

Maria Fernanda fala da importância da bolsa-auxílio, que ela contribui para a sua permanência no programa e sugere que seja chamada de bolsa permanência. Ela diz que com esse dinheiro os integrantes ajudam na alimentação, transporte e acrescenta

Esse dinheiro também ajuda dentro de casa, para comprar coisas, serviços, internet coisas para nossa permanência mesmo, para agente se manter ali no programa, além disso a maioria de nós somos maiores de idade e precisa de dinheiro para viver assim nesse sentido o projeto ajuda a nossa vivência. (MARIA FERNANDA, 2022, informação verbal).

Caio é taxativo na resposta, diz que a bolsa contribui, porque ele utiliza o recurso para transporte, alimentação, pagar as contas de casa, também para fazer manutenção do instrumento, ele afirma que tudo é muito caro, arco, corda e diversos outros apetrechos.

A bolsa chega como um auxílio, e toda ajuda é sempre bem-vinda, qualquer aumento significativo já melhora muito a nossa situação ainda mais agora nessa crise financeira que impacta de todas as formas, agora ainda mais, para comprar um jogo de cordas bom é preciso se desdobrar daqui e dali conseguir colocar um jogo de cordas. (CAIO, 2022, informação verbal).

Lucas também diz que a bolsa auxílio contribui para a sua permanência no programa, ele afirma que “a bolsa contribui para eu morar aqui em Salvador, porque como tá eu e meu irmão aqui, meus pais ajudam muito para que a gente continue, estamos aqui por conta dessa bolsa do Neojiba.” (LUCAS, 2022, informação verbal).

Para analisar a questão financeira fomos buscar no contrato de gestão a descrição desta meta. Segundo o documento, este é um apoio financeiro, que serve de estímulo para que os integrantes se dediquem às atividades com mais concentração e legitimidade junto às famílias e comunidades e tem como objetivo evitar a profissionalização precoce do integrante e o abandono da prática e formação musical por pressões econômicas.

As bolsas têm valores diferentes a depender do grupo, da idade e da atuação do integrante no programa. Assim, a pergunta se apresenta necessária para analisar se o programa contribui para o desenvolvimento e a integração dos integrantes, considerando que a bolsa tem como objetivo adiar o ingresso precoce dos integrantes no mercado de trabalho.

Das respostas foi possível criar dois subgrupos, um dos que declararam que a bolsa não foi determinante para sua permanência no programa e um outro subgrupo que afirma que para a sua permanência no programa a bolsa foi fundamental.

Do primeiro grupo apenas Cássio, declarou que a bolsa não foi determinante para permanecer no programa, ele declara que queria ser músico e o Neojiba foi um caminho para alcançar seu objetivo, ele que ingressou no programa aos 15 anos de idade e saiu com 22 anos para montar um negócio junto com a família. O mesmo completou o ensino médio não chegando a cursar o ensino superior.

O segundo subgrupo formado pelos entrevistados que declararam que a bolsa garantiu a sua permanência no programa, para melhor entendimento agrupamos os casos por proximidade, os que moravam com a família e os que usaram a bolsa para garantir o seu auto sustento.

Para Karen, Bruna, Maria Fernanda e Caio enquanto moravam com a família, a bolsa contribuía para pagar o transporte, alimentação, ajudar nas contas de casa e atender as necessidades pessoais.

No caso de Marcelli, ela usou o valor da bolsa para o auto sustento, morava sozinha, essa era a sua única fonte de renda, ela declarou que esse valor garantiu a sua manutenção na capital baiana e a permanência no programa e nos estudos acadêmicos.

Joás no período que participou do programa constituiu família, ele falou da sua condição de pai, mas não colocou as dificuldades financeiras com um problema estrutural e que a bolsa ajudava nas despesas da casa, no transporte e na compra de material de manutenção do instrumento musical.

Lucas mora com um irmão que também é integrante do Neojiba e a bolsa é fundamental para ele e o irmão se manterem no programa, apesar de receber ajuda dos pais para morar fora de casa.

Com as entrevistas foi possível constatar que nenhum deles teve que trabalhar para se manter, que a bolsa auxílio teve o papel de evitar a saída do integrante para o mercado de trabalho de forma precoce.

3.1.4 - Dificuldades e facilidades: mudanças, desafios, desejo, sonho e realização

Perguntamos quais as maiores dificuldades ou facilidades encontradas estando no programa, Karen responde da facilidade que encontrou pois o programa lhe proporcionou o intercâmbio cultural, viagens, alimentou o seu espírito, abriu a possibilidade de tocar com músicos de vários países. Todas essas facilidades impulsionaram Karen a permanecer no programa, mas *ela* fala hoje da sua expectativa para o seu futuro.

Mesmo eu fazendo parte desse "métier" por ter sido fruto do Neojiba, alguns músicos profissionais ainda me veem como uma eterna integrante do programa, ou seja, uma eterna estudante, eles não enxergam o meu nível profissional. Pelo fato de eu ser aluna de um professor Brasileiro, hoje internacionalmente conhecido, já me abriu algumas portas. (KAREN, 2022, informação verbal).

Joás traz como uma dificuldade vivida a depressão que ele passou no período que participou do programa, interessante que mesmo ele sendo um jovem de baixa renda, ele não aborda a carência material/financeira como uma dificuldade enfrentada. Relata o apoio da equipe de psicólogo, maestros e amigos que ele conquistou estando no programa.

[...] a maior dificuldade que eu enfrentei foi essa depressão, assim falando no sentido espiritual da coisa porque materialmente eu não tive nenhum problema, [...] uma psicóloga do programa me acompanhou, comecei a conversar um pouco a respeito do que eu tava sentindo, [...] eu passei um momento muito difícil então quando eu saía de casa para o Neojiba minha mente era outra porque eu tava perto de pessoas que eu gostava, eu fazia aquilo que eu gostava, eu sorria bastante, eu conseguia sair daquela prisão que eu estava [...] mas uma coisa que o Neojiba sempre nos ensinou foi ser guerreiros, o Neojiba sempre nos ensinou ir a frente [...] (JOÁS, 2022, informação verbal).

Cássio relata as facilidades e acrescenta que a dificuldade foi por conta do programa não apresentar um plano B, alternativas aos integrantes para quando saísse do programa. Ele enfatiza a perspectiva de vida, os planos e o que fazer para sobreviver profissionalmente.

[...] facilidade foi conquistar amizades, é uma porta gigante, às vezes até difícil para quem não está nela, essa oportunidade de amizade, de apresentar trabalhos enfim, tenho colhido até hoje e acredito que vou colher para sempre. (CASSIO, 2022, informação verbal).

Para Marcelli no período que participava da orquestra a maior a facilidade principal era o deslocamento, pois morava em um bairro no centro da cidade, os amigos e o estímulo dos professores, e a maior dificuldade foi quando seus pais retornaram para o interior, e ela ficou só com a bolsa para se sustentar. Ela relata que:

Fui muito difícil, difícil financeiramente, foi muito apertado para continuar no bairro que tava e também né foi uma escolha bem apertada, então passei muito perrengue. Ah eu lembro da tia do lanche que separava os lanches, sabia dos casos que tinha mais dificuldade então ela já deixava os lanches que sobravam, ela já separava para gente, então agradeço muito a ela em muita situação de aperto foi ela que salvou, então aqui as dificuldades foram as questões financeiras, questão de alimentação que mais pegou nesse período apesar da bolsa ajudar e muitos ainda assim era muito apertado para se manter sozinha, apenas com a bolsa. (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Bruna (2022) declara na entrevista que a maior dificuldade é conciliar os horários, estudo acadêmico, ensaios e vida pessoal “são os horários, porque como eu estudo no IFBA o estudo é integrado então tem incompatibilidade de horários com o Neojiba, faço um quebra-cabeça para estar no IFBA e para estar no Neojiba”. Ela também fala das facilidades, segundo ela:

A facilidade é que eu gosto, então nada disso para mim é uma obrigação, é cansativo, obrigação chata, não é uma obrigação está lá no IFBA e no Neojiba, o que me deixa mais triste é saber que talvez um dia eu não consiga manter os dois por causa dos horários mas essa é a maior dificuldade.(BRUNA, 2022, informação verbal).

Para Maria Fernanda são dificuldades enfrentadas o pouco investimento para as apresentações do Coro, a pouca visibilidade da formação junto a sociedade e a rigidez nos horários. Ela acha que:

Alguns pontos que poderiam ser melhorados dentro do programa, algumas questões ligadas à forma como o Coro aparece no programa, muita gente não sabe da existência do Coro e também às vezes nós somos negligenciados quanto a divulgação de eventos, concertos e também algumas dificuldades da gente conseguir recursos por exemplo agora a gente tá para fazer uma turnê de verdade na Bahia e estamos com dificuldade de recurso, apesar da Lei Ruanet estamos com dificuldade para conseguir dinheiro. Tem também algumas questões ligadas ao social, precisamos de uma maior compreensão como exemplo os atrasos a maior parte do grupo vive em bairros periféricos e tem dificuldade de acesso a transporte, às vezes a gente chega atrasado mas não porque queira, ou que não se importa com o projeto e sim uma questão de logística porque muitos de nós precisamos de duas ou três horas para chegar no Parque de Queimado, às vezes a gente perde o ônibus como qualquer outra pessoa e a gente tem dificuldades e às vezes as questões vão para além, sai do nosso controle, coisas da vida, acho que são essas as questões principais.(MARIA FERNANDA, 2022, informação verbal).

Para Caio a maior dificuldade é o deslocamento de casa para o ensaio, ele fala da qualidade do transporte público, da falta de segurança pública, ele acrescenta que é terrível se locomover no dia a dia. Ele também fala da necessidade de estudar muito, pois as peças que precisa tocar são difíceis e que depois que aprende, chega a facilidade na hora tocar algumas peças que antes se apresentavam com maior complexidade.

No nosso meio é cada repertório difícil, a gente tem que estudar obras, peça é muito estudo para te ajudar a manobrar dificuldades, e os resultados que a gente acha que vai vir logo não vem, não vem mesmo, coisa que hoje a gente não entendi porque tá estudando aquilo, lá na frente seis meses você vai tocar uma peça que justamente tem as coisas que você precisa trocar com aqueles estudo que você fez seis meses atrás, você tava com dificuldade e agora você não tem mais e aí a “chave” vira na nossa cabeça, nossa eu não sabia fazer isso agora sei, agora já faço isso com mais facilidade porque já foi preparado, tem coisa na nossa vida como músico que agente não entende, porque eu estou tocando isso? Porque estou fazendo aquilo, isso não dá certo, depois a gente consegue, tocando isso, tô fazendo aquilo, olha meu colega me ajudou, mostra que é assim ou assim é mais fácil, tava assim e não tava bom, agora já tá muito melhor, é uma série de descobertas diárias e eternas.(CAIO, 2022, informação verbal).

Lucas na entrevista identifica que umas das dificuldades é a rotina de ensaios, de atividades dentro do programa e os estudos da universidade. Ele relata que:

eu tenho aula então eu tenho que sair depressa para fazer aula que às vezes eu chego na aula assim exausto de ensaio, às vezes não consigo produzir, então uma dificuldade é horário, o deslocamento principalmente porque esse horário é um horário de saída das escolas, das Universidades o trânsito fica bem puxado. Para mim a facilidade é principalmente na orquestra da Universidade eu percebo que o pessoal do Neojiba que estuda comigo lá e tem muita facilidade com a orquestra e a gente vai desenvolver mais habilidades, tudo que eu aprendi de Orquestra no Neojiba, então para mim é muito fácil entender como funciona orquestra, como tocar, como fazer tal dinâmica, articulação o que seguir, então para mim isso já é muito fácil pelo fato de estudar música e tá trabalhando em horário oposto com música isso ajudou bastante, do que quem trabalhar fazendo outra coisa, então para mim fazer música e estudar, essas coisas paralelo facilita assim minha vida em 100%.(LUCAS, 2022, informação verbal).

Analisando as respostas identificamos que na fala de Karen informações que apresenta o cooperativismo profissional no campo da música, apresenta a necessidade de enfrentar desafios para sua atuação internacional. Aqui identificamos elementos contraditórios a serem futuramente analisados por outros pesquisadores quanto à ocupação da contribuição do Programa e sua perspectiva de mercado de trabalho para os jovens do programa.

Tanto Cássio como Karen colocam nas suas respostas a questão de pensar o futuro e da expectativa dos beneficiários que o programa possa garantir trabalho para todos ou cuidar do futuro profissional dos integrantes, ou melhor dos membros da orquestra principal.

Joás fala da dificuldade que viveu com a depressão e das facilidades que encontrou junto a rede de apoio dentro do programa com os amigos, maestros e a equipe do desenvolvimento social.

Os entrevistados declararam que uma das dificuldades é o volume de atividade que precisam cumprir e do choque de horário com os estudos acadêmicos. Uma outra dificuldade que apareceu para Lucas, Maria Fernanda e Caio foi o deslocamento físico. Para os que moram ou moravam longe do local de ensaio, um problema é o transporte público, a precariedade, a pouca oferta e o próprio custo para o deslocamento diário.

3.2 Música, movimento e cooperação

Como afirmamos no início do texto, essa categoria é bastante ampla e dinâmica, ela se constrói no coletivo, na interação entre sujeitos para construir de forma compartilhada, enriquecendo as vivências e experiências. Assim analisaremos as respostas das entrevistas realizadas nesta pesquisa, considerando a percepção do integrante quanto a contribuição do fazer música em conjunto, e a experiência vivenciada com as turnês internacionais.

Entendemos que para alcançar a integração social, anunciada pelo programa, requer as condições para a troca de conhecimento e o próprio envolvimento com o fazer coletivo, respeitando as diferenças e especificidades de cada sujeito. Assim, buscamos identificar e qualificar a integração social alcançada pelo programa dentro das entrevistas realizadas.

3.2.1 Música coletiva e o sentimento de pertencimento

Essa prática possibilita a realização de sonhos e contribui para transformar vidas. Para Maria Fernanda (2022) fazer música coletiva “é uma ótima experiência, a gente aprende muita coisa, a gente aprende a ter disciplina, a trabalhar em equipe, a interagir com pessoas

diferentes, acho que a cada dia é um aprendizado novo”. Ela vê a construção coletiva como elemento potencializador da troca de experiências e diz que a música amplia as sensações.

Fazer música coletiva para Bruna (2022) “representa um desenvolvimento social, que afeta todo o seu círculo de amigos, família, é um desenvolvimento que vai além da pessoa que está no projeto.” É nítida a influência desta prática na formação do sujeito e nas suas competências. Sendo esta prática desenvolvida junto a crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, público que na sua imensa maioria tem o perfil de cadastro único.

Joás acrescenta que a música ajuda a preparar as pessoas para enfrentar os desafios diários, a saber que não se estar sozinho, que a luta é coletiva, tocar música coletiva é um meio de aprender a ser lutadores. Ele diz que: fazer música é uma sociedade, tá todo mundo ali junto no mesmo sentido, no mesmo propósito, você não pensa sozinho, você já passa a se vincular com pessoas e todo mundo fazendo uma coisa só, é motivado a fazer uma coisa só. (JOÁS, 2022, informação verbal).

Cássio reforça que a música é um instrumento de crescimento, para ele é o desafio mais prazeroso que existe, segundo ele para fazer o som se reúne pessoas de diferentes raças, gênero. Para ele “o som não escolhe, ele é o som, então no final das contas nada disso importa, o que importa é o indivíduo, o ser humano ali se abrindo, se demonstrando, se declarando, o som é único.” (CÁSSIO, 2022, informação verbal). Ele apresenta na sua fala a grandeza e a ausência de preconceito para fazer o som, que não importa classe social, raça e gênero e sim o empenho de todos para o resultado final.

Para Lucas fazer música coletiva é aprender com o grupo, é aprender coletivamente, aprender a partir de visões diferentes. Ele declara que é gratificante trabalhar no coletivo “sempre gostei de aprender com os colegas, com o maestro, sempre tá todo mundo dando uma opinião de algo e acrescentando para o crescimento musical.” (LUCAS, 2022, informação verbal). Para Lucas fazer música e participar da orquestra traz um sentimento de satisfação, diz que se sente honrado que o programa faz ele

Cada vez mais gostar de música Até então eu não via a música como algo profissional, algo sério, e depois do Neojiba eu tive uma visão de música totalmente diferente, é uma coisa além do profissional, é uma missão fazer música, eu me sinto muito honrado e feliz tá fazendo parte do programa Neojiba. (LUCAS, 2022, informação verbal).

Pelas respostas identificamos que fazer música coletiva leva o sujeito a respeitar as diferenças, valorizar os conhecimentos e reconhecer o valor do trabalho e resultado do coletivo, potencializa o sentimento de pertencimento em especial no público mais vulnerável.

Marcelli diz que fazer música coletiva é sentir a transformação musical e descreve “quando você tá em conjunto você tem esse senso de transformação musical, você se sente abraçado, você sente que faz parte de algo” ela define como um momento que todos são iguais e lembra de momentos na sala de aula onde uma aluna disse “não consigo, acho que não tá muito legal” e quando foi tocar com toda a turma o resultado ficou maravilhoso.

Fazer parte de um grupo que toca instrumento é “você sente a mágica acontecer [...]todo mundo tá ali igual, em conjunto, fazer algo incrível” (MARCELLI, 2022, informação verbal). Marcelli responde a essa pergunta e segue com o mesmo entendimento dos colegas que tocar em conjunto desenvolve o senso de coletividade e respeito ao fazer de cada um, que todos têm a sua importância e um depende do outro.

Para Karen fazer música coletiva é uma possibilidade de realizar sonhos, ela diz que o Neojiba deu a ela a possibilidade de trabalhar com o ensino coletivo, o que foi decisivo, ela gostava de dar aula, de trabalhar em coletivo, ela declara “ eu não sou a pessoa que gosta da carreira solo, eu não nunca tive problema de trabalhar em equipe, pelo contrário, sempre gostei de tocar em orquestra”.

Pergunto a Karen sobre sua trajetória, o que representa para ela fazer música coletiva, participar de uma orquestra?

Neojiba foi fator decisivo pra minha visão, do que queria seguir de carreira. Foi por causa do Neojiba que decidi mudar de curso. O Neojiba me deu a possibilidade de trabalhar com o ensino coletivo, o que foi decisivo, eu já gostava de dar aula, dei conta de que trabalhar em coletivo é uma coisa que eu gosto de fazer, eu não sou a pessoa que gosta da carreira solo, eu não nunca tive problema de trabalhar em equipe, pelo contrário, sempre gostei de tocar em orquestra é o somatório desse processo e eu sempre fui fã de orquestra desde pequena.(KAREN, 2022, informação verbal).

Ela descreve o seu sonho de participar de uma orquestra quando pequena

Eu dizia que se eu fosse musicista eu queria ser musicista de orquestra, que seria violinista da orquestra de Berlin. A minha referência sempre foram grandes orquestras e eu lembro que em 2004 eu vi a OSBA fazendo um concerto, eu fiquei bastante empolgada, era a primeira vez que estava vendo uma orquestra ao vivo, era a orquestra do estado, tinha toda uma questão de representatividade de ter uma orquestra né, de alto nível na minha visão naquela época no nosso estado.”(KAREN, 2022, informação verbal).

Todos os entrevistados declaram sentir a força da música e que os aprendizados adquiridos com a prática da música coletiva ajudam a construir novas trajetórias. Falaram da importância para eles de pisar nos melhores palcos do mundo, e que fazer música é algo transformador, Joás, jovem entrevistado, afirma que essas lembranças não sairão da sua memória.

3.2.2 Novos horizontes: percepções sobre a experiência de uma turnê internacional.

Para Marcelli, as experiências das turnês são maravilhosas, além de proporcionar conhecer palcos e salas de concertos incríveis, para ela “é algo que você quando inicia na música sinfônica, música erudita, você começa a ver esses músicos grandiosos, essas salas maravilhosas você fica pensando quando que eu vou lá?.” (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Marcelli fala dos palcos da Europa, berço da música clássica e acrescenta “então ir para lá é um sonho” ela continua falando da experiência e afirma ser importante conhecer outros países, outras culturas e declara “é brilhante e enriquece a sua vida, você tem a visão do que é o mundo de verdade, fora de onde você tá, da sua cidade, de seu país, você conhecer outras culturas, outras pessoas, a turnê é maravilhosa.” (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Já para Joás, “não era somente ir para fora tocar, não era só estar ali naquele lugar para tocar, você prova muita coisa boa, ambientes, lugares muito especiais que só fica na memória” ele responde a pergunta com algumas pausas como se voltasse ao tempo, respira fundo, recorda as experiências, os lugares e pessoas que conheceu, enfatiza os “sentidos” como o sabor e a magia da nova experiência “então as turnês eram muito bom porque se abria novos horizontes, a gente chegava em lugares que era mágico, a gente estava em lugares que traziam alegria.” (JOÁS, 2022, informação verbal).

Joás, fala da importância de conhecer, mesmo vivendo um momento difícil, lugares especiais para a superação de uma crise “no meu caso que passava por esse momento difícil era muito bom para mim, porque pelo fato de você tá na Suíça e tá em lugares diferente era muito, muito legal as turnês que a gente fazia.” (JOÁS, 2022, informação verbal). Joás fala dos palcos e dos países como a Suíça, de ser reconhecido nestes lugares como músico, respeitado e aplaudido por um público conhecedor da música erudita, tudo isso transforma a perspectiva da pessoa.

Caio, integrante da orquestra Juvenil do Neojiba responde a essa pergunta trazendo suas experiências em uma sequência de turnês, afirma que todas as turnês foram importantes e marcantes, para ele “levar mais uma vez o nome do programa para fora do Brasil, coisa que é importante para todos[...]”. No depoimento temos aí uma manifestação de orgulho em levar para fora do seu País o programa que ele faz parte. “cada vez é diferente, lugares diferentes, sensação diferente por mais que você já tenha feito, essa vai ser a minha terceira turnê na Europa e a minha quinta turnê, cada uma delas foi realmente muito especial. (CAIO, 2022, informação verbal).

Para Cássio, a turnê é uma imersão, “você sai da sua caixinha, você volta outro, por que aquilo ali acaba sendo o seu né”. Para ele o espírito coletivo se impõe em diversos momentos, ele destaca o olhar e a ação coletiva na rotina de uma turnê, “tem que ajudar porque tem que fazer o coletivo andar, então é uma imersão total”, ele acrescenta “você poder conhecer culturas, nossa, é impagável, eu colho frutos disso até hoje.” (CÁSSIO, 2022, informação verbal).

Cássio fala das oportunidades de conhecer outras culturas e as formas de contemplação da arte “é diferente como eles contemplam a arte, como eles contemplam a música sinfônica, ser um pouco mais racional do que a gente[...]”. (CÁSSIO, 2022, informação verbal).

Quando perguntei a Lucas sobre a experiência nas turnês ele deixa claro que participar da turnê de 2018 foi importante para a sua formação, enquanto músico e como ser humano, ele declara que “a gente tocou nas melhores salas das cidades, na Europa, não imaginava que eu teria essa oportunidade nem daqui a 20, 30 anos de tocar em salas tão renomadas, então para mim foi incrível.” (LUCAS, 2022, informação verbal).

Já Karen, ex-integrante, relata as suas experiências nas turnês de 2014, 2016 e 2018, expectativas e projetos pessoais, “Foram três mentalidades diferentes, [...] em 2018 eu estava na orquestra como convidada então para mim valeu como uma experiência profissional.” (KAREN, 2022, informação verbal).

Para Bruna participar de uma turnê internacional foi uma realização pessoal, é resultado dos seus esforços que estão a levando para além do que eu podia imaginar. Ela fala da sua conquista compartilhada “foi uma realização não só para mim mas para minha família,

é algo que te deixa feliz, você ter oportunidade de viajar fruto do que você tá fazendo todo dia, fazendo o que gosta, é um privilégio para mim.” (BRUNA, 2022, informação verbal).

Sete entrevistados falaram da experiência positiva vivida com as turnês, apenas Maria Fernanda, membro do Coro Juvenil, até a presente data, o seu grupo, não participou de nenhuma turnê internacional, assim ficou sem responder a esta questão.

As expressões dos entrevistados quando se fala na sua participação em turnês internacionais são: realização de um sonho, abrir portas para outros mundos, conhecer lugares diferentes, conhecer culturas diferentes, uma realização, uma experiência para a formação profissional e a construção de uma rede de relações.

Estas expressões demonstram o que representa para esses jovens ser respeitado e reconhecido como músico capaz de levar alegria para as pessoas com a sua música, pessoas diferentes, lugares diferentes, outra cultura.

Acredita-se que essa experiência ajuda na formação dos jovens, que este esforço aponta para um “rompimento” de uma cultura de supremacia branca, estes jovens vem ocupando novos espaços e com sentimento de pertencimento junto ao universo da música erudita, ampliando seu capital social e cultural.

3.3 A arte enquanto possibilidade

Optamos por usar como elemento de análise, além das entrevistas de integrantes e ex-integrantes, o filme documentário “Neojiba, música que transforma”, dos diretores Sérgio Machado e George Walker Torres. Com análise e interpretação desta produção artística seguimos com a problematização da contribuição do programa na vida das crianças, adolescentes e jovens baianos.

3.3.1 Neojiba – música que transforma

O documentário conta ao longo de uma hora e vinte minutos, a história do programa Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia, Neojiba, criado a partir da experiência inspirada do “El Sistema”, um programa venezuelano.

Na primeira parte do documentário há uma polarização de contextualizações onde alternadamente são exibidas imagens de ambientes escolar, urbano e familiar dos adolescentes Yuri e Ingrid, jovens adolescentes, negros, oriundo de família de baixa renda, estudante de

escola pública e moradores da periferia da capital, os quais protagonizam a rotina musical dos jovens do programa, dos estudos, da vida na comunidade, as dificuldades pessoais e gradualmente vai entrando na história de vida dos jovens e evidenciando a forma com que o mundo se abre deixando à mostra horizontes transcontinentais.

As cenas ilustram o cotidiano de Iuri caminhando pelas ruas da periferia carregando um instrumento musical, sua rotina escolar, e é na mesma sala de aula que ele usa para trocar a camisa, se preparando para outra jornada. Enquanto espera a chegada do ônibus, com sua irmã, integrante da orquestra, que também carrega um instrumento musical nas costas, pega a marmitta na mochila, que é o seu almoço.

Os depoimentos no filme dos alunos, professores, pais, músicos convidados e do próprio maestro Ricardo Castro dão conta de que está sendo válido todo esforço empreendido e lhes dando esperança de que alcançarão muitos outros bons resultados. Mostra também a complexidade do processo, no qual, a motivação, a disciplina e o amor pela música são a mola propulsora para que os estudantes sigam em frente nos seus propósitos.

A partir daí o documentário capta as nuances do ensino/aprendizado por parte dos professores, alunos e também por parte dos familiares do alunado, fazendo o espectador perceber o impacto provocado nas famílias ao verem a benéfica ascensão dos seus filhos e filhas, assim sendo, a evolução de Yuri e de Ingrid é o próprio desenvolvimento desses jovens, bem como dos grupos e orquestras em construção.

Enquanto programa social o Neojiba é apresentado no transcorrer do documentário, em especial nos depoimentos que dão a dimensão de como é difícil e ao mesmo tempo prazeroso participar do programa e alcançar os resultados.

Ao final do documentário percebe-se a potencialidade do trabalho social através da música, a motivadora experiência das turnês pela Europa, em 2014, 2016 e 2018, revelam uma força que compensa a dedicação dispensada pelos jovens e profissionais e a projeção nacional e internacional do programa.

Para identificar a percepção dos integrantes e a transformação social ocorrida nas suas vidas através da música destacamos alguns depoimentos. A fala de Maria Fernanda Cardoso no início do filme demonstra uma consciência de raça, classe e poder. Traz a importância da música na sua vida. “para ser músico é preciso ser resiliente, correr atrás...” Ela fala da experiência de tocar em grandes palcos para uma platéia de descendentes de colonizadores,

que apesar de tudo, do desrespeito vivido os descendentes africanos são capazes e estão mostrando que podem ocupar esses espaços, podem estar no palco e ocupando o cargo de presidente.

Depoimento de Enã Deuel – diz “fazer parte da orquestra é uma oportunidade, o difícil é persistir diante das dificuldades de não ter espaço para os ensaios em casa, de incomodar os vizinhos, a falta de estrutura para se preparar para o momento da audição, e como isso interfere no emocional. Assim como as precárias condições do transporte público e mesmo assim decidir permanecer com a música. Ele fala de uma experiência emocionante, em uma turnê em Verona, que quando terminou a apresentação uma senhora se levantou e veio cumprimentá-lo, neste momento ele sentiu a conexão dele que tocava e da espectadora, um sentimento de gratidão da senhora pela emoção vivida.”

Depoimento de Ednei – coordenador do núcleo do Neojiba em uma área periférica da cidade. Relata formas vividas de violência, o cotidiano com a disputa de ponto de droga, a desigualdade na condição do consumo, e a diferença de classe. Ednei fala o que representou para ele, adolescente de periferia andar com um instrumento sinfônico nas mãos. Como foi participar de uma turnê fora do País e como isso influenciou na sua relação dentro da casa. Um marco na família, o primeiro a viajar de avião. Relata que em outro País percebeu um choque de realidade, se sentiu primeiro um “tabaréu” até se acostumar com as coisas.

É possível identificar a partir da apresentação das trajetórias dos integrantes no filme, das dificuldades e conquistas dos jovens, as mudanças que a prática instrumental coletiva promove e promoveu em suas vidas, nas relações familiares e nas comunidades. Que a prática musical coletiva contribuiu no desenvolvimento humano, no aspecto afetivo, na auto-estima, disciplina, na aquisição de valores éticos, fortalecimento de identidade, estímulo ao protagonismo.

Portanto, a prática musical coletiva, segundo depoimentos, contribui para o fortalecimento de vínculo, estimula laços de cooperação, o sentimento de pertencimento, o senso de equilíbrio e a satisfação pelo resultado obtido.

3.3.2 A arte imita a vida?

Caio fala da importância do filme e que se sente representado pois o protagonista é um menino negro e morador de bairro popular “me vejo representado também porque o protagonismo é um menino negro [...] pelo fato que o programa teve como protagonista um

integrante que toca na orquestra, que convive em uma comunidade, precisa todo dia pegar seu transporte público.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Ele diz que a maioria da orquestras, inclusive no Brasil, são formadas exclusivamente por pessoas brancas, e sendo o protagonista um menino negro ele se sente representado. Acrescenta “não se enxerga em certos lugares porque faltam pessoas ali parecidas comigo, fazendo aquilo que eu também sei fazer, então isso é muito importante.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Caio traz a importância de um filme que conte a história dos integrantes do programa, sua rotina e os resultados alcançados através da música. ”penso na minha saga para conseguir chegar no ensaio, pegar dois ônibus em horário cheio mas quando chego e tô lá tocando com meus amigos obras maravilhosas, me tira desse plano.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Ele continua falando da sua experiência e da questão simbólica do protagonista ser um menino negro no filme “o menino do Núcleo de tal bairro vai olhar e ver no filme uma pessoa ali parecida, dá uma vontade, você se enxerga ali o futuro, então é um gás para você chegar lá, se sente igual.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Ele conta a sua própria história “eu com 10 ou 12 anos, vi uma foto do meu professor que tocava em Genebra, eu vi meu Professor ali, eu falei eu quero estudar para está lá também.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Fala da sua emoção ao chegar em palcos consagrados “quando eu cheguei em 2018 no palco de Vitória Hall eu chorei de emoção, me lembrou do ano de 2011 que abri uma revista e vi uma foto da Juvenil e naquele ano eu tava lá.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Caio reforça dizendo que é extremamente importante que você se veja representado no lugar que é o seu sonho “meu sonho era tocar ali, então em batalhei, estudei, mas eu tive alguém que acreditou em mim e me ajudou a chegar ali e foi isso que aconteceu” aqui ele aponta as oportunidades necessárias para alcançar os sonhos, realizar os desejos. Ele conta como se relaciona com seus alunos, que estimula a todo tempo a acreditar nos sonhos e não perder oportunidades, ele diz “vocês querem um dia fazer isso, acreditem e vamos trabalhar juntos para que vocês sejam capazes.” (CAIO, 2022, informação verbal).

Marcelli traz a importância do documentário como estímulo para novas gerações, o filme mostra todas as etapas. “a notícia da turnê, aquela ansiedade, agora a gente vai estudar

para fazer audição e agora vamos lá, conseguimos, o esforço para quem consegue, foi aprovado, a viagem.” (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Ela fala da importância do documentário “mostra muito o dia a dia do Iuri, acho isso ideal, acho que isso é super legal, super bacana de terem compartilhado não só a parte da turnê mas todo o processo da realidade de um integrante.” (MARCELLI, 2022, informação verbal).

Para Bruna o filme mostra muito do dia a dia do programa, mas segundo ela o filme não mostra tudo e afirma “nenhum filme vai conseguir mostrar o tão grande que é o desenvolvimento social que o Neojiba, mas o filme ajuda muito a trazer uma perspectiva para as pessoas não só ouvir mas também assistir, ver, ajuda bastante.” (BRUNA, 2022, informação verbal).

Ela reforça que o filme traduz o cotidiano vivido pelos integrantes quando diz “as pessoas sempre querem ver o que a gente fala do Neojiba, do trabalho social além da parte musical e o filme traduz muito visualmente o que a gente fala do Neojiba.” (BRUNA, 2022, informação verbal).

Lucas sabia que estava sendo produzido um filme, mas ele afirma que foi uma surpresa sua participação “eu não sabia que eu ia participar do filme também, participando falando um pouquinho no filme, eu fui pego de surpresa, mas fiquei muito feliz, ficou muito bom, muito incrível”. (LUCAS, 2022, informação verbal).

Karen esclarece que sempre filmam bastante coisas nas turnês, mas não se sabe o que vai ficar após a edição final e não foi diferente na produção deste filme. Ela diz que fez a entrevista mas não esperava que ficasse após os cortes. Ela diz que “eles juntaram material de 3 turnês, 2014 , 2016 e 2018. Minha irmã estava nas turnês de 2014 e 2016, tem uma linha cronológica ali [...] a orquestra de 2018 é 90% diferente da orquestra de 2016 de 2014.” (KAREN, 2022, informação verbal).

Maria Fernanda, membro do coro juvenil faz uma crítica ao pequeno número de representantes do coro no filme, nos leva a indagar se o programa oferece oportunidades iguais aos integrantes da orquestra e do Coro. A entrevistada questiona o tratamento recebido pelo Coro Juvenil, dentro do programa, quando comparado ao tratamento dado à orquestra.

Quando perguntamos se ela se sentiu representada no filme ela respondeu ”por um lado, sim, me sinto representada, já que faço parte do projeto, contudo, sou a única pessoa do Coro Juvenil falando no filme e não aparece cenas do coro, isso é bem complicado.” (MARIA FERNANDA, 2022, informação verbal)

Quando perguntamos aos jovens durante as entrevistas como foi a experiência da turnê e de participar do filme, queríamos entender como essa experiência é percebida pelos jovens entrevistados, que fazem ou fizeram parte de um programa que na sua maioria são moradores negros e partos da periferia.

Aqui buscamos identificar como a trajetória desses jovens, participantes do programa, identificam suas subjetividades, queremos saber dos jovens como é a experiência de conhecer lugares distantes, conhecer outros países, tocar em salas renomadas no mundo da música clássica contribui para seu desenvolvimento e a integração social.

Reconhecemos nas respostas durante as entrevistas, os esforços dos jovens, familiares e amigos para realizar sonhos. Participar de uma turnê internacional é para os jovens, na sua maioria negros e de origem humilde, uma oportunidade de dizer que são capazes, que superam barreiras. É possível pensar que a turnê representa a possibilidade para conquistar outros mundos, uma oportunidade para ser visto, respeitado e admirado. A partir dos depoimentos percebemos que essa convivência constrói uma rede de relações afetiva e duradoura, que contribui na caminhada dos integrantes para alcançar seus propósitos.

Assim, podemos afirmar que o programa abre possibilidades para os integrantes incorporarem novas ações, crenças, resignificar o olhar para a sua realidade, assim, analisando os depoimentos é possível identificar que participar do programa é uma possibilidade de crescimento do capital social e cultural.

Considerações finais

A pesquisa investigou as contribuições do Programa para o desenvolvimento humano e integração social das crianças, adolescentes e jovens participantes do programa Neojiba. A partir do referencial adotado realizou-se a coleta de dados por meio da observação do cotidiano dos jovens, levantamento e análise dos documentos oficiais, assim como dos dados socioassistenciais gerados no período de 2015 a 2020, das entrevistas concedidas por adolescentes e jovens que participaram do filme documentário, Neojiba – Música que Transforma e membros das formações principais do programa.

A hipótese da pesquisa foi confirmada, constatando que o programa contribuiu para o desenvolvimento humano e a integração social, fato reconhecido pelo público assistido durante as entrevistas, sendo sinalizado pelos mesmos os benefícios adquiridos com as experiências vividas.

Entre as contribuições do programa para o desenvolvimento humano de seus beneficiários presentes nos relatos dos entrevistados estão a prática coletiva da música, as responsabilidades com o coletivo, o crescimento pessoal e cultural e as oportunidades geradas nesta convivência.

Como já apresentado, são vários depoimentos que afirmam a qualidade da rede de relações construídas dentro do programa, o que demonstra a dimensão do capital social e cultural firmado na convivência entre os integrantes e os sujeitos que compõem a ampla rede de relações. Os entrevistados relacionaram o acesso à música à geração de oportunidades e reconhecem que houve melhoria nas suas vidas com a sua participação no programa.

Os entrevistados declararam sentir a força da música e que os aprendizados adquiridos com a prática da música coletiva ajudam a construir novas trajetórias. Demonstraram que o reconhecimento do seu desenvolvimento o vincula ao sentimento de satisfação. Aponta para ampliação de oportunidades, acesso a espaços desejados e uma convivência estimulante, onde a questão financeira é importante, mas não assume um papel central nas escolhas dos entrevistados, sendo este assumido pela satisfação pessoal e pela responsabilidade com o coletivo.

Relacionando as contribuições e as entrevistas encontramos afirmações que nos faz compreender que é a partir do processo de aprendizagem que se toma consciência que a vida

social implica em sacrifícios, e o caminho para a superação dos sacrifícios é o desenvolvimento do espírito de disciplina e o respeito dentro das relações considerando a hierarquia.

Nas entrevistas não identificamos o estímulo à competição entre os integrantes, o que nos leva a acreditar que a prática da música coletiva praticada dentro do programa gera a integração social no grupo, acredita-se que essa experiência ajuda na formação das crianças, adolescentes e jovens.

Participar das turnês internacionais representou para os entrevistados a abertura de novas portas, acesso a outros mundos, conhecer lugares e culturas diferentes, uma experiência para a formação profissional e a construção da rede de relações.

É fato o esforço depositado pelos jovens e seus familiares para ingressar e permanecer no programa, mas este esforço é recompensado na realização de sonhos, como participar de turnês, integrar a orquestra principal, sonhos que impulsionam à superação de dificuldades, desigualdades e carências, a conquistar outros mundos, a ampliar rede de relações afetiva e duradoura, que contribui para o desenvolvimento e a integração social dos participantes do programa e futura relações profissionais.

Seis dos oito entrevistados estão cursando o ensino superior, um dado que demonstra um investimento na trajetória acadêmica, apontando na direção da preparação para o mundo do trabalho, com a possibilidade de profissões com melhor remuneração, aumentando o capital social/cultural.

Os depoimentos afirmam que a participação no programa contribuiu para a sua auto estima, eles valorizam o aprendizado e convivência coletiva, e reconhecem o sentimento de alegria quando reconhecidos e valorizados pelo que fazem. Todos os entrevistados afirmam a importância da cultura e da educação nas suas vidas. Podemos dizer que o fazer música coletiva, a convivência com o belo, para estes jovens que mesmo vivendo cotidianamente com desigualdades sociais, é uma ponte que os leva para a reconexão com os sentimentos como a alegria, por exemplo.

É possível identificar que, a partir das entrevistas e da observação do cotidiano dos integrantes, houve acúmulo do capital social e cultural adquirido pelos integrantes do programa. Identificamos também o prestígio e status, como marcadores de suas falas na

recomposição da experiência de participação na orquestra e nas turnês internacionais, promovendo uma nova representação social nas suas comunidades.

Destacamos o posicionamento afirmativo quanto a questão racial, o papel das famílias, e o desafio na preparação para o mercado de trabalho, temas importantes mas não coube uma análise nesta pesquisa, assim entendo que são temas relevantes para outros estudos. Compreender a rede de relacionamentos, as influências existentes na sociedade e os mecanismos que retroalimentam o comportamento dos integrantes do programa, é uma tarefa para novos estudos que acredito serem fundamentais para a continuidade destas ações enquanto política pública, que precisa pela sua importância e contribuição à sociedade, ser instituída por força de lei enquanto política pública estadual.

Neste sentido, tem como sugestão para os governantes que se promova um estudo de impacto dos resultados do programa Neojiba no estado da Bahia, assim como já mencionado anteriormente, a realização de um estudo para analisar os benefícios ou prejuízos do modelo adotado para gestão do programa, na perspectiva de aprimorar a execução das políticas públicas.

Finalizamos refletindo a contribuição do Programa Neojiba, que utiliza a prática musical coletiva, no desenvolvimento humano e a integração social de crianças, adolescentes e jovens baianos, enquanto política pública exitosa no Estado da Bahia. Sabemos que um programa não tem o poder de transformar realidades tão enraizadas de desigualdade social e econômica, mas pode em conjunto com outras políticas públicas, construir oportunidades e ajudar na redução das enormes desigualdades sociais existentes no estado.

Referências Bibliográficas

ARAGÃO, Gilton Alves. **Desigualdade na Bahia**: uma análise estrutural dos condicionantes socioeconômicos, políticos e culturais da desigualdade no estado da Bahia no período 1946 – 2006. Salvador, 2011.(Dissertação).

AROLA, Ramon Llongueras. **A educação social no Brasil**: alguns desafios e armadilhas. Revista digital nº02. Ministério Público do Rio Grande do Sul,2022.

BASTOS, Cristiana Mercuri de Almeida. **A sociedade da ciência e a polêmica epistemológica**: uma reflexão em Pierre Bourdieu. UFBA, 2004.(Dissertação).

BOURDIEU, Pierre. **O capital social** – notas provisórias. In: BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Seleção, organização, introdução e notas: Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 p. 65-69. (Coleção Ciências Sociais da Educação).

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. **O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p.1-14, mar. 2018.

CASTRO, J. A. Política social e desenvolvimento no Brasil In: **Economia e Sociedade**, v. 21, n. 4, dez. 2012.

CRUZ, Cleide & SANTANA, D. **Racismo e Direito à cidade**: uma análise sobre a cidade de Salvador., Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v. 8, 2020.

DIAS, N. & Leal, J. Émile Durkheim: Indivíduo e integração social. In Herminio Martins, Jose Luis Garcia (Ed.), **Lições de sociologia clássica**. (pp. 347-372). Lisboa : Edições 70, 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. Paidéia, 2005.

FILGUEIRA, Vanessa. **Condições de trabalho docente no ensino fundamental II na rede estadual paulista e representações de professores sobre autonomia**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017.

GIOVANNI, G. **As estruturas elementares das políticas públicas**. Caderno de Pesquisa Nº 82, NEPP/UNICAMP, São Paulo, 2009.

GUERRA, Oswaldo; **Bahia**: liderança econômica regional e desigualdade social. Bahia, Salvador, 2017.

Instituto de Desenvolvimento Social pela Música (IDSM). **Projeto Político Pedagógico - 4º Revisão**, Salvador, Bahia, 2021.

Instituto de Desenvolvimento Social pela Música (IDSM). **Mapa Social**, 2016 Disponível em: [Mapa Social NEOJIBA 2016.pdf - Google Drive](#)

Instituto de Desenvolvimento Social pela Música (IDSM). **Mapa Social**, 2017. Disponível em:[Relatório de Atividades 2017 by programaneojiba - Issuu](#)

Instituto de Desenvolvimento Social pela Música (IDSM). **Mapa Social**, 2018. Disponível em: [NEOJIBA - Mapa Social 2018 by NEOJIBA - Issuu](#)

Instituto de Desenvolvimento Social pela Música (IDSM). **Mapa Social**, 2019. Disponível em: [NEOJIBA - Mapa Social 2019 by NEOJIBA - Issuu](#)

Instituto de Desenvolvimento Social pela Música (IDSM). **Mapa Social**, 2020. Disponível em: [Mapa Social 2021- Concluído.pdf - Google Drive](#)

JOURDAIN, Anne. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Anne Jourdain, Sidonie Nalin; sob a direção de François Singly; tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MACHADO, Sérgio e TORRES, George Walker. Filme Documentário: **Neojiba-Música que Transforma**. 2020, 85 minutos.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. Editora Vozes. 2015

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano 2020. **A próxima fronteira**. O desenvolvimento humano e o Antropoceno.

POKER, José Geraldo A.B. **Considerações sobre as teorias da integração social e as formas de cidadania**. Marília-SP, v. 1, n.1, p. 44-50, 1999.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO; INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Brasília: PNUD, 2016. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br>>. Acesso em: 21 maio 2017.

Secretaria de Administração do Estado da Bahia - SAEB, **Manual de Gestão**. 2016.

SANTOS, Elinaldo Leal. **Desenvolvimento**: Um conceito multidimensional. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. vol. 2, pp. 44-61 2012.

SARROUY, Alix Didier. **Atores da educação musical**: etnografia comparativa entre três núcleos que se inspiram no programa Venezuelano, no Brasil e em Portugal. Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais. Portugal, 2016.

SILVA, Sandrinalva Santos. **A educação musical como agente de integração social**: Um estudo de caso do Neojiba. Trabalho Conclusão de Curso Graduação - Produção em Comunicação e Cultura (FACOM), UFBA, Salvador, 2015.

SPOSATI, Aldaíza de Oliveira. **Assistência na trajetória das Políticas Sociais Brasileiras**: uma questão em análise. São Paulo: Cortez, 1995.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **PIB e estudos correlatos**. Salvador: SEI, 2017a. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=137&Itemid=337>. Acesso em: 19 abr. 2017.

Anexos

Roteiro da entrevista semi-estruturada com integrantes e ex integrantes do Programa Neojiba

ENTREVISTADORA: Entrevista nº:

ENTREVISTADO(A): DATA:

INÍCIO: FIM:

A) Dados de identificação:

Idade: Identidade de gênero: Autodeclaração de raça: Escolaridade: Ocupação: Cidade/bairro em que reside: Estado civil: Núcleo-Orquestra:

B) Questões principais:

- Quando você ingressou no Programa? Em qual Núcleo? E quando saiu? Por que?
- A família/amigos lhe apoiou para entrar no Neojiba? Como?
- Como era e como viviam você e sua família antes de você participar do Neojiba?
- a. [deixar a relação aberta]
- O que representa para fazer música coletiva, participar de uma orquestra?
- O que significa para você ser integrante do programa Neojiba?
- Houve contribuições do programa em sua vida? Você identifica quais? (integração, crescimento/desenvolvimento) - [insistir]
- O que mudou na sua vida?
- Você participou de turnê internacional? E do filme “Neojiba- Música que transforma”? Conte um pouco dessa experiência?
- O que você fazia com a bolsa? A bolsa auxílio contribuiu para a sua permanência no programa?
- O que você gostaria que fosse diferente no Programa?
- Você entende que o programa contribui para melhoria da cidade? Para os habitantes da cidade?
- Você entende ou identifica o Neojiba como política pública? Por que (sim/não)?

- Vc acha que é dever do Estado oferecer esse serviço? Porque?
- O que fazer para ampliar os nossos direitos?

C) Dado sobre a rua, bairro e sociedade

- Fale do cotidiano dos moradores da sua rua/bairro e dos espaços que você frequenta no bairro e fora dele. [antes/depois];
- Como era o trajeto de sua casa para os espaços de ensaio e da orquestra? O que você lembra desse trajeto?
- Quais as maiores dificuldades e facilidades encontradas no período que você participou do programa?

D) Perspectiva:

- Você está trabalhando? Com que?
- O que você pensa da sua vida profissional?
- Como o programa contribuiu para sua escolha profissional ou oportunidade profissional?
- Como a música contribuiu para a sua escolha profissional?
- Qual a relação dos seus planos com o Neojiba?

[músico]

1. E como é viver como músico/musicista? materialmente?
2. Como é fazer música profissionalmente/individualmente fora do contexto do programa?

Transcrição das entrevistas

Pesquisa: Política Pública Social, Desenvolvimento Humano e Integração Social: um estudo sobre o Programa Neojiba no período de 2015 a 2020.

ENTREVISTA 001

Entrevistadora: Ana Vilas Boas

Gravada pelo Zoom

Salvador, 16 de julho de 2022

Transcrição

Ana - qual a sua idade? Karen - fiz 34 em julho

Ana - autodeclaração de raça – Karen - negra

Ana - qual a sua escolaridade? Karen - estou fazendo mestrado

Ana - onde você mora? Karen - eu tô morando em Albuquerque Fábio do Novo México nos Estados Unidos

Ana – qual seu estado civil? Karen - solteira

Ana - quando você ingressou no programa?

Karen - eu sou membro fundadora do programa, entrei na audição de junho de 2007, a gente começou as atividades em setembro, o primeiro concerto foi em 20 de outubro de 2007.

Ana - quando você saiu?

Karen - oficialmente em dezembro de 2017, mas entre 2016 e maio de 2017 eu fiquei oito meses fazendo intercâmbio na Noruega, eu estava afastada do programa, quando retornei para Salvador eu voltei para o programa, retornei as atividades em julho de 2017, então fiquei de 2007/2017.

Ana - você saiu por quê?

Karen - idade, tinha acabado de completar 29 anos, oficialmente eles estipularam que a partir de 2018 a idade máxima seria 27, neste ano eu tava também para terminar a faculdade, terminei o bacharelado em 2018, mas eu entrei na UFBA em 2007. Eu entrei cursando licenciatura em música, peguei as duas greves que aconteceram na UFBA, 2012/2015 e entre 2011/2012 decidir trocar de curso de licenciatura para bacharel, aí demorei um ano para trocar de curso, em 2018 terminei, mas a saída do programa foi basicamente pela idade.

Ana - quando você iniciou no programa você estava com quantos anos?

Karen - eu tava com 19 anos, eu tinha acabado de entrar na universidade.

Ana - você lembra de ter apoio da família, amigos para entrar no programa?

Karen - eu tive apoio das minhas professoras na época do Instituto de educação musical, onde eu fazia música, eu fiz música lá de 94 a 2006, professora Carmem que era minha professora de teoria musical, na época, professora Neide Silva que era minha professora de violino, ela me falou que ia começar uma orquestra jovem em Salvador, ela queria muito que eu fizesse a audição. Minha mãe que sempre apoiou tudo e foi super contra quando em 2006 tentei vestibular para qualquer outra coisa que não fosse música, eu tentei vestibular para língua estrangeira na UFBA e duas opções na UNEB, engenharia e biologia, aquela pessoa que estava totalmente perdida né mas eu confesso que eu queria ter passado na UFBA, queria ter formada em língua estrangeira. Minha mãe apoiou tudo desde o início, eu tive apoio dessa galera para fazer a audição.

Ana - você morava aonde quando ingressou no Neojiba?

Karen - eu morava na Cidade Baixa, onde minha mãe ainda mora, reside e agora que estou de férias eu tô com ela.

Ana - fale um pouco dessa trajetória? O que representa para você fazer música coletiva participar de uma orquestra?

Karen - com relação a carreira, quando fiz o vestibular para música de 2006 para 2007 eu não tinha mais pretensão nem de tocar, continuar tocando violino, não podia fazer aula de violino na época, não tinha vaga para os alunos de licenciatura então eu tava no processo de desistência do instrumento, seguir a carreira de professora de música, para escola regular, o que para mim foi um baque porque me dei conta que não queria dar aula em escola regular.

Eu não tenho a garra que vários dos meus colegas têm de fazer musicalização em escola regular, meu negócio sempre foi trabalhar só com música, aí dá aula de música né de maneira mais fechadinha. Neojiba foi fator decisivo para minha visão, do que queria seguir de carreira. Foi por causa do Neojiba que decidir mudar de curso, o Neojiba me deu a possibilidade de trabalhar com o ensino coletivo, o que foi decisivo, eu já gostava de dar aula, dei conta de que trabalhar em coletivo é uma coisa que eu gosto de fazer, eu não sou a pessoa que gosta da carreira solo, eu não nunca tive problema de trabalhar em equipe, pelo contrário, sempre gostei de tocar em orquestra é o somatório desse processo né e eu sempre fui fã de orquestra desde pequena, eu dizia que se eu fosse musicista eu queria ser musicista de orquestra, que seria violinista da orquestra de Berlim. A minha referência sempre foram grandes orquestras e eu lembro que em 2004 eu vi a OSBA fazendo um concerto, eu fiquei bastante empolgada, era a primeira vez que estava vendo uma orquestra ao vivo, era a orquestra do estado, tinha toda uma questão de representatividade de ter uma orquestra né, de alto nível na minha visão naquela época no nosso estado.

Ana - sua mãe ou alguém na sua família trabalha com música?

Karen - na minha família eu fui a primeira, meu avô tocava percussão, é porque ele gostava, ele tinha um pandeiro em casa, sempre em reunião de família meu avô por parte de pai pegava, se empolgava botava o pagode lá e começava a tocar, ele sempre teve ritmo, mas ninguém nunca foi músico de fato, quem é a primeira pessoa que escolheu essa profissão sou eu e depois minha irmã que também é membro fundadora do Programa.

Ana - me conte a experiência em participar das turnês internacionais, participar do filme Neojiba- música que transforma.

Karen – sempre, filmam bastante coisas, mas você nunca sabe o que vai rolar no final, é tanto que acho que eu e minha irmã fizemos as entrevistas e só ficou a minha entrevista no corte final, a minha irmã aparece em várias cenas do filme porque eles juntaram material de 3 turnês, 2014 , 2016 e 2018. Minha irmã estava nas turnês de 2014 e 2016, na verdade tem uma linha cronológica ali até de integrantes que passaram pelo programa, a orquestra de 2018 é 90% diferente da orquestra de 2016 de 2014.

A orquestra de 2014/2016 é basicamente a mesma, e eu estava ainda como integrante do programa. Na turnê 2016, foi a turnê que sai pensando em fazer intercâmbio, eu ficar na Europa. E a turnê de 2018 foi a minha turnê de despedida de turnês. Nesta turnê eu estava como ajudante de produção, foi diferente a participação, pelo menos para mim né falando por mim foi diferente participar desta turnê, porque minha visão era outra, eu já tava com uma visão de músico profissional, eu já tava com bacharelado, eu já tava pensando no que fazer, o próximo passo, se iria fazer mestrado ou não, ou se iria fazer só uma especialização de um ano, então estar na Europa naquele contexto em 2018 teve um outro significado para mim.

Em 2016 foi uma coisa tipo, uma aventura, que eu sempre quis estudar fora, mas eu não sabia se eu ia voltar então tinha aquela interrogação, ela vai ficar? Como é que vai ser? Acabei voltando para Salvador. Em 2014 foi o ano que a gente fez duas turnês, a gente foi para os Estados Unidos e fez a turnê Europa, então a gente tava naquele ápice de viajar, todo mundo super empolgado. Foram três mentalidades diferentes para mim, foram momentos que na minha cabeça já era uma cabeça mais adulta, digamos assim, tanto pessoalmente quanto profissionalmente, em 2018 eu estava na orquestra como convidada então para mim valeu mais que uma experiência profissional do que qualquer outra coisa.

Ana - enquanto integrantes você recebeu bolsa? Ela contribuiu para a sua permanência no programa?

Karen - ela teve 100% de contribuição porque eu consegui terminar a faculdade por conta da bolsa, minha mãe já não tinha como manter meus estudos, nem os meus nem a da minha irmã, então a bolsa querendo ou não fazia parte um pouco do que era a nossa renda familiar, e provavelmente sem a bolsa eu não estaria fazendo música hoje não, estaria fazendo outra coisa. Assim até tenho vontade de estudar outras coisas, eu me interesse por outras coisas, mas a bolsa teve papel fundamental no término dos meus estudos, eu consegui terminar a faculdade e fazer outras coisas por conta da bolsa, sem a bolsa eu não teria ficado na música.

Ana - você que conhece o programa desde 2007, o que gostaria que fosse diferente no programa?

Karen - acho que seria uma solução para boa parte dos problemas que Salvador enfrenta hoje, vou falar isso na minha vida profissional, o Neojiba está formando muita gente e muita gente querendo seguir carreira musical, mas não tem espaço profissional para todos, isso por várias razões, inclusive questões raciais, questões sociais que eu não vou entrar aqui, é um debate que eu sei que nem todo mundo está pronto para ter, inclusive pela forma como o próprio Ricardo se posiciona com essas questões. Ricardo tem um pensamento bastante humanista, essa coisa de não ver cor (áudio inelegível) para conversar com ele sobre esse assunto tem que ser tomando uma taça de vinho, em um jantar, e mostra para ele como as coisas funcionam, mas eu não julgo ele. Ele tem uma visão mais humana da coisa, não acho que ele tá errado, é como ele foi condicionado a ver o mundo, no fim das contas né com todos os privilégios que ele teve de estudar música, ser um pianista de renome Internacional.

Eu sempre falei do fato do Neojiba ser um programa só de formação, mas o Neojiba podia não ter perdido a veia profissionalizante. O que eu quero dizer com isso, de ter tido uma orquestra estilo El Sistema, orquestra de professores e orquestra dos jovens, isso não impediria o projeto de crescer, eu acho que politicamente falando seria sustentável ter uma orquestra com a primeira geração de programa, é mas na minha visão, seria o ideal porque hoje a gente teria muita gente empregado não dependendo de concurso de OSBA para ter emprego ou nem precisando de cometer êxito, de sair da cidade para poder ter uma vida melhor. Acho que os próprios integrantes não ficarem tão presos ao programa, enquanto empregabilidade, a gente teve muitos músicos da primeira geração, que se frustraram com um fator de empregabilidade do programa, a gente tem muito músico bom que não está contratado pelo programa. Talvez a gente tivesse uma orquestra profissional com os ex jovens do programa, a gente teria a OSBA, teria mais uma orquestra que faria parte do Neojiba e o Neojiba continuaria tendo uma orquestra juvenil, orquestra infantil mas, continuaria tendo os seus Núcleos. Isso para mim é uma das coisas que eu sinto falta no Neojiba, enquanto o programa que tem como base o programa da Venezuela, outra coisa que acho que pode melhorar, hoje, é a relação humana com os ex integrantes do programa. Não estou falando de nenhum corpo administrativo do programa, talvez eu esteja mas eu me refiro a questão pedagógica do programa, esta relação poderia ser um pouco melhor administrada. Muita gente acredita no programa, no corpo de professores que é contratado, mas o fato de ter dentro da direção pedagógica pessoas que não fazem parte do programa desde o início, para mim faz com que o programa fique um pouco empresarial demais. O Neojiba virou uma empresa? Sim eu não estou dizendo que isso não é o que acontece, mas eu acho que as coisas poderiam ser um pouco melhor administradas, humanamente.

Ana - você acha que o programa contribui com a cidade de Salvador?

Karen - com certeza, olha a quantidade de gente da periferia estudante instrumento hoje, olha as portas que o programa abriu, eu tive acesso ao estudo de música porque minha mãe trabalhava na Faculdade Integrada Olga Mettig e no Instituto de Educação Musical, que estudei música até a faculdade, fazia parte da associação e tinha desconto, eu só tive a

oportunidade de estudar a música, tanto eu quanto Kivia por que minha mãe tinha desconto, fui bolsista boa parte da minha formação musical, se não toda, minha irmã também, quem hoje em dia, músico do programa hoje tem grana para pagar uma escola particular? não tem, não tem, Neojiba trouxe oportunidade, isso é inegável, Neojiba trouxe é de uma forma de outra, querem ou não, Neojiba formou um público periférico que ouvi música erudita, ouve música de concerto.

Ana - e isso ajuda na vida das pessoas?

Karen – claro, as pessoas se interessam por que é novo, o que é diferente, é óbvio que a galera da periferia não vai deixar de ouvir pagodão, funk, eu não estou dizendo que é para deixar de ouvir, nada disso, mas você tem mais opções. Antes os concertos eram 100% elitizados, era a lógica de Salvador, o primeiro concerto da OSBA que eu assisti, fiquei envergonhada da roupa que eu estava vestindo porque estava todo mundo usando traje social no concerto. Era uma época onde a maioria da orquestra era branca, o spalla da orquestra era branco, pelo tom de pele. Hoje a própria OSBA é mais diversa, a gente tem hoje ex integrantes do programa tocando com a OSBA, fazendo cache com a OSBA, querendo ou não o Neojiba abre portas para muita gente, recentemente o Neojiba passou a fazer intercambio cultural com os meninos ucranianos que chegaram, eles estão tendo acesso a uma realidade que eles não tem acesso na Europa e os meninos aqui estão conhecendo uma outra realidade, entendeu? tem menino no programa que provavelmente não sabia onde ficava a Ucrânia.

Ana - você acha que entre os integrantes há o entendimento que o Neojiba é uma política pública?

Keren - alguns integrantes sim, principalmente os integrantes que fizeram parte da primeira formação da orquestra, da turnê de 2014 e 2016 a galera que cresceu com a antiga juvenil. Tá sim a galera que cresceu com os primeiros, inclusive alguns deles são frutos do programa e estão se profissionalizando pelo mundo afora. É essa galera que sabe que o programa é uma política pública, eu não vou muito longe, acho que muitos pais de integrantes sabem que o Neojiba faz parte de uma política pública e aí vem uma questão para mim e eu não queria falar de política mas em 2017/2018 ,ano de eleição, a gente teve alguns integrantes do programa apoiando o atual presidente, o que é um absurdo diante do fato de que o Neojiba existe também por ser uma política pública do governo do PT, e a primeira coisa que a galera abrir a boca para falar é que o PT roubou né, sendo fato ou não, não importa o ponto não é esse, o ponto é mesmo sabendo que a política pública algumas pessoas tendem a fechar os olhos para determinadas coisas e só ver o que convém, só ver o que é benéfico para si, né o Neojiba é um programa, uma política pública mas não importa de que política pública é o que importa é que quando vem questões políticas mais sérias se esquece que o Neojiba é um programa público que começou durante o governo PT.

Ana - você acha que existe entendimento de direito dentro do programa?

Karen - eu acho que isso tá e não tá. Acho que na cabeça de alguns integrantes, a galera que cresceu dentro do programa entende que isso é um direito, ao mesmo tempo por Ricardo ter

ficado durante muito tempo à frente do programa e ele ainda é o porta-voz do programa, ele que trouxe a ideia para cá existe a concepção de que o programa é de Ricardo, na cabeça de vários outros né, e também pelo fato de que ele interfere nas decisões musicais, ele sendo músico. Ele tá em pleno direito de interferir nas questões musicais dentro do programa. A gente sabe que o programa é voltado para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade promover a prática musical orquestra o coral, na cabeça de algumas pessoas o programa é de Ricardo, é quem comanda, ele faz o que ele quer, e a gente sabe que não é assim, Neojiba tem metas a cumprir, inclusive é só ir no site para ver o Portal da Transparência do programa, isso é uma coisa de fácil acesso, mas ainda assim existem pessoas que têm a concepção de que o programa é de Ricardo, porque a juvenil fez turnê, recebe músicos internacionais, recebe doações em dinheiro internacionais, também existe uma associação na Suíça de amigos do programa Neojiba, que promove o programa na Europa e tudo mais, então existe essa ilusão ao mesmo tempo as pessoas vêm Ricardo como o cara do programa ainda né mas se você vai olhar lá dentro você vê que tá tudo muito dividido, Ricardo já não tem mais o controle de muita coisa dentro do Neojiba. Ele é o porta-voz do programa, diretor-geral, o cara que pensa musicalmente, que entende que o mesmo sendo um programa social, existe na cabeça dele a questão da excelência, ele precisa da excelência musical não dá para fazer sem excelência musical se não vira mais um projeto social de música. Então eu acho que é misturado, existe uma galera que tem noção de que é um direito mas existe a galera que pensa que o Neojiba é um projeto social e pessoal de Ricardo.

Ana – como era seu cotidiano antes de entrar no Programa?

Karen – eu nunca tive muito contato com vizinhança, tenho um amigo de infância e foi meu vizinho durante muitos anos e a nossa relação não mudou, mas na comunidade o máximo que acontecia era alguém parar na porta quando eu estava estudando, a minha irmã tava estudando e perguntar se a gente dava aula, mas nunca vinha de fato para aula, era só para perguntar né e já aconteceu de músico do barzinho parar e querer que eu fizesse alguma música, mas nada muito significativo, a convivência é com a minha família mesmo, as pessoas achavam que eu viajava porque, sei lá, perguntavam vai viajar? Vai viajar com a orquestra? Nossa, você tá trabalhando então? A concepção era essa e ia tem uma parte da família que tem a ideia que músico não é profissão, ainda, tinha vizinhos fofoqueiros quando eu descia com malas saia na janela para olhar.

Ana – como era o cotidiano dessa vizinhança?

Karen – um bando de acomodados que adora viver a vida alheia.

Ana- como era o seu deslocamento, da tua casa até o local do ensaio?

Karen - até 2017 tinha muito transporte, tinha muita opção de ônibus então eu sempre ia de ônibus e com o passar dos anos o nível de engarrafamento na cidade foi piorando, na verdade Salvador cresceu demais, sem planejamento, principalmente as regiões periféricas o remanejamento de frota de ônibus fizeram com que hoje a situação ficasse um pouco mais complicado do que em 2017 a partir de 2018 eu já conseguia sentir a redução na frota de

ônibus, menos possibilidade de chegada no TCA o que antes eu fazia até 2014/2015 em 25, 30 minutos de engarrafamento, hoje são 45 minutos com engarrafamento para chegar no TCA é 35 ou 40 minutos. Carro só com o advento de Uber, se eu tivesse atrasada, mas eu quase nunca usava Uber, sempre era ônibus, minha família, meu avô tinha carro mas ele parou de dirigir. Eu nunca tive carro, meu pai não tem carro, minha mãe não sabe dirigir, eu não tenho carteira minha irmã também não tem carteira para dirigir, então a não ser quando alguns integrantes do Neojiba que eram vizinhos, como aconteceram de um deles o Jamberé, a mãe dele tinha carro e às vezes ele ia de carro depois que ele tirou a carteira, se fosse um horário que podia aí eu pegava carona ou voltava de carro, sim mas era sempre ônibus.

Ana - você lembra das maiores dificuldades ou facilidades encontradas no programa?

Karen - o que me impulsionava a ficar no programa era a possibilidade de intercâmbio cultural, querendo ou não participar desde a primeira turnê pelo Nordeste, foi a primeira vez que eu saí do Estado e eu fiz uma viagem nacional, de ônibus, tipo boa parte do nordeste isso sempre alimentou meu espírito curioso, foi muito legal, essas foram muito legais, as oportunidades de intercâmbio, e a primeira viagem internacional, então isso só confirmou que era o que eu queria fazer, além disso a possibilidade de tocar com vários artistas, tocar com próprio Ricardo, a interação com vários professores do mundo inteiro, os professores convidados que vieram, inclusive os brasileiros ou os brasileiro de coração, o próprio Manuele Baldini e tantos outros professores que passaram pelo programa, o próprio Alexandre Casado, que é professor na UFBA, ele deu aula para o programa durante um tempo e por isso também e por causa dessas aulas com ele eu decidi mudar de curso e passei a ter outra visão do que é tocar um instrumento. Essa troca foi o que me impulsionou a ficar no programa. O único fator que realmente me fez sair do programa foi a idade, porque eu já saí no limite. Outras pessoas saíram antes por opção, mas é como eu sugeri se existisse uma orquestra profissionalizante provavelmente não sairia de Salvador, uma versão profissional, uma orquestra formada pelos membros fundadores do programa, uma orquestra de professores do programa e provavelmente não teria saído de Salvador.

Ana - hoje você está estudando fora Brasil, qual sua expectativa, qual o seu horizonte?

Karen – pensando em trabalho Brasil infelizmente não é uma possibilidade porque as orquestras profissionais que tem hoje no Brasil, mesmo alcançando o nível desejado para fazer parte dessas orquestras, eu não faz parte do perfil destas orquestras, não só como instrumentista mas enquanto pessoas, tem uma questão racial, a orquestra que tem mais negro no Brasil é a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, no estado do Rio, e eu acho que a segunda esta a OSUFBA, Orquestra Sinfônica da UFBA, que não tem nem 15% do corpo orquestral, 15% de concursados declarados afrodescendentes, todas as outras orquestras brasileiras você tem no máximo 5 a 7% do corpo orquestral de pessoas afrodescendentes, a gente está falando isso no País que as pessoas se declaram pardo ou preto. Eu não vejo Salvador como uma possibilidade a não ser que algo aconteça, assim sempre tem o QI, por mais que alguns músicos importantes do País digam que não existe QI, desculpa, ele existe. Mesmo eu fazendo parte deste “metier” por ter sido fruto do Neojiba alguns músicos profissionais ainda me veem como uma eterna integrante do programa, ou

seja, uma eterna estudante, eles não enxergam o meu nível profissional. Pelo fato de eu ser aluna de um professor Brasileiro, hoje internacionalmente conhecido, já me abriu algumas portas inclusive dentro do próprio Neojiba, então eu não sei como isso vai se dar daqui a 2 anos, 3 anos mas para mim Brasil hoje com a cabeça de hoje não é uma possibilidade.

Ana - você tá estudando nos Estados Unidos e tem uma bolsa, além da bolsa você trabalha?

Karen – sim e não, legalmente eu não posso trabalhar no primeiro ano da Universidade nos Estados Unidos, enquanto estudante internacional, fora da Universidade, os trabalhos que eu peguei eram dentro da Universidade até agora a partir do segundo ano o último ano do mestrado que eu posso fazer trabalhos fora da faculdade porém todos têm que ser dentro na minha área, na área de música, seja dando aula, matando o cachê seja tocando com a orquestra profissional da cidade ou da cidade do lado, agora eu posso fazer porque vai contar como aula prática vai contar como uma matéria prática dentro da minha área, então eu vou ter que emitir uma autorização toda vez que você tiver trabalho, são as regras do país, infelizmente, ao contrário da Europa que todo estudante pode trabalhar entre 15 e 20 horas por semana.

Ana – e como é viver da música para você?

Karen - não é sustentável não, música é coisa de rico, ter um instrumento é caro, manter um instrumento é caro, você precisa trabalhar muito para poder conseguir se manter, se manter não quero dizer ser rica não, tô falando uma vida confortável. Dependendo de onde você tá para ter essa vida confortável custa muito, então não é sustentável hoje, não é sustentável por diversas razões, se tratando de América do Sul, falando de Brasil que a minha realidade a gente não tem uma mobilização cultural grande como tem vários outros países, o Brasil é meio um reflexo do que funciona em muitos outros lugares como nos Estados Unidos também, a gente tem cidades pequenas que mal tem uma orquestra, lá cidades pequenas tem uma orquestra mas não paga tão bem como em orquestra de cidades grandes, você precisa tocar em uma orquestra, dá aula para caramba, fazer outras coisas para poder conseguir se manter, aqui no Brasil o que realmente as pessoas estão se mantendo atualmente é eventos, tem muito músico de eventos que não é visto como músico, o que é uma lástima, porque eles são músicos também então fazendo, abrir caminhos para quem quer viver de música, tocando música erudita, a gente não tem só música erudita como possibilidade mas dizer que é sustentável não é, atualmente ainda não é.

Ana - você acha que está no programa e contribui para a vida da pessoa?

Karen - isso é o que eu falei no Núcleo do CESA essa semana, eu fui em um dos núcleos essa semana dá aula, estudar arte seja ela qual for, antes de tudo trabalho como o indivíduo. Eu acho que é obrigatório você ter estudo de arte, porque isso vai fazer parte da sua formação enquanto ser humano, a arte forma ser humano, te dá uma visão de mundo que talvez nenhuma outra profissão te dê, a música não tá muito longe disso não, eu acho essencial que as pessoas tenham acesso ao estudo de um instrumento musical para formação humana, você aprende a lidar com outro, você aprende a ser empático, a ser responsável com outro, você aprende a ouvir o outro. Na minha cabeça é mais ou menos como funciona, tocar em uma

orquestra é como viver em uma versão micro de sociedade, então você passa por diversas situações, vai viver diversas situação de forma geral, fazer parte de um grupo de música, está em coletivo forma pensamento crítico, dar embasamento cultural, então é sim óbvio e se eu tivesse um filho hoje, e meu filho pudesse ter acesso ao Neojiba com certeza eu colocaria ele lá dentro, a primeira coisa que eu diria era você não tá aqui para ser músico, você tá aqui para ser um ser humano melhor.

Ana- vamos seguir para celebrar momentos melhores em nossas vidas, quero agradecer, você é uma referência positiva para o programa, para a Bahia, para o Brasil, muito obrigada.

Pesquisa: Política Pública Social, Desenvolvimento Humano e Integração Social: um estudo sobre o Programa Neojiba no período de 2015 a 2020.

ENTREVISTA 002

Entrevistadora: Ana Vilas Boas

Gravada pelo Zoom

Salvador, 20 de julho de 2022

Ana - qual a tua idade?

Marcelli - estou com 26 anos

Ana - qual a sua identidade de gênero?

Marcelli – mulher

Ana – qual a sua autodeclaração de raça?

Marcelli – negra

Ana – escolaridade?

Marcelli - superior em andamento

Ana - qual a sua ocupação

Marcelli – coordenadora de núcleo

Ana - você reside em que cidade?

Marcelli - Jequié Bahia

Ana – qual seu estado civil?

Marcelli – casada

Ana – qual foi o último núcleo que você participou?

Marcelli – participei da orquestra Juvenil da Bahia, como chefe de naipe e na OCA como monitora.

Ana - quando você ingressou no programa, em que núcleo?

Marcelli - ingressei no Neojiba em 2010 no curso juvenil, quando fundou o coro juvenil e em seguida em 2011 na Orquestra Castro Alves.

Ana – quando saiu do Programa?

Marcelle - eu saí em 2019 como integrante, mas no caso contínuo ainda no Neojiba, 2019 foi chefiando a orquestra juvenil da Bahia , sair já para instrutora e vir para Jequié.

Ana - você saiu por quê?

Marcelli - sair da orquestra por ter sido selecionada para CLT, por ser contratada pelo programa.

Ana - quando você entrou no programa você teve apoio da família ou de amigos?

Marcelli - tive, amigos foi o principal motivo do ter entrado porque no bairro onde eu morava e já tinha alguns colegas que faziam parte do Neojiba, os meus primeiros professores foi a Hosana IBarra e o Rodrigo Guedes, eles eram integrantes do Neojiba, foram meus primeiros professores de violino e contrabaixo e tinham outros colegas que estavam também na OCA, então minha mãe conversando com a família, pessoal do bairro, por ver todo mundo circulando com instrumento, perguntou onde toca? e conversaram e disseram sobre o Neojiba minha mãe ficou interessada e eu comecei a entrar no projeto de música lá do bairro, que foi onde eles davam aula, no bairro Dois de Julho, no centro, aí eles tinham um projeto chamado Estrelas Musicais, eles davam aula lá e através deles e dos amigos acabei conhecendo o Neojiba, o apoio da família eu tive, matriculou e seguiu dando apoio.

Ana – o que você fazia antes de entrar no Neojiba?

Marcelli - sim, antes eu apenas estudava na escola em uma escola regular, fazia karatê, praticava esporte, ficava em casa no computador, no máximo era casa, karatê, brincando no bairro até conhecer o Neojiba, aí por causa da música e eu começar a me dedicar totalmente, saindo para o Núcleo, fazendo apresentações, antes eu estudava e praticava karatê alguns dias.

Ana - quando você ingressou no programa você tinha que idade?

Marcelli - em 2011, uns 14 anos.

Ana - o que representa para você fazer música em conjunto, participar de uma orquestra?

Marcelli - eu vou repetir até uma frase que eu falei, acho que foi no vídeo gravado em 2016, eu sigo com a mesma linha né, uma coisa que eu falei mais nova mas foi muito Genoino, uma coisa que eu ouvir do maestro Eduardo Salazar, tocando em conjunto a gente entende, começa a compreender o que seria a sociedade perfeita que a gente tanto busca, que a gente tanto anseia, que é esse senso de coletividade, você ao tocar em conjunto cada voz tem seu papel, você precisa ter o momento certo de tá fazendo um está aqui está ouvindo, depende do outro e a música fica bonita com todos juntos né você senti a mágica acontecer, você tá com a notinha simples básica, e foi isso muito também na sala de aula né porque fazer aula sozinha é uma coisa, mesmo sendo uma coisa super simples, a aluna diz “não consigo, acho que não tá muito legal” e quando você tá em conjunto você tem esse censo de transformação musical, você se sente abraçado, você sente que faz parte de algo, então essa questão da prática coletiva eu definiria aí como a questão da sociedade perfeita, mesmo que a gente está ali abraçada em algo que se sente que faz parte mesmo, que todo mundo tá ali igual, em conjunto e fazer algo incrível.

Ana - O programa contribuiu na tua vida, na tua formação?

Marcelli – completamente, basicamente 90% de todas as minhas capacidades profissionais para área da música, para gestão, tive a oportunidades dentro do programa né então todo esse programa desde 14 eu já tenho 26 então, são 12 anos aí de programa, eu cresci dentro do Neojiba e dentro dele além da questão pedagógico-musical, professores excelentes, eu tive vários incentivos e várias oportunidades dentro do programa de intercâmbio fora, as turnês internacionais, aulas com professores renomados na música, eu passei por várias áreas técnicas, fui para a luteria aprendi o que podia, fui para o arquivo na época era Centro de Documentação e Memória, então tive a experiência de arquivo, como retirada de pastas do controle de material, de mídia, a questão pedagógica musical, licenciar, de estar em sala, que foi a monitoria, então desde que ingressei na orquestra juvenil já comecei no Neojiba, não só a experiência em sala mas de várias realidades, eu já tinha essa oportunidade, depois fui chefiar, então tive também essa época, os dois anos chefiando naipe, à frente sendo líder na orquestra, isso me preparou também profissionalmente para gerenciar, para estar liberando um time e em seguida como instrutora, então eu tive muita capacitação que favoreceu, contribuiu, posso dizer que 90%, que eu tive um tempo que sai aí eu tive a experiência por fora em estágios por conta da faculdade, mas 90% de toda minha capacitação, habilidade que tenho foi dentro do programa, desenvolver principalmente por estar na área ainda né na área da música.

Ana- vc está estudando o que?

Marcelli – estudando licenciatura em música, eu comecei cursando análise do sistema e aí como acabei vindo para Jequié, assumi um Núcleo, falei agora tá na hora da gente seguir aqui com a licenciatura em música.

Ana- E como foi essa experiência das turnês e participar do filme Neojiba, música que transforma?

Marcelli - a experiência com as turnês são maravilhosas né além de você tá conhecendo palcos e salas de concertos incríveis que é algo que você quando inicia musicalmente na música sinfônica, música erudita, você começa a ver esses músicos grandiosas, essas salas maravilhosas você fica pensando quando que eu vou lá? principalmente por lado da Europa onde se tem um berço da música clássica, em vários sentidos, então você ir para lá é um sonho né, você fica completamente encantado, você enriquece musicalmente pelas experiências de salas e músicos porque você também tem um reflexo dos músculos ou no próprio público né público também já conhece da música você tá vendo nenhuma pessoa preparada que leva a grade para assistir, é muito importante você conhecer outros países, outras culturas, é brilhante enriquece a sua vida, você tem uma visão do que é o mundo de verdade fora de onde você tá, da sua cidade, de seu país, você conhecer outras culturas, outras pessoas, a turnê é maravilhosa e eu participar do documentário eu acho super interessante porque eu acredito todo menino que nasce agora na Bahia, que conhece o Neojiba ele quer saber o que acontece por lá, como é que eles fazem? Eles fazem o que na turnê? Então mostra como é o nosso processo, como ingressar no programa, a notícia da turnê, aquela ansiedade, agora a gente vai estudar para fazer audição e agora vamos lá, conseguimos, o esforço para quem consegue se dedicar, foi aprovado, a gente viajar. Achei fantástico esse documentário que mostra, enche os olhos de quem tá lá doidinho para ingressar no programa e se ele consegue ver o nosso dia a dia, as pessoas também conhecem, ve a notícia, a juvenil aí para fazer uma turnê, o que é que eles fazem, olha aqui como é luta, como é que eles estão, o dia a dia, mostra muito do dia a dia do Iuri, acho isso ideal né acho que isso é super legal, super bacana de terem compartilhado não só a parte da turnê mas todo o processo da realidade de um integrante.

Ana - você estando na orquestra você recebia a bolsa-auxílio essa bolsa ajudou a você permanecer no programa?

Marcelli - com toda certeza, logo no início meus pais ainda moravam em Salvador, a minha família é do Sul da Bahia, a gente estava residindo em Salvador, no início eu tive essa bolsa que ajudava no transportes para ir aos ensaios, logo em seguida meus pais precisaram retornar por interior, a partir do momento que já tava começando a monitoria essa bolsa ajudou, não só na questão de um auxílio para instrumento, para comprar o material que eu preciso, que eu quisesse, mas também com as questões financeiras em casa, ajudou em tudo, posso dizer que eu me mantive até meus 19 anos, paguei minha faculdade, comprei meu instrumento, peguei aluguel, comprei comida, tudo com bolsa do programa, a bolsa do programa me ajudou não só me manter em Salvador estudando como a me manter financeiramente em tudo então consegui fazer uma faculdade, comprar meu instrumento, consegui pagar o aluguel, alimentação, tudo com a bolsa do programa. A bolsa do Neojiba foi uma luz, com essa bolsa eu pude fazer o que eu gosto, tive o apoio para continuar fazendo que gosto, não abandonar né para ter que fazer algo que às vezes não é da minha área, eu acho que a pior coisa para o músico é ficar trancadinho na sala administrativa né então eu pude viver o meu sonho mesmo com o suporte, com apoio do programa.

Ana - você acha que teria alguma coisa que pudesse ser diferente no programa?

Marcelli - analisando agora e pensando na gestão, observando, eu acredito que as seleções para os núcleos poderiam ser mais, como é que eu posso dizer, ter uma avaliação maior do que apenas por quilometragem ou sorteios, às vezes a gente acaba sorteando uma pessoa que mora perto, uma pessoa que tem uma situação até financeira um pouco melhor e alguns desses moram muito muito longe acaba não sendo sorteado, não tendo a oportunidade de ter, não que quem tem uma situação financeira melhor não possa, mas acredito que tenha recursos para chegar lá ou até pagar uma aula de música particular ou tentar mais que não que seja uma prioridade mas que têm uma facilidade maior de ingresso que as pessoas em situação de vulnerabilidade financeira mesmo, estes que estão em bairros mais afastados e não tenham sido contemplados, acredito que atualmente é apenas isso. O programa por sorte não é o mesmo de 2010, ele tá muito melhor, um ponto bom do Neojiba, ele está sempre em movimento, sempre avaliando, reavaliando, estudando, mudando-se se for necessário para atingir a todos e da melhor maneira.

Ana - você acha que um núcleo do Neojiba contribui para a melhoria da cidade, a presença do núcleo melhora a cidade, melhora a vida dos habitantes?

Marcelli - o projeto como esse com tantas vagas né para as áreas de música, para instrumento clássico, principalmente os instrumentos eruditos, primeiro que eles que normalmente as cidades do interior, falando aqui da cidade de Jequié não vivenciam isso né, a gente tem essa coisa na sociedade que o instrumento erudito, clássico é para a alta sociedade apenas quem tem realmente condições consegue acessar uma sala de concerto. Então você começa a movimentar a cidade, menino tocando violino, meninos carregando instrumento nas costas, você dá uma nova perspectiva para esses jovens, as crianças né. Uma nova oportunidade, olha tem mais alguma coisa para fazer, eu não vou ter que trabalhar ou ficar ai aguardando curso que apareça, quanto mais opções tenha para as crianças e jovens na cidade melhor, e você começa a trabalhar culturalmente as cidades, começam aí então pessoas que nunca pisaram na sala de concerto começou aí para ver seus filhos, para assistir a um concerto então olha que bacana então a gente uma cidade que não conhecia nada assim que achou de música clássica, música erudita, música sinfônica e de repente a gente tá é lotando um centro de cultura com 500 pessoas e teve gente que ficou de fora querendo entrar então isso é super interessante para Cidade, você começa a ver, então projetos derivados então os meninos começam a ver o Neojiba e outras pessoas começam a se incentivar, outras pessoas começam a falar eu quero fazer também o projetinho aqui no meu bairro, então aqui em Jequié não tem mais só a gente, a gente tem uma orquestra clássica popular de Jequié, tem projetos na Igreja Adventista, tem os bairros mais distantes, então eles começam a ficar estimulados e começa também reproduzir então você começa a vivenciar, aqui em Jequié eu posso dizer que metade da cidade luta judô que é um ponto importante e outra metade toca algum instrumento, algum violino algum instrumento clássico aí.

Ana - você entende o programa como uma política pública?

Marcelli - quanto política pública eu entendo não repetindo visões e valores do programa né o programa Neojiba para a sociedade, nesse sentido, é de extrema importância para a Bahia né na questão do ensino coletivo, da transformação social que ele traz, você tira das experiências

que eu tive, então eu como fruto do programa eu vejo quanto me transformou né quanto me apoiou me auxiliou profissionalmente, como pessoas também eu tive referências maravilhosas e também o apoio de você tá estudando algo que você gosta todo o suporte que o programa te dá, você também tem aquele senso de contribuição de repartir de multiplicar então o Neojiba tem muito disso, tem o lema “aprende quem ensina”, a multiplicação e o senso de coletividade, então quanto política pública eu acredito que atinja isso aí muitas as milhares de crianças, adolescentes e jovens, é um programa extremamente excelente, necessário, eu acredito que agora Bahia viver sem um programa como este é loucura, não tem como, seria um retrocesso. Acredito que agora é de fato expandir para mais núcleos em outros pontos do Estado da Bahia, a gente fica brincando levantando a hashtag Neojiba 100 anos, a ideia é ter realmente, quem sabe, num sonho não muito distante, que tenha um Núcleo em cada cidade da Bahia, ou pelo menos um Núcleo territorial, que atinja muita gente, muitas crianças, falei às vezes pela própria disciplina que você acaba tendo no programa desse, não precisa se tornar um músico, Neojiba proporciona em várias áreas técnicas, pela disciplina, pelas experiências, pelos ensinamentos que você tem, você sai dali um excelente profissional para qualquer área, em qualquer área que você queira estudar, então quanto política pública o Neojiba é extremamente necessário para formação do futuro dos jovens da Bahia, acho extremamente necessário ele agora, essencial.

Ana - você entende que é um dever do Estado oferecer esse serviço?

Marcelli - sim, completamente, o estado sendo, que bom que ele é atualmente o principal responsável do programa, ele estando presente obviamente além da importância que se dá até para a sociedade olha o Estado que está apoiando a causa. Eles estarem à frente disso é ótimo para eles, até por conta da quantidade de pessoas que vão ser atingidas, o suporte que eles podem dar, para você ter salas excelentes de ensino, materiais, instrumentos, tudo que o estado puder oferecer só engrandece, só favorece, dessas crianças que não possam só tá fazendo por fazer, mas possam estar fazendo com qualidade, que possam sair dali extremamente preparadas para o mercado de trabalho, para fora, a gente vê muitos integrantes do Neojiba indo até estudar fora, o Estado está apoiando esse aí oferece uma qualidade de ensino, de estrutura, de apoio, de profissionais capacitados, então eles são extremamente essenciais também para o funcionamento de um programa desse tamanho.

Ana- para você, como a gente pode ampliar os nossos direitos enquanto cidadão?

Marcelli - eu discutindo com os meus colegas, com a equipe, a gente fala muito sobre a questão da área da Educação e a gente vê matérias obrigatórias ou essenciais que às vezes só tem em escolas particulares que é a aula de música, então talvez essa discussão política de se tornar uma matéria não obrigatória no sentido que você é obrigado a ingressar, mas que tem na grade curricular, música, a gente vê arte no sentido, e às vezes você tem aqueles professores que na arte na questão plástica de pintar, de desenhar, de aprender outras questões da história em si mas acredito que a sociedade, compreender os benefícios que a música traz, e o estado compreender a música como uma matéria essencial, talvez obrigatória, isso transformaria muito, porque é uma coisa que existe lá fora, lá em países desenvolvidos, eles tem experiência de está tocando o tempo todo, desde do ensino fundamental com aulas de

música lá dentro, ele pode ir para o basquete, ele pode ir para a banda, ele pode ir para o coro, e ele vai se desenvolvendo, ele vai seguir, a gente tem aí o Neojiba, mas se tivesse isso em salas a gente atingiria muito mais, muito mais crianças e desenvolviam muito mais, desde da base, eles não precisariam só buscar por fora, eles poderiam buscar por fora o Neojiba enquanto orquestra mas acredito que na área da educação talvez a matéria da música, gente tem essa noção, onde correr atrás de um direito desse.

Ana - como era a convivência no bairro? como era o trajeto de sua casa para os ensaios?

Marcelli - olha lá no bairro, que é uma vilazinha, super bacana, parece que está em uma cidade a parte dentro de Salvador, então você tem vários prédios, praça, como se você tivesse numa vila mas por outro lado também, principalmente, à noite é no centro, então bateu a noite fica extremamente perigoso, você começa a já vê as áreas que são mais atingidas questão de vulnerabilidade social mesmo, então era metade metade né, você fica literalmente no centro da cidade, então você tem os dois lados de tudo, eu vejo que lá tinha muito mercado, muita feira, muita criança brincando no parque e depois que começou a ter o Neojiba ali no Teatro Castro Alves, então meus colegas começaram a estudar, começaram aí, começou a se ter ali no Dois de Julho, começou a virar um ponto, principalmente por ser perto, começou a ser um ponto de músico, então meu trajeto já começava aí com amigos e voltar amigos do Neojiba, então começou a virar quase um bairro musical, isso foi bacana porque era basicamente meus colegas que brincavam comigo ali de bicicleta, jogando bola, daqui a pouco todo mundo tava tocando instrumento né só vai tendo a evolução, eu lembro de uma coisa super legal porque eu carregava o contrabaixo né, eu não tenho carro, nem nada, então aí tem que ir a pé, eu tinha que levar o instrumento para casa para estudar, ia com ele a pé de lá do 2 de julho até o TCA, eu passava por toda Carlos Gomes andando com ele e lembro que sempre tinham duas pessoas no posto de gasolina que sempre comentam “rapaz você vai longe, eu tô vendo todo dia você aí com esse instrumento, tenho certeza que você vai conseguir chegar onde você quer, porque o instrumento grande” eles ficavam super me incentivando, às vezes quando eu aparecia em alguma propaganda eles falavam “vi você”, eles eram pessoas da área, não eram conhecidos meus, nem amigos, mas eram pessoas que sabiam, que observavam a gente caminhando todo dia, principalmente eu com o instrumento grandão, o bairro começava a ver essa circulação e ficavam animados com a gente.

Ana - você consegue identificar algumas dificuldades ou facilidades no período que você ficou no programa?

Marcelli - a facilidade principal era o deslocamento, então tava no bairro já próximo ao Teatro, onde tinha os ensaios e as apresentações do Neojiba, aí eu conseguia fazer tudo andando, a maior dificuldade foi quando meus pais voltaram para o interior, eu fiquei só com a bolsa, fui muito difícil, difícil financeiramente, foi muito apertado para continuar no bairro que tava e também né foi uma escolha bem apertada, então passei muito perrengue Ah eu lembro da tia do lanche que separava os lanches, sabia dos casos que tinha mais dificuldade então ela já deixava os lanches que sobravam, ela já separava para gente, então agradeço muito a ela em uma situação de aperto foi ela que salvou, então aqui as dificuldades foram as questões financeiras, questão de alimentação que mais pegou nesse período apesar da bolsa

ajudar e muitos ainda assim era muito apertado para se manter sozinha, apenas com a bolsa. Outra facilidade que eu pude ter foi o estímulo de ter colegas do bairro também, você sente que você tava fazendo algo junto com todo mundo, você não tava ali sozinha fazendo uma coisa completamente diferente, eu tinha meus professores ainda tocando no Neojiba, ter amigos, colegas, professores lá me estimulou muito a continuar, a me manter porque você tava em casa né, continuava em família, eu tinha os professores lá como também uma meta, pensava eu quero tá tocando na mesma orquestra que meu professor daqui a pouco, eu quero tá dando aula junto com ele, então isso foi ótimo para me manter incentivada lá. O programa foi tão bom para mim que é muito difícil lembrar os pontos negativos, o difícil mesmo foi o financeiro né, foi ter sobrevivido com a bolsa, mas eu acho que é muito, bem pessoal ne, porque nem todo mundo vai ter essa realidade, não que a bolsa fosse insuficiente ou algo do tipo é porque realmente eu fiquei só, eu vivi só, desde os 17 anos fiquei só com a bolsa, então que mais pegou aí, foi para tudo porque acaba sendo um dinheiro para tudo, foi na luta ali, foi construído mesmo na garra.

Ana – qual a sua perspectiva agora? Tem planos para o futuro?

Marcelli - tenho planos aqui para Jequié, quem sabe tornar aqui um núcleo territorial, apesar da gente ter um Núcleo Territorial do lado, transformar o Núcleo de Jequié porque os projetos daqui ao redor estão crescendo tanto e a gente tem tanto projetinho ao redor em cidade vizinha como Ipiaú, Manoel Vitorino, têm Jaguaquara que tá querendo abrir também, o meu sonho agora internamente é poder transformar o núcleo atual em Núcleo Territorial ne. Eu já tive a felicidade do Núcleo ter começado, a gente tocava no lugarzinho com terra, uma árvore, tocando debaixo do pé de manga, a questão estrutural não tava muito bacana, hoje a gente está no colégio super estruturado, salas climatizadas, auditório, então tá fantástico para eles, eu tô satisfeita profissionalmente com isso mas eu quero agora transformar aqui não só no Núcleo de cordas e coro mas sim um núcleo territorial, que a gente se transforme, tenha aulas pela manhã, pela tarde, consiga atingir mais integrantes, mais instrumentos, e poder atender melhor e mais projetos ao redor, com uma equipe maior, um Núcleo mais estruturado aqui.

Ana – Obrigada, Marcelli pela oportunidade de te entrevistar.

ENTREVISTA 003

Ex integrante Joás Ferreira

Entrevistadora: Ana Vilas Boas

Gravada pelo Zoom

Salvador, 25 de julho de 2022

Transcrição

Bom dia! Vamos iniciar a entrevista

Ana - qual a sua idade

Joás - 35 anos

Ana - identidade de gênero?

Joás – masculino

Ana - autodeclaração de raça?

Joás – negro

Ana – qual a sua escolaridade?

Joás - parei na 8ª série

Ana - você está trabalhando?

Joás – no momento eu to,

Ana – fazendo o que?

Joás- trabalho de serviços gerais no momento.

Ana- você mora em Salvador?em que bairro?

Joás- moro em Cajazeiras

Ana – qual seu estado civil?

Joás - casado

Ana - qual foi o último núcleo que você participou?

Joás – No Neojiba, foi no Teatro Castro Alves, participei como integrante da orquestra juvenil da Bahia, também estive na Ribeira, dando aula e lá em Feira de Santana.

Ana - quando você entrou no programa?

Joás - eu entrei em 2007, foi bem no início do programa mesmo, que eu passei no texto.

Ana - você já tocou algum instrumento antes?

Joás - eu tocava violão e instrumento de percussão na igreja, iniciei em um projeto lá em Paripe né, que era do SESI, uns quatro anos antes do Neojiba iniciar eu já fazia aula de

violoncelo com professor Marcos Roriz da UFBA aí iniciei nesse projeto com ele depois fui para o Neojiba.

Ana – quando saiu do Neojiba? lembra o ano?

Joás - eu saí no ano 2015.

Ana - você lembra o motivo?

Joás - olha não houve motivos para eu saí de lá, porque eu tinha completado 31 anos e também porque eu passei por um momento de depressão, tava com depressão, aí eu tive que sair do projeto por não está atendendo, não tá dando conta de está participando aí a minha melhor opção foi dar um tempo e eu não voltei mais.

Ana - quando você entrou no Neojiba você teve o apoio da família, de amigos?

Joás - sim, tive sim, no início minha mãe que me inscreveu, sempre me acompanhou, e depois eu tive uma amiga que hoje ela ainda é da OCA, Geissa Silva Santos, ela toca viola, foram as duas pessoas que tanto minha mãe que me inscreveu no início no SESI- Paripe e a outra foi Geisa que fez o teste também, no ano que ela se inscreveu ela me inscreveu também, então tive esses dois apoios aí na área de música.

Ana - antes de você entrar no Neojiba como era sua vida? como era sua rotina?

Joás - eu não sei como explicar, a rotina é um pouco diferente né, o que para nós que mora em um bairro de periferia a rotina muda de tipo de água pra vinho porque a gente tem uma outra realidade e quando eu fui para o Neojiba eu pude viver outro mundo né, outro mundo, bom então tipo assim mudou muita coisa, assim na minha rotina porque no caso assim para nós que é mais pobre né, a realidade, pude vivenciar muitas coisas boas e dentre essas está junto com pessoas maravilhosas dentro do Neojiba, amigos e também estar em lugares que proporcionam bastante alegria para gente, também só o fato de você sair, está dentro de uma periferia e automaticamente bateu o dedo e você tá dentro de um teatro tocando, fazendo música, muda totalmente a nossa rotina, é muita coisa boa.

Ana - o que é para você fazer música, tocar em orquestra?

Joás - para mim é uma coisa boa né, porque na verdade a gente sempre aprende ser lutadores né, você lutar sozinho, sempre fazendo as coisas só, e fazer música é uma sociedade né, fazer orquestra e você tá todo mundo ali junto no mesmo sentido, no mesmo propósito, você não pensa sozinho, você já passa a estar vinculado com pessoas e todo mundo fazendo uma coisa só, é motivado a fazer uma coisa só.

Ana - e o que é para você ser integrante do Neojiba?

Joás- rapaz para mim é gratificante, eu penso que realmente a vida é feita de escolha, a gente faz essas escolhas que custa muito, e quando eu penso no Neojiba eu penso que o tempo passou e aproveitei, mas se eu tivesse outra oportunidade eu começaria tudo de novo. Por que

é como laço de família né, você tá entre pessoas que te abraça, eu tenho vários exemplos aí dentro, pessoas que me deram oportunidade e até demais assim, porque existe o maestro Ricardo Castro que várias vezes ele acompanhou, eu passei, ele é como um pai né, porque tem um exemplo da Venezuela, o Maestro Abreu, acho que já faleceu, mas o Ricardo Castro era como um pai que estava presente com a gente, várias vezes assim passei pela depressão e ele estava lá, não deixar a gente de mão, e por detrás dos bastidores trabalhando para ver a gente bem, o maestro Ricardo Castro e também o Eduardo Torres várias vezes dava apoio para nós continuarmos no projeto.

Ana – participar do Programa Neojiba contribuiu na sua vida?

Joás – bastante, bastante, muito

Ana - você chegou a participar de alguma turnê?

Joás - várias.... rapaz.... muita experiência boa né, porque a gente vai para lugares diferentes, você tá tocando em um ambiente diferente, você tá conhecendo pessoas diferentes, porque além de estarmos indo para turnê a gente conhecia professores né, a gente fazia aula então é uma comunicação bastante boa, então não era somente ir para fora para tocar, não era só está ali naquele lugar para tocar, você provava muita coisa boa né, ambientes, lugares muito especiais que só fica na memória né, no caso da gente que participou do projeto, se pudesse outra vez está né, então as turnês eram muito bom porque se abria novos horizontes, a gente chegava em lugares que era mágico, era como se fosse mágico, experiência bastante boa, conhecer bastante professores, a gente estava em lugares que trazia alegria, porque no meu caso que passava por esse momento difícil era muito bom para mim, porque pelo fato de você tá na Suíça e tá em lugares bastante diferente era muito, muito legal as turnês que a gente fazia.

Ana – isso ajudou a você superar algumas dificuldades?

Joás – bastante, bastante porque além da música eu me lembro que, eu acho que eu nunca falei isso para o maestro, eu tava em sala de concerto e aí a gente estava tocando e a música te levava a lugares que, sabe(audio inelegível) tipo assim, muda muita coisa, é prazeroso fazer música, era muito, muito útil, muito bom tá fazendo música.

Ana - você assistiu o filme “ Neojiba – música que transforma”?

Joás – sim, eu acho que eu participei de um no Nordeste.

Ana- você recebia bolsas de auxílio no período que ficou na orquestra?

Joás – sim, recebia.

Ana - essa bolsa contribuiu para você permanecer no programa?

Joás – sim, porque no momento eu não fazia nenhuma outra coisa né, então ajudava no transporte, ajudava também em outras áreas, era útil para gente.

Ana - você pode falar um pouquinho mais sobre a importância dessa bolsa na sua vida.

Joás - como eu sou pai de família né, também me ajudava né porque eu me lembro que uma vez o maestro me parou no elevador e me perguntou se aquela bolsa tava valendo alguma coisa para mim eu falei que sim, porque independente da quantidade que eu recebia eu conseguia comprar alguma coisa dentro de casa, pagar uma conta de água, conta de luz, então era muito útil a bolsa porque além de agente pagar transporte né a gente também conseguia fazer alguma coisa para gente, comprar corda né, que tinha gasto com as cordas, para a gente tocar na orquestra, claro que tinha a manutenção dos núcleos que dava as cordas para gente, mas às vezes a gente comprava as cordas que eram caras em torno de uns setecentos a oitocentos reais mas a gente comprava tipo duas, assim quando eu comprava só duas que era a principal lá e ré, mas também ajudava em muitas, muitas coisas a bolsa que a gente recebia.

Ana - você já era pai quando participava do Neojiba?

Joás – sim, meu filho estava com 3 para 4 anos. Quando entrei no projeto não tinha filho ainda, mas logo depois minha esposa engravidou. Ela também disse que a bolsa me ajudava né.

Ana - se você tiver oportunidade você colocaria seu filho no Neojiba?

Joás – sim, colocaria, hoje ele tem 10 anos né, aí eu tenho vontade de colocar ele dentro não projeto mas aí também que eu não tô tendo mais contato assim com o Neojiba, eu tô na verdade em outra área né, mas aí essa semana eu tava vendo um vídeo por incrível que pareça, parece que os laços por Neojiba ser família, eu tava trabalhando e eu tava me lembrando de um vídeo meu que tem no YouTube que foi um recital que eu toquei, eu tava mostrando para meus amigos aí eles estavam dizendo “Rapaz você precisa voltar para música, você é um menino talentoso”, e foi mais ou menos uns quatro dias antes da senhora me procurar na verdade já tava falando disso. Eu penso em colocar ele que hoje tá com 10 anos e se ele entrasse na carreira de música, ele gosta, comprei agora até um violão para ele, e dei umas notas de violão para ele aprender, ele tem talento, toca bateria também, e aí hoje se aparecesse a oportunidade eu também nunca foi lá né, nunca mais tive contato, mas se houvesse oportunidade de colocar ele colocaria, aprender música também.

Ana - você acha que um programa como o Neojiba ajuda a melhorar a cidade? Melhora a vida dos habitantes dessa cidade?

Joás – claro, muito, principalmente que o Neojiba é uma família né, no sentido assim a família que abraça todo mundo, então como eu né e outros alunos que é da periferia, abraça essas pessoas né, porque tem jovens com a mente totalmente diferente então tipo assim, pensando em outras coisas, porque a gente sabe como é a periferia, e o Neojiba tem esse poder de conquistar as pessoas com a música, as pessoas chegam vê aquela explosão de música e os jovens ficam encantados né, então a partir daquele momento a primeira visita, a primeira vez que vê fica encantado, então tipo assim hoje eu acredito muito no poder da música de transformar a sociedade porque hoje o jovem quer mais paredão né, quer mais, mas já tem

outros que é mais tranquilo, então tipo assim, tem o poder sim, porque a música transforma né, a música tem o poder de transformar.

Ana - você acha que o programa lhe ajudou a formar sua personalidade? Você acha que ter participado do programa ajudou no seu desenvolvimento mental, espiritual, pessoal? contribuiu para você?

Joás – sim, com certeza, porque quando você faz música você tem que aprender a ter controle, faz você ser mais controlado né, porque automaticamente quando o maestro bate a batuta ali tá todo mundo no seu mundo, então lhe traz para perto, muita coisa mudou para mim porque, não sei te explicar, mas faz você ser mais controlado, faz você controlar mais.

Ana - você sabe que esse é um programa do governo do estado? O que é uma política pública?

Joas - sim, sim

Ana- Você morava aonde quando entrou no programa?

Joás - eu já morava aqui em Cajazeiras, hoje ainda tô no mesmo bairro, mas antes eu morava na suburbana, mas quando eu ingressei no Neojiba em 2007 eu tava de mudança da Suburbana para Cajazeiras.

Ana - como era o seu trajeto de Cajazeiras até o Teatro Castro Alves?

Joás - vc fala de transporte? eu saia daqui de Cajazeiras que tinha o transporte daqui para Lapa e dá lapa eu pegava para o Teatro Castro Alves, só que como eu gostava de andar né eu descia no Politeama e ia andando ou descia ali embaixo na Lapa, ou eu só pegava o transporte para Barra que passava ali por baixo, ali tem aquela escadinha que sobe para o Campo Grande, lembro que uma vez eu saltei do transporte e subir aquela escada correndo ali, eu tomei um carreirão com o violoncelo nas costas mais consegui, graças a Deus chegar bem no projeto e eu superei aquele momento mais o meu trajeto era esse.

Ana - esse carreirão foi um assalto?

Joás – sim, sim tentaram me assaltar ali na Contorno, ali tinha um ponto, tinha alguns amigos que moravam ali embaixo na época, Geisa, Laís que era instrutora do Violãoocello, tinha alguns amigos que moravam lá embaixo então eu soltei porque era mais próximo, poderia passar na casa deles e subir para o teatro, mas aí quando vinha subindo eu observei o cara atravessar correndo e vindo na minha direção, o violoncelo tem um uma peça embaixo de ferro que se chama espigão aí segurei embaixo do espigão e aí tome-li perna, subir correndo com o violaocelo nas costas e conseguir chegar ali na ponta de cima, olhei para ver se tava vindo atrás, mas não tava, graças a Deus tudo isso para poder tá perto das pessoas que a gente gostava e fazer música mais uma vez né, as vezes esse problema vem para a gente desistir, mais uma vez eu tava ali porque quando a gente se junta na orquestra, além da orquestra tinha os “naipes” era onde juntava todo mundo para pegar as partituras para estudar, para poder

ensaiar durante o percurso, então a gente ainda resenhava com o pessoal, foram essas as dificuldades que enfrentei no momento ali mais era esse percurso que eu fazia para poder entrar no projeto.

Ana - você lembra das maiores dificuldades e das maiores facilidades que você viveu estando no programa?

Joás - a maior dificuldade que eu enfrentei foi essa depressão, assim falando no sentido espiritual da coisa porque materialmente eu não tive nenhum problema, a questão que enfrentei foi essa depressão e realmente essa foi a minha grande dificuldade porque eu não sabia como sair dela né, então o Neojiba que me acompanhou, eu tinha uma psicóloga lá que na época era Tansir e a outra era Joana, uma assistente social. Com Tansir comecei a conversar um pouco a respeito do que eu tava sentindo, Tansir começou a me ajudar né porque eu quando estava dentro de casa minha mente era outra, dentro de casa eu tava como se eu tivesse dentro de uma prisão né, eu não conseguia pensar, não conseguia fazer nada, eu não conseguia sair na rua porque eu passei um momento muito difícil então quando eu saía de casa para o Neojiba minha mente era outra porque eu tava perto de pessoas que eu gostava, eu fazia aquilo que eu gostava, eu sorria bastante, eu conseguia sair daquela prisão que eu tava, então quando cheguei no meu limite mesmo eu não agüentava, eu me lembro que eu tava em casa e eu comecei a pensar que não tinha mais jeito eu sair disso, eu recebi uma ligação de Tansir, ela me ligou “você tá aonde? eu digo eu tô em casa, você vai para o Neojiba hoje? eu falei vou, ela disse eu marquei para você o psicólogo lá no Itaigara, você quer um acompanhamento? eu disse assim, quero. Daí por diante eu comecei a fazer o tratamento né, tomar remédio, foi mais ou menos um mês, aí passei a acreditar porque sempre fui evangélico também e Tansir começou a me dar umas palavras de conforto junto com os maestros começaram a me ajudar, essa foi a maior dificuldade que enfrentei, eu ia para os núcleos né eu tava aula, já tava aula na Ribeira, e mesmo com a minha dificuldade, mas uma coisa que o Neojiba sempre nos ensinou foi ser guerreiros, o Neojiba sempre nos ensinou ir a frente, e avante o projeto que veio da Venezuela sempre nos ensinou a gente ter coragem de enfrentar, aí é porque além de tudo você ler partitura é você enfrentar diariamente as dificuldades. Essa foi a maior dificuldade que enfrentei, quando eu comecei a tomar o remédio foi que eu comecei a sentir a melhora, e aí eu comecei a me sentir bem né, eu sorria bastante no Neojiba, então foi a maior dificuldade que enfrentei. Das pessoas que eu lembro de Daniel, Thais Tavares, Leilane, Miran que tá na Europa hoje, Geisa, mas se eu for falar é muita gente, mas foi a maior dificuldade que eu enfrentei realmente no Neojiba, mas tive apoio né porque se o maestro não me ajudasse, o maestro Ricardo Castro aí né não chegasse presente comigo e teve bastante paciência, porque algumas vezes eu encontrei várias pedras aí dentro para poder eu tropeçar e cair né, várias pessoas que não sabiam o que eu estava enfrentando né, mas os meus amigos caiu para dentro, eu tinha que fazer teste e eu não estava bem psicologicamente, mas eu tinha que fazer porque eu tinha que cumprir a minha meta aí, então assim vários professores não entendiam, tinha um professor que veio de fora, mas ele não conseguia entender que eu não tava bem, o que eu tava passando e disse que eu não tava apto para estar na orquestra, não tava apto para tocar e os meus amigos todos me acolheram, meus amigos, Lais e vários que sabiam o que eu tava passando, o maestro também que sabia que eu estava

passando, foi a minha segunda família né, minha segunda família me ajudou bastante, me acolheram. Então essa foi a maior dificuldade que eu tive né, a gente não escolhe o sofrimento, não escolhe passar por certas áreas, mas quando eu passei por isso, eu tive os meus amigos do Neojiba que me ajudaram, mas essa foi a maior dificuldade que eu passei.

Ana - você acha que a música contribui na sua formação?

Joás – sim, com certeza, a música educa né tipo assim muda muita coisa na gente, cada compositor, cada melodia que a gente toca, assim a música fala com a gente, além dos gestos, a batuta, o tom alto e baixo, ensina muita coisa para gente, então a música tem um poder muito forte de mudar a gente, como eu disse, eu várias vezes estava viajando e através da música minha mente conseguia se conectar com Deus, a música conseguia me conectar com coisas boas, então a música tem um poder muito forte né de transformar a gente né, eu acho que a música tem o poder de transformar sim, e é isso.

Ana - você acha que o trabalho da equipe de desenvolvimento social contribui para a melhoria do programa?

Joás - com certeza, com certeza porque dentro do projeto tem várias pessoas né e a gente não sabe as dificuldades que elas têm(áudio inelegível) é muito bom ter o acompanhamento do psicólogo.

Muito obrigado Joás!

Entrevista 004

27 de julho às 15h

pelo Zoom

Bom dia!

Ana - qual é a tua idade?

Cassio - hoje eu tenho 29 anos

Ana – qual sua identidade de gênero

Cassio – homem

Ana – Autodeclaração de raça

Cassio – negão

Ana – escolaridade

Cássio - eu tenho ensino médio completo

Ana – ocupação, tá trabalhando em quê?

Cássio – eu sou autônomo, trabalho com música mesmo, sempre

Ana - a cidade que tá morando?

Cassio - moro em Trancoso na cidade de Porto Seguro

Ana - estado civil

Cassio – casado

Ana - qual foi o último núcleo que você participou no Neojiba?

Cássio - Eu participei do NGF, que é o Central ainda no TCA.

Ana - quando você ingressou no programa?

Cássio - eu ingressei no programa em meados de 2008.

Ana - em qual núcleo?

Cássio - no Teatro Castro Alves ainda não era NGF, não lembro como se chamava assim né, a época era no Teatro Castro Alves, um ano de projeto que não tinha esse nome, enfim era o único núcleo.

Ana - quando você ingressou no programa você já sabia tocar o instrumento?

Cassio - sim, sim, eu estava ingressando também no primeiro ano do curso técnico de música no Colégio Manoel Novaes, ali no Canela, eu tava fazendo instrumento de percussão, com o professor Jorge Onça, foi um curso que eu não completei porque já estava ingressando neste caminho de viver de música que já tava complicado conciliar os estudos com tudo isso e continuar com o curso, mas já tava tudo perto no canela, já tocava, eu toco, tocava desde os 8 anos de idade na igreja e tenho essa formação.

Ana - quando você saiu?

Cássio - eu saí no ano de 2015, no final de 2015.

Ana - você lembra o motivo por que você saiu?

Cassio - então Anna o motivo é um pouco complicado assim, tudo pela idade enfim, toda essa coisa, eu comecei a ver as coisas de uma forma um pouco mais macro, aquela bolha do Neojiba, via a música no Brasil um pouco complicado né, nada é fácil sabe disso, mas naquele momento estava como regente, um regente no país é complicado, é complicação para a família bancar os estudos de regência, bancar festivais, assim tem uma hora que realmente

não cabe no orçamento, eu não queria entrar na estatística que é se endividar por causa de um sonho né, quando você tem uma vida econômica desmantelada você não consegue conquistar quase nada ou nada entendeu, então foi um dos motivos foi esse. Eu participava de alguns festivais, tirava do meu próprio bolso e ficava pensando quando teria retorno, e eu vi amigos com mestrados e doutorados participando dos mesmos projetos, das mesmas coisas e aquela é uma roda que nunca crescia entendeu, claro que obviamente poderia crescer para mim, porque não, mas eu tinha medo de entrar para estatística de ser mais um regente, mais um músico e que vai ficar ali sempre à mercê, a margem de um dos grandes, enfim esperando os coroinhas falecerem para poder ter um emprego enfim, não tenho, não queria ter esse perfil, hoje ainda penso da mesma forma.

Ana- quando você saiu do Neojiba você tinha quantos anos?

Cássio - nossa sou muito ruim de matemática, eu tenho 29 anos e tem 6 a 7 anos da minha saída, então tinha 22 anos.

Ana - a família ou amigos de apoiou para entrar no Neojiba?

Cássio – sim, sim

Ana - como era a vida antes do Neojiba, você consegue pensar antes e o depois e o que mudou?

Cássio – caramba, o que mudou rapaz assim, quando eu entrei no Neojiba eu era muito novo né, muito novo então, naquela época estava no ensino médio então, uma vida de adolescente com sonho de ser músico né, até porque eu vim de uma família que tá ligada a consumir música, minha mãe é cantora gospel, vem de uma igreja, tenho uma tendência a ser músico, meus amigos todos, 90% já eram músicos, alguns já estavam no Neojiba, passaram pelo mesmo processo que eu de está no colégio Manoel Novaes que já era um sonho desde criança, ver meus amigos ter passado pela mesma escola, ingressando na faculdade, entrar no caminho que os amigos já fizeram, que já trilharam, bom então era meu sonho era ser músico, independente de onde, como era ser músico né, que é essa a vida do artista de ir atrás do sonho sem saber o que vai acontecer.

Ana – Para você, o que é fazer música coletiva, participar de uma orquestra?

Cássio - para mim é o desafio mais prazeroso que existe né, porque você juntar raças, gêneros tudo isso para fazer algo comum, que o som ele não escolhe, ele é o som, então no final das contas nada disso importa, nada disso importa, o que importa é o indivíduo, o ser humano ali se abrindo, se demonstrando, se declarando, o som é único, então fazer com que 100 pessoas que eram nosso caso, ou 120 pessoas, 300 pessoas como ocorreu no aniversário do Neojiba, teu o único objetivo que é ter som, emocionar de alguma forma ou trazer alegria, ou trazer a tristeza, que eu gosto de dizer sobre isso, as fezes não é, muitas pessoas ficam melancólicos, ficam tristes também, assim fazer tudo isso, fazer pessoas transmitirem isso, no meu caso como regente passar por isso fazer aqui 100 pessoas, 20, 5, 10 pessoas passe por esse

processo em que esse processo se torna em algo gigante, isso aí é gratificante demais, enfim, saudades.

Ana - o que significa para você ser um integrante do Neojiba?

Cassio – nossa (silêncio) para mim é um negócio que é já é emocional assim, porque eu revivo isso todos os dias praticamente, digo que eu não sou um ex integrantes, não consigo nem pensar nessa forma assim, quando eu vou em Salvador eu tenho que ir lá, sim, eu fui agora e em 2 dias já tava lá, eu fui lá ver todo mundo em 2 dias, eu deixei de ver um monte de gente, família, primo, porque eu passei tanto tempo no Neojiba, tanto tempo, que assim minha família ficou lá entendeu, se eu não for ao Neojiba eu vou ter que ir na casa de algum ex-integrante do Neojiba assim, da minha época, se tornou amigo, alguns viraram padrinho de casamento, assim virou uma coisa muito extra, além da música, da partitura, virou algo que é meu, que já virou sangue né, eu digo o que na minha época eu via muito mais meus amigos assim, os integrantes do Neojiba do que ,minha mãe, minha família.

Era assim saía às sete horas da manhã para dar aula no SESI e volta 11 horas da noite porque era hora que o ônibus passava mais vazio, coisas que sabe, então é uma vida, eu não sei falar sobre essa coisa de ex integrante, eu vivo isso todo dia, vejo fotos, vídeo, tem gente que me procura para falar como é que tá o Neojiba, não sei como tá, mais fala com fulano, sicrano tá lá ainda, e morando em Trancoso que é um lugar onde teve um núcleo, as pessoas me associam como professor do Neojiba, que regeu a orquestra, se eu sair com a camisa do neojiba vai dá no mesmo.

Ana - houve alguma contribuição do programa na sua vida?

Cassio – sim, sim, bastante, talvez até de um lado que as pessoas não costumam ver né tem o lado como gerir sua vida como músico autônomo, Eu costumo olhar as coisas de uma outra forma, talvez por gostar muito de empreendedorismo, enfim de se virar, eu gostava de conversar isso com alguns integrantes, tentar abrir os olhos para isso, ver o Ricardo por exemplo, muita gente para em Ricardo com o pianista, já eu não, vi Ricardo como gestor, com empresário, falei isso para ele na minha saída do Neojiba na reunião que a gente teve, hoje gerir a minha carreira é lembrada da carreira dele, ele como criança que saiu, conquistou e tal obviamente assim, são extremos.

Hoje eu levo para minha vida o neojiba e todas aquelas questões de para turnê, voltar para Salvador, saber que estamos voltando para nossa realidade né, então encontro no Neojiba todos esses extras, talvez por ter vivido os bastidores, de saber da reunião de como fazer um concerto, de ver Ricardo conversando com alguém para poder captar recursos, todas aquelas coisas né eu conseguia ver, por mais que eu não estava inserido de fato assim, eu olhava aquilo ali tipo vai acontecer isso, vai acontecer aquilo, prever o próximo passo do projeto, já sabia como é que vai ser, como é que vai crescer, para onde vai, tentava já imaginar isso de igual forma então, eu levo a minha vida dessa forma. talvez não foi o que o Neojiba propôs no inicio, depois do Neojiba o que vai acontecer né, aquela coisa da emoção então, é muita gente emocionada com tudo que tá acontecendo e talvez não consegue ver o outro lado

da moeda, eu sempre fui vendo o outro lado da moeda né, para não precisar passar por nessa estatística que estava falando no início, passar por todo esse processo que todos os meus amigos, a maioria, passaram e hoje ainda continuo passando mas sim e eu fico aqui dando força para eles que é tem que passar se “corra” atrás dos sonhos mas hoje Neojiba fez uma revolução na minha vida, talvez ao contrário que muita gente possa falar em alguma entrevista né, como gerir a vida de músico mesmo assim como viver neste país que é difícil e conquistar as coisas que é complicado de conquistar mas não desistir, não deixar de ir, o Neojiba é uma escada né, agente conhece pessoas que através do Neojiba tá terminando o mestrado, tem pessoas que tem o Neojiba como um trampolim imenso, conseguiu ver o Neojiba além das aulas enfim, e tentar agarrar aquilo ali como uma única coisa que tinha e teve no momento, hoje conquistou as coisas, por mais que não esteja no Neojiba eu venho conquistando as minhas coisas através do Neojiba, porque eu fui do Neojiba, eu fui aluno de Eduardo Torres, porque enfim tudo isso aí interfere demais, até na família.

Ana – então esse espírito empreendedor foi estimulado dentro do Neojiba?

Cassio - sim, sim, quando eu sair do Neojiba já tinha um projeto pronto extra o Neojiba, Eu já sabia, foi um projeto meu, foi um programa meu, no dia X projeto tal, Eu já sabia que ia fazer isso, então agente entra naquele, todo jovem músico no Brasil, meu Deus quero ser músico, quero continuar, então como eu fui um cara muito equilibrado, sou ainda, então já sabia que isso ia acontecer, então me preparei para poder sair do Neojiba, fiz o meu fundo, tudo direitinho porque até então a gente ganha bolsa, vivia de bolsa, não é um salário, não tinha aquelas coisas que o governo dá, então já tinha, me preparei para isso, então quando voltou das férias 2015 para 2016, no primeiro dia eu chamei Ricardo para conversar, conversei com Eduardo que passou a situação para ele, no outro dia 8 horas da manhã numa reunião comigo, enfim deve ter sido um susto realmente, só eu sabia, ficou sem entender nada, então já cheguei para ele com programa pronto, falei eu não vou sair do Neojiba para ficar ao leão, vou sair do Neojiba para montar uma empresa com minha mãe, vou fazer um buffet, eu já fui com o programa todo pronto, então eu ouvir dele tipo “sucesso, eu acho que vai dar certo”, sabe diferente de que sair sem planos, a minha saída não gerou uma preocupação para ele, foi ótima a reunião, assim incrível, foi uma conversa de pai para filho assim, foi fantástico né, a direção do Neojiba na verdade me apoiou na saída, muito louco isso né, assim perguntava como estava a empresa e tal, se precisava de alguma ajuda aí, Ricardo sempre procurava conhecer os meus pais enfim até casamento, em relação ao casamento Ele sempre perguntou assim, depois da saída eu pude voltar fazer o aniversário de 10 anos, viajei com eles ainda, fui reger o concerto na Suíça, foi até Paris com Ricardo, então a gente tem um carinho incrível.

Ana - fale um pouco mais das turnês internacionais. O que é para você é uma turnê e uma turnê internacional?

Cassio -sim turnês, a primeira turnê que fiz foi a turnê Nordeste né 2009, eu criança, então eu acho que foi o primeiro contato com esse coletivo, viajar com já dois ônibus, você está inserido de fato mesmo, assim a imersão né, então eu acho que a palavra é essa aí, uma imersão, você sai da sua caixinha, você volta outro sim, porque aquilo ali acaba sendo o seu né. Você sair um mês da tua casa, deixar tudo e tal, andar com 80 pessoas, atravessar o

mundo, carregar um par de surdo assim, sair pegando peso e ter que lidar com um rapaz que tá cansado, que não quer mais carregar o peso, tem que ajudar porque tem que fazer o coletivo andar, então é uma imersão total assim sabe, de acordar emergido na aquilo, ir dormir pensando no próximo concerto no que não deu certo o que vai dar certo o que poderá dar certo, às vezes nada dá certo também desde o início, aí você tem que saber lidar com o cansaço. Fomos a geração cobaia tipo tudo novo, hoje nossos alunos encontram tudo prontinho assim, então assim já passou olhando aeroporto X é assim, olha você tem que tratar a gente assim, a pessoa assim, aquele rapaz é assim, então sabe aquele jeitinho então acho que turnê para mim, resumir em uma palavra é imersão total, aí você poder conhecer culturas, nossa, é impagável, eu colho frutos disso também hoje na verdade por ter conhecido culturas diferentes, de saber como o europeu escuta a música Latina, o que ele espera dos Latinos ouvindo Beethoven essas coisinhas assim, é diferente como eles contemplam a arte, como eles contemplam a música sinfônica, ser um pouco mais racional do que a gente, como o europeu consegue falar outras línguas mais fluente, como a educação enfim (...) turnê é isso é imersão.

Ana - Cássio você assistiu ao filme Neojiba, música que transforma? Você se sente representado no filme?

Cassio - sim, acho que eu deveria aparecer mais vezes oh oh oh. Sim, sim, sim, aparece mais a turnê de 2018 né. Eu me acho representado, é justamente por isso que identifico a turnê 2018 é a turnê da multiplicação, são pouquíssimos da minha geração então eu acho que ali é a concretização do projeto, eu acho que se eu fosse Ricardo Castro, fosse gestor, maestro em 2018 estaria realizado, para mim traz mais felicidade ver a turnê de 2018, mas gratificante ver os meninos em Paris do que eu esta regendo em Paris, de coração mesmo.

Ana - a bolsa auxílio contribuiu para você permanecer no programa?

Cássio - eu acho que no período 2014/2015 sim, eu já tava mais formado, eu tinha uma ideia do que fazer com dinheiro, todas essas coisas né, eu já estava planejando, vendo a vida de outra forma, eu acredito que sim mas, mas se não tivesse eu acredito que eu trilharia o mesmo caminho.

Ana - o que você gostaria que fosse diferente no programa?

Cassio - difícil, difícil porque assim até onde estava no programa eu sentia que a gente estava buscando sempre fazer o melhor, o que era possível então eu não sei te dizer.

Ana - você acha que o programa contribui para a melhoria da cidade, para melhoria dos habitantes da cidade?

Cassio - em Trancoso sim, eu acho que faz falta por exemplo o núcleo de Trancoso, foi o Núcleo que mais teve contato emocional também, ter vivido com pais, crianças em uma cidade pequena, eu acho que tem um certo grau relevante de mudança, as pessoas perguntam sobre, o funcionamento do Neojiba aqui foi um bom né, eu acredito que sim, mudou bastante, mudou bastante o comportamento. No caso de núcleos em cidade pequena a gente acaba

sendo Regente, coordenador, acaba virando às vezes até pai, tio, eu acabei virando velho mais cedo, eu vivi essa situação com 20 anos tendo que resolver uma coisa de um menino de 17 anos, assim o pai não dava conta mas porque ele me respeitava mais que o pai, Ele me ouvia mais que os pais enfim.

Ana - Enquanto uma política pública, um programa do governo, você acha que esse serviço precisa ser ampliado, é um dever do Estado garantir esse serviço?

Cássio - e eu acredito que sim, até porque eu penso na música, na arte como ferramenta para desenvolvimento social não só cultural né, então eu acredito que é dever, obrigação do Estado dar uma boa educação dentro de todas as comunidades. Falando de cultura, falando de turnê é isso que a gente encontrava lá na Europa por exemplo, o médico formado que toca violino, porque ele teve oportunidade quando criança né, mas também é o rapaz que tá na “correria”, como falamos aqui, sabe tocar piano porque teve a oportunidade de aprender, o desenvolvimento musical deixa a pessoa sensível ao universo né ah ah ah então é importante, uma obrigação do Governo do Estado retribuir com nossos impostos através disso.

Ana – Antes do Neojiba você morava em qual bairro?

Cássio - São Gonçalo no Cabula, sempre.

Ana - como era a sua trajetória, São Gonçalo Cabula do Cabula até Teatro TCA, onde você ensaiava?

Cássio - o Neojiba ficava na metade do dia, às 6 horas eu ia para a Escola pegava um ônibus lotado para o Campo Grande, o Neojiba ficava no meio do caminho assim né, e aí quando eu sai do ensino médio continuei no Neojiba, em 2013 eu comprei meu primeiro carro, foi em 2013 já com a bolsa e a ajuda do meu pai, meu pai usava o carro pela manhã às vezes assim, a gente fazia uma agenda, aí quando eu tinha mais ensaios ou bastante aulas e precisava ficar até mais tarde ficava com o carro. Tirei a minha habilitação com 18 anos, comprei o meu laudo e tirei a habilitação rapidinho, sempre tive aquela coisa de tirar habilitação, ter carro, adiantar meu lado o máximo possível, aí em 2014 eu vim morar em Trancoso, passei um ano aqui juntei o dinheiro todo o ano e quando voltei pra Salvador comprei o meu próprio carro, em 2015 eu tive o meu próprio carro né não dividia com meu pai então.

Ana - você lembra de algumas dificuldades ou facilidades que você viveu dentro do programa?

Cassio - facilidade foi conquistar amizades, assim que apoiaram, que ainda ajudam né Ana, que fazem as coisas acontecem, então eu acho que essa facilidade foi bom, foi uma porta gigante sim, às vezes até difícil para quem não está nela, essa oportunidade de amizade, de apresentar trabalhos em fim, tenho colhido até hoje e acredito que vou colher para sempre. Já dificuldades eu acredito que no início assim até recente até um passado recente eu acho que foi o Neojiba não ter colocado, incentivado as pessoas a ter um plano B, acho que é a minha maior crítica ao Programa, mais hoje eu tenho sentido nas conversas, quando eu tenho oportunidade de conversar com essa nova geração que tanto o Neojiba como eles já tem uma

certa perspectiva e já estão procurando um plano B ou planos C se dúvida né, na minha época assim já era difícil não tinha muito a escolher, hoje já pode escolher fazer lutheria, trabalhar no departamento de RH, (...) na minha época era só música, música, a gente tinha que estudar enfim, tinha que estar com um programa na ponta, hoje é um leque gigante que você pode escolher dentro das possibilidades assim, assim acredito no futuro. Aprender demais com a produtora Janela do Mundo vendo como eles trabalham com imagem, produção técnica de concerto, de como resolver problemas logísticos, de forma leve, tranquila, baiana, super extrovertida, assim são amizade que levo para a vida toda dentro de mim, são facilidades. A minha crítica ao Neojiba até o momento ainda é essa, acredito que eles vão melhorar dessa visão assim, também a quebra de Secretaria de Cultura para Secretaria de Desenvolvimento Social, toda aquela coisa, a gente que tava muito inserido, aquela geração ficou sem entender nada, aqueles dois anos foram loucos, a gente não sabia como abordar, mais vai melhorar.

Ana - como é que é viver da música, profissionalmente, fora do programa?

Cassio – tive a facilidade, o privilégio de ter vivido em Trancoso, ter conhecido pessoas aqui em Trancoso, e ter vontade de vir morar em Trancoso, é difícil opinar sobre isso, falar sobre isso porque eu tô no lugar que é privilegiado do país, entendeu, essa é a verdade, hoje em dia eu consigo viver de música muito bem, claro que é uma cidade hiper mega cara, não é um lugar fácil assim, é uma cidade que tem crescido violentamente, acho que a palavra é essa violentamente, então a cidade que vem pessoas de todos os lugares do mundo porque sabe que é um lugar que é privilegiado, onde para o dinheiro do país né, com turismo, ecoturismo prêmio e turismo, que consomem Trancoso, Fernando de Noronha enfim, eu toco todos os dias, toco todos os dias, eu sou remunerado todos os dias né, e assim encontro pessoas diferentes, com diferentes formas de abordagem, precária de Cultura, mas também encontro pessoas que consomem cultura todos os dias se possível, que remuneram bem, conhecem um bom trabalho, então é difícil opinar mas assim, hoje né, mas eu sei que o país é complicado para viver da noite, eu vivo da musica tocando a noite, tocando em restaurantes, fazendo alguns eventos particulares, nas casas, assim é essa basicamente minha vivência mas eu sei que no país é complicado entendeu, mas aqui em Trancoso tem um pouco mais de facilidade, tenho um privilégio, eu não consigo opinar sobre isso, eu vivo bem.

Ana - o programa indo para a Secretaria de Justiça e Desenvolvimento Social teve uma reestruturação com a chegada da equipe de Desenvolvimento Social, você acha que essa equipe consegue dar uma apoio aos integrantes? Vc que viveu na época da Cultura e depois.

Cassio – Total, total, nossa, aquela equipe para mim foi essencial, virou minha família do início assim, quando a equipe chegou, toda essa mudança eu tava no momento depressivo, tava bem mal assim, quando eu vim para cá estava em um momento bem, naquela coisa a gente querer se matar, aquela coisa assim sabe, aquela coisa, no momento triste da vida que não quero nem lembrar, era um momento muito ruim, então assim, tanto Ricardo como Eduardo já sabia disso assim, graças a Deus eu sempre tive uma abertura muito legal para conversar com os dois diretores, Eduardo foi incrível, ele pegou a bomba que era eu, assim e me colocou para Tansir, à época e falou assim, esse é seu primeiro caso, você vai se cuidar, mais uma vez fui cobaia então, foi muito importante e ali eu pude trabalhar junto, acabou que

eu fui tratado e trabalhei junto com a equipe, muitos casos assim, nossa muitos casos difíceis, enfim depois desse tratamento que eu passei, depois desse olhar e carinho, da assistência eu pude ver os meus alunos com outro olhar, e assim até insisto em dizer que talvez eu fui um dos primeiros senão o primeiro a praticar isso na ponta, foi muito rápido porque eu vivi o tratamento, eu me permitia a estar com a equipe e a equipe me tratar, me desenvolver e dali foi muito mais rápido ter essa sacada assim, quando eu estava dentro como regente, quando eu tava só tocando foi difícil de compreender, essa coisa do desenvolvimento social, participar das reuniões, agente só queria tocar, quando eu passei pelo processo da depressão onde está mal que eu precisei da equipe aí tudo mudou, foi muito mais rápido então, talvez a multiplicação por já ter passado, saber que esse é o caminho, esse é o futuro, foi massa. Então eu fui percussionista, fui regente, diretor de núcleo quase coordenador de núcleo, fui psicólogo e assistente social, para que formação melhor, eu tatuei na ponta, eu vivia a ponta.

Ana – Obrigada, Cássio pela oportunidade.

Entrevista 005

Bruna – integrante da orquestra Juvenil da Bahia

Ana - qual a tua idade?

Bruna - 19 anos

Ana - identidade de gênero?

Bruna - feminina

Ana - autodeclaração de raça

Bruna – branca

Ana – qual a sua escolaridade

Bruna – estou cursando o ensino médio técnico

Ana - além do estudo e do Neojiba você participa de mais alguma atividade?

Bruna - eu faço o técnico em Geologia, ensino médio e técnico no IFBA

Ana – onde você mora?

Bruna – no Barbalho

Ana - estado civil

Bruna – solteira

Ana - você toca em qual orquestra?

Bruna – na orquestra dois de julho, hoje a orquestra juvenil da Bahia

Ana - quando você ingressou no programa?

Bruna - ingressei em 2011

Ana – em qual núcleo?

Bruna - comecei na OPE - orquestra pedagógica experimental

Ana - funcionava em qual local?

Bruna - na época quando eu entrei funcionava o colégio Dois de Julho, na faculdade Dois de Julho

Ana - a família ou amigos te apoiaram quando você entrou no Neojiba?

Bruna – sim

Ana - de que forma você percebeu esse apoio?

Bruna - me incentivando a fazer audição para entrar, me incentivando a estar nas atividades, indo me leve, me buscar, estando presente nas reuniões, sendo presente dessas formas como o projeto necessitava.

Ana – Quando você entrou no Neojiba você já sabia tocar um instrumento?

Bruna - já, eu fiz iniciação musical no IAM - Instituto de Ensino musical acho que é isso, não lembro direito mas tenho quase certeza que é isso.

Ana - você sempre morou no Barbalho?

Bruna - minha mãe sempre morou aqui mas a gente passou muitos anos morando na Liberdade a gente voltou atualmente a morar no Barbalho

Ana - você estudou no Colégio Municipal? como era a tua relação com a escola, na rua, quando você iniciou no Neojiba, como era a rotina?

Bruna - olha minha rotina para minha idade e para o meu círculo social na época era um rotina pesada, porque eu ia para escola e depois ia para o Neojiba, era visto como anormal na época, mas não era nada pesado para mim porque eu tava fazendo uma coisa que eu gostava, no Neojiba eu me divertia além de tocar, mais aos olhos das outras pessoas eu estava fazendo algo anormal na época, normalmente as crianças só frequentavam o colégio.

Ana - o que representa para você participar de uma orquestra? fazer música coletiva?

Bruna - na minha opinião representa um desenvolvimento social, que afeta todos os seu círculo de amigos, família, é um desenvolvimento que vai além da pessoa que está engraçado no projeto.

Ana - você já tem 11 anos no programa, você consegue identificar algumas contribuições que o programa trouxe para tua vida?

Bruna - diversas contribuições, quando minha mãe me incentivou a fazer parte do Neojiba o intuito principalmente era utilizar o tempo livre para fazer alguma coisa que fosse agregar no meu futuro, de fato agregou e muito porque é algo que desenvolve muito além do que você vive ali dentro, desenvolve o externo também porque eu aprendi a ter muita responsabilidade, aprendi a enxergar muito além do meu mundo social que eu vivo do meio social que eu vivo, eu aprendi a ter obrigações e arcar com as minhas obrigações e aprendi a ter muita disciplina também porque quando você tem obrigações a cumprir você tem que ter muita disciplina.

Ana - você participou da turnê e do filme Neojiba, música que transforma, você se sente representada no filme? que que você achou do filme?

Bruna - com certeza, o filme traduz visualmente do que a gente fala do Neojiba, as pessoas sempre querem ver o que agente fala do Neojiba, do trabalho social além da parte musical e o filme traduz muito visualmente do que a gente fala do Neojiba. O filme mostra muito mas realmente não mostra tudo porque eu acho que o nenhum filme vai conseguir mostrar o tão grande que é que é né o desenvolvimento social que o Neojiba trás mas o filme ajuda muito a trazer uma perspectiva para as pessoas não só ouvir mas também assistir, ver, ajuda bastante.

Ana- e para você o que foi participar da turnê internacional?

Bruna - Foi uma realização pessoal de saber que os meus esforços estão me levando para além do que eu podia imaginar, foi uma realização não só para mim mas para minha família também, acho que a palavra é uma realização, é algo que te deixa muito feliz além da conta você, você vai ter oportunidade de viajar fruto do que você tá fazendo todo dia, fazendo o que gosta, é um privilégio para mim.

Ana - você falou da realização da sua família, como foi para sua família?

Bruna - eu tenho uma tia e uma prima que já foram musicistas do Neojiba inclusive são minhas inspirações para ingressar no Neojiba também, então já eram uma felicidade quando elas estavam no Neojiba, a gente não veio de uma família privilegiada então tudo que a gente consegue é com muito esforço, então saber que nossos esforços estão agregando para nossa família é uma realização para eles que também porque em saber que a gente está no caminho do bem, fazendo a coisa certa, tendo responsabilidade é isso.

Ana - você recebe uma bolsa auxílio, você acha que essa bolsa contribui para sua permanecer no programa?

Bruna - sim contribui, não só a bolsa mas a bolsa contribui porque eu acho que infelizmente nem sempre a gente vai ter o privilégio de viver do que a gente gosta, se a gente não tem algum auxílio de renda porque a gente tem que ajudar em casa, a gente tem que cumprir com nossas despesas próprias e às vezes isto impede a gente de fazer o que a gente gosta, eu sempre digo para todo mundo me pergunta que está no Neojiba é um privilégio para mim porque eu posso estar fazendo o que eu gosto e recebendo auxílio por isso, então para mim é de grande importância não é o centro mais é de grande importância.

Ana – o que poderia melhorar no Neojiba?

Bruna – essa é uma pergunta muito polêmica, eu sinceramente não sei porque a parte que já poderia melhorar já está melhorando, na verdade a expansão, o Neojiba está se expandindo para núcleos territoriais e eu acho que esse era um problema que tinha antes mas não era muito culpa do projeto e sim era culpa mesmo do governo que tem que ter muita verba para fazer isso acontecer mas eu acho que esse era o problema mas que já está sendo solucionado, hoje já tem núcleos territoriais e eu acho que o projeto cumpre bem o seu papel tanto social quanto musical então não tenho muito o que reclamar hoje.

Ana - você acha que o programa melhora a vida dos habitantes de uma cidade?

Bruna - com certeza porque a educação sendo colocada como fundamental resolve pelo menos oitenta por cento dos nossos problemas, e a educação musical não é muito vista como algo comum aqui no Brasil e ter um programa como o Neojiba em um bairro ele tá trazendo uma nova perspectiva para aquela criança que tá o dia todo indo para um colégio do bairro que tá convivendo naquele mesmo ambiente com outras meninas do mesmo bairro que estão naquele mundo fechado sem acesso a muita educação, sem acesso a outras perspectivas, então acho que é essencial porque às vezes a gente não imagina como as coisas acontecem então tão diferente em bairros periféricos principalmente aqui em Salvador eu digo isso porque minha avó mora no subúrbio e às vezes eu ia visitar ela no subúrbio e eu já fazia parte do Neojiba nessa época, eu percebia mesmo criança, depois de mais velho lembrava e parava para pensar o quanto eu achava estranho certos pensamentos porque eu tinha acesso à educação e eles não tinham o mesmo acesso a educação que eu tinha, porque lá não tinha um programa com o mesmo intuito, então minha maneira de pensar, minha perspectiva de educação de me formar de aprender era totalmente diferente dos meninos de lá, então o Neojiba me trouxe essa perspectiva que se eu não tivesse minha mãe, minha família não tivesse esse intuito de mim colocar no Neojiba provavelmente eu estaria com os mesmos pensamentos deles.

Ana - você identifica o Neojiba como uma política pública? é um programa do governo? como é que você vê essa política pública, é de responsabilidade do governo ou é um programa de Ricardo? como você percebe o Neojiba?

Bruna - olha essa é uma pergunta difícil de responder porque quando eu tive o primeiro contato com o Neojiba a partir da minha tia e da minha prima que elas são membros fundadoras do Neojiba na época não tinha quase nem do governo era muito pouco, então os meninos realmente eles estavam ali porque eles gostavam muito e a família se esforçava muito para que eles permanecessem lá com muita dificuldade porque o governo ainda não auxiliava muito nesse sentido, eu acho assim que é uma obrigação do Governo está colocando esse tipo de programa na sociedade porque é um programa educacional, de desenvolvimento social que é o que toda sociedade precisa e não acho que a escola hoje em dia seja suficiente principalmente colégio público do estado eu cresci estudando em colégio público e nunca foi o suficiente infelizmente para a educação e para um desenvolvimento necessário para a gente realmente combater alguns problemas da sociedade em geral

Ana - como é o seu trajeto de onde você mora hoje para participar do ensaio no Parque do Queimado na Liberdade?

Bruna – eu vou de ônibus, eu saio de casa, hoje não é tão longe, então eu saio de casa pego o ônibus e solto no ponto de ônibus da Soledade e vou andando para o Parque do Queimado.

Ana - quais as maiores dificuldades ou facilidades que você tem encontra participando do programa, você consegue identificar as dificuldades ou facilidade na sua vida?

Bruna - a dificuldade com certeza hoje para mim, são os horários, porque como eu estudo no IFBa o estudo é integrado então tem incompatibilidade de horários com o Neojiba, então eu faço um quebra-cabeça para estar no IFBa e para estar no Neojiba. A facilidade que eu acho é que eu gosto então nada disso para mim é uma obrigação, é cansativo, obrigação chata, não é uma obrigação está lá no IFBa e no Neojiba, o que me deixa mais triste é saber que talvez um dia eu não consiga manter os dois por causa dos horários mas essa é a maior dificuldade e a maior facilidade são essas.

Ana - você tem algum plano para o futuro?

Bruno – planos eu tenho vários, no sentido profissional a curto prazo pretendo permanecer no Neojiba e concluir o ano que vem o IFBa, então eu quero continuar no Neojiba depois que eu sair do IFBa até ingressar na faculdade, ficar no Neojiba até completar a idade limite, sei que eu tenho que sair mas a longo prazo eu vou me formar em Geologia pretendo me formar em Geologia na UFBA e quero dentro de tudo isso a música nunca vai sair da minha vida e eu pretendo continuar trabalhando com música porque além de fazer o Neojiba eu também faço fora do neojiba, então eu pretendo continuar investindo nisso para quando eu tiver que sair do Neojiba.

Ana- você faz música fora do Neojiba? você toca em eventos?

Bruna - isso

Ana- você pensa em viver da música?

Bruna - olha essa pergunta é também um pouco polêmica para mim especificamente porque atualmente onde a gente vive no Brasil a música abre muitas portas para várias coisas que a gente possa fazer, a música traz muito conhecimento é enorme leva a gente para vários caminhos só que no mercado de hoje eu não me vejo na música especificamente nesses mercados principais por isso que eu quero fazer geologia mas eu me vejo no mercado de música para evento, voltado a toda organização de música para evento mesmo tocando em evento, tocando em cerimônias, porque eu acho que é uma coisa que casa muito com o que eu quero fazer que é Geologia e é uma paixão também e eu acho que o mercado na Geologia funciona melhor para mim e para o que eu vejo no meu futuro.

Ana – Bruna muito obrigada pela entrevista.

Entrevista 006

Maria Fernanda – integrante do Coro Juvenil do Neojiba

Ana - boa tarde, Maria Fernanda

Ana - qual a sua idade:

Fernanda – tenho 24 anos

Ana – Qual a identidade de gênero

Fernanda - feminina

Ana - autodeclaração de raça

Fernanda- preta

Ana – escolaridade

Fernanda - ensino superior em andamento

Ana - ocupação atual

Fernanda – estudo e sou professora de francês

Ana - qual bairro você mora?

Fernanda – Calabar

Ana – estado civil

Fernanda - solteiro

Ana – em qual ano você ingressou no programa?

Fernanda - foi 2015 acho que 16 no Coro Juvenil

Ana - família e amigos te apoiaram quando você decidiu ir para o Neojiba?

Fernanda – sim, todos acharam que poderia ser uma boa oportunidade

Ana - Você sempre morou no Calabar?

Fernanda – sempre morei no Calabar

Ana - o que representa para você participar de música coletiva?

Fernanda - é uma ótima experiência, a gente aprende muita coisa através da música coletiva, a gente aprende a ter disciplina, a trabalhar em equipe, a interagir com pessoas diferentes, acho que a cada dia é um aprendizado novo tá no coletivo fazendo música, construindo junto, ainda mais no Coro que a gente constrói tudo com os próprios corpos juntos então é sempre uma nova experiência, uma nova sensação.

Ana – Vc já participou de alguma viagem com o Neojiba?

Fernanda - única viagem maior que a gente fez foi para participar do festival em Curitiba que ganhamos o primeiro lugar.

Ana- para você, o que poderia ser diferente no programa? Melhor?

Fernanda - eu acho que tem alguns pontos que poderiam ser melhorados dentro do programa, algumas questões ligadas à forma como o Coro aparece no programa, muita gente não sabe da existência do Coro e também às vezes nós somos negligenciados quanto a divulgação de eventos, concertos e também algumas dificuldades da gente conseguir recursos por exemplo agora a gente tá para fazer uma turnê de verdade na Bahia e estamos com dificuldade de recurso, apesar da Lei Rouanet estamos com dificuldade para conseguir dinheiro. Tem

também algumas questões ligadas ao social, precisamos de uma maior compreensão como exemplo os atrasos a maior parte do grupo vive em bairros periféricos e tem dificuldade de acesso a transporte, às vezes a gente chega atrasado mas não porque queira, ou que não se importa com o projeto e sim uma questão de logística porque muitos de nós precisamos de duas ou três horas para chegar no Parque de Queimado, às vezes a gente perde o ônibus como qualquer outra pessoa e a gente tem dificuldades e às vezes as questões vão para além, sai do nosso controle, coisas da vida, acho que são essas as questões principais.

Ana - vocês têm acompanhamento de uma psicóloga? você acha que esse tipo de apoio ajuda o coletivo?

Fernanda - ajuda com certeza, o coro juvenil é formado de pessoas que são maiores de idade né apesar do grupo receber pessoas a partir de 14 anos, tem um número maior com a faixa etária entre 20 a 25 anos, assim essa assistência é muito importante principalmente para a gente saber o que vamos fazer depois que sair do programa, porque o Neojiba não é a nossa vida ele passa, então a Juliana que é a profissional que nos acompanha sempre traz a questão do processo, não apenas Juliana mas Yuli que é uma das nossas regentes traz sempre essas coisas para pensar o depois que a gente sair do Neojiba.

Ana - vocês recebem uma bolsa-auxílio, você acha que essa bolsa contribui para a permanência no programa?

Fernanda - Com certeza, eu acho que no lugar de bolsa auxílio deveria ser bolsa permanência, esse dinheiro a gente utiliza para fazer coisas que vão ajudar no perfil do programa, por exemplo tem pessoas que dão aula de tarde na monitoria e com esse dinheiro eles vão comprar o almoço ou o dinheiro que ajuda a gente fazer uma logística maior né é de ir para o ensaio, tirar xerox para estudar, esse dinheiro também ajuda dentro de casa, para comprar coisas, serviços, internet coisas para nossa permanência mesmo, para agente se manter ali no programa, além disso a maioria de nós somos maiores de idade e precisa de dinheiro para viver assim nesse sentido o projeto ajuda a nossa vivência.

Ana - você identifica algumas coisas que o programa contribui para sua formação enquanto ser humano, enquanto cidadã?

Fernanda - com certeza, com certeza tem muitas contribuições na minha vida principalmente ligados a questões profissionais, aprender a tem mais disciplina, na formação profissional especialmente com noções de sala de aula ajudou muito, então tem pessoas que agente vai levar para a vida eu acho que tem contribuição na formação do ser humano, cresce a nossa sensibilidade, além disso possibilita viver outras realidades porque às vezes a nossa realidade é uma e quando a gente está no núcleo por exemplo a gente convive com crianças que tem diversas realidades, diversas problemáticas acho que isso é muito, muito forte essa experiência de vida mesmo, esta ali com pessoas muito diferentes de você, pessoas que tem dinheiro como os maestros, essa participação contribui para uma ocupação de espaço, porque nos somos de maioria negros, periféricos, que muitas vezes não teríamos a oportunidade de ocupar esse tipo de espaço, e também essa parte de encontra jovens que vivem outra realidade, tem esses dois paralelos que para me profissionalmente é fundamental, que mudou para me como pessoa.

Ana- Maria Fernanda você tem músicos na família?

Fernanda? eu fui a primeira, depois que eu entrei também entrou uma prima que está no Núcleo de Cordas dedilhadas, e uma outra prima na OPE.

Ana – Qual a importância do Progresso na sua vida?

Fernanda- bom assim atualmente estou com o caminho aberto mas com certeza a música vai estar no meu caminho, eu também tenho pensado que quando terminar o curso de letra ou então continuar com o Canto lírico. O programa é importante na minha vida, deu oportunidade de viver coisas, vivenciar experiências fundamentais para o crescimento pessoal, profissional e espiritual e o crescimento artístico também.

Ana- você faz monitoria?

Fernanda – no ano passado sim, mas eu saí para poder me formar.

Ana - se você tivesse um filho hoje você colocaria no Neojiba?

Fernanda - Acho que sim, acho que sim porque como eu te falei né a possibilidade de você vivenciar experiências está em espaços diferentes do cotidiano, é muito especial você participar de Concertos, além disso o trato com as pessoas que eu te falei eu acho que é uma boa oportunidade para quem vive na Bahia, vive em Salvador de uma maneira diferente porque a gente tá numa capital do país em que a estudar música erudita é privilegiada, a gente tem espaços musicais hoje muito importante que muda o cenário da cidade mas mesmo assim com o dinheiro que é arrecadado, que é dado para fazer as logística (áudio inelegível) a música contribui o tempo todo para todo o mundo, muda a vida.

Ana – Maria Fernanda, você participou do filme documentário Neojiba música que transforma, assistindo o filme você se sente representada no filme?

Fernanda - Essa pergunta tem dois lados, pois, por um lado, sim me sinto representada, já que faço parte do projeto. Contudo, tem o lado de que eu sou a única pessoa do Coro Juvenil falando no filme e também não aparece cenas do coro, isso é bem complicado, pois somos um coro que tem uma performance importante, de algumas formas. Ganhamos um festival nacional um pouco antes do filme, o Cantoritiba, e, recentemente, fizemos uma ópera no fim de todas as dificuldades da pandemia. Queria que estivéssemos mais lá.

Ana- Qual a sua avaliação do filme?

Fernanda - Acho um filme bom, bonito

Ana- Fernanda, obrigada pela entrevista!

Entrevista 007

Caio integrante do Neojiba – 31/08 às 20:30

Ana - Boa noite Caio, obrigada por essa oportunidade.

Caio - eu que agradeço

Ana – qual é a tua idade

Caio - tenho 22 anos

Ana - identidade de gênero

Caio – sim, masculino

Ana - alto declaração de raça

Caio – negro

Ana - escolaridade

Caio - cursando o ensino superior, faço Bacharelado em violoncelo pela Universidade Federal da Bahia

Ana - você mora em qual bairro?

Caio - eu moro no bairro de Santa Cruz – Salvador

Ana - estado civil

Caio – solteiro

Ana - atua em qual núcleo?

Caio - eu participo da orquestra juvenil da Bahia do Neojiba

Ana - quando você ingressou no programa?

Caio - Eu entrei em 2013 agosto de 2013

Ana - você entrou em qual núcleo?

Caio – na OCA, orquestra Castro Alves

Ana - a sua família e amigos apoiaram você para entrar no Neojiba?

Caio – sim, a minha família me apoiou e continua me apoiando, são meus maiores incentivadores assim, dois em mais específicos que são os meus avós paternos, moro com eles, desde então que eu comecei as primeiras aulas, meu pai me acompanhou, foi fazer minha matrícula e até hoje vão sempre nos meus concertos, recitais, se importam, pergunta como estão os meus estudos e até quando eu não consigo render, quando eu estou realmente tristes eles percebem, perguntam o que tenho toda a palavra de apoio de amigos e familiares, então a minha corrente do bem assim que me ajuda a manter essa máquina do Caio sendo violoncelista a funcionar e a continuar funcionando.

Ana -Caio você entrou direto na OCA, então você já sabia tocar um instrumento?

Caio - já, já sabia comecei a aprender violoncelo aqui no bairro no projeto que existia aqui e que foi parceiro do Neojiba durante muitos anos, que era chamado de Estrelas Musicais, é onde diversos músicos que são integrantes do Neojiba, que já foram integrantes do Neojiba passaram por lá, este projeto que existiu no meu bairro e aí a gente aqui teve o primeiro contato, era um Núcleo só de cordas, violinos, violas, violoncelos e contrabaixos.

Ana - quando você participou do Estrelas Musicais ainda não era um Núcleo do Neojiba?

Caio – não, eles eram parceiro do Neojiba apenas, depois que se filiou ao Neojiba

Ana - você lembra um pouco antes de você entrar no Neojiba como era sua relação em casa, com a família? você acha que essa participação no Neojiba teve mudanças nas relações?

Caio – teve, assim eu cresci já dentro do programa, quando entrei no programa eu era uma criança, comecei a tocar violoncelo com 11 anos, já se passaram 10 anos nesta carreira, é uma série de transformações aconteceu né porque uma criança tendo o primeiro contato com o instrumento que não é nada familiar eu posso dizer assim. Eu fiquei muito interessado em conhecer o projeto porque um vizinho meu tocava violino eu só via muita gente carregando violino nas costas e aí eu chego no projeto a professora me indica um violoncelo eu amo o instrumento e imediatamente um choque, muita gente falando você vai tocar violoncelo? (áudio confuso) é a música que a principal ferramenta a ser utilizada que o programa leva para o mundo, é um instrumento de transformação né é através da música que toda a plástica facial coletiva é feita, tudo muda, a gente vê como a gente música traz responsabilidades para sua vida em várias áreas, para me enquanto adolescente e pré adolescente no ensino fundamental, no ensino médio, questão da disciplina, do estudo, do foco para diversas coisas, onde que preciso de mais atenção, onde posso ter mais descanso, como posso separar os diversos momentos, do estudo do instrumento, toda a minha dedicação, a minha vida pessoal, encontro com meus amigos, enfim tudo ajuda a mobilizar tudo o resto que você faz, é basicamente uma questão de organização da vida, é uma lição realmente a gente saber separar quando começa isso ou aquilo.

Ana -tem alguém na sua família que toca algum desses instrumentos?

Caio - não de Orquestra

Ana - você é o primeiro músico da família?

Caio - sim, depois chegaram outros no canto, no piano,

Ana - tem mais alguém dentro do programa da tua família?

Caio - não, não

Ana - você identifica contribuições do programa na tua vida? Nas relações com a vizinhança, com os amigos, com a família, o que você identifica que construir estando no programa?

Caio – a convivência com o coletivo, no pensar no todo, o senso da coletividade.

Ana - você participou de algumas turnês internacionais e participou do filme, me conte um pouco como foi a experiência de participar deste filme e das turnês?

Caio - das turnês todas são muito marcantes e sempre serão né agora preparando mais uma, vem sempre reflexões na minha cabeça de turnês passada, de lugares que a gente já tocou e vai tocar novamente, do lugar que a gente ainda não foi e que iremos abrir essas portas, cada uma tem a cereja do bolo né, acho que a primeira de todas foi como integrante da OCA né, ainda como integrante da OCA na turnê Nordeste que a gente fez nas principais capitais que foi uma realização de um sonho de outros músicos que um dia passam pela OCA e já estavam na Juvenil e que quiseram muito que, no período deles, a OCA pudesse fazer uma turnê, e eu me senti feliz porque eu tava vivendo, realizando um sonho para o projeto inteiro, que carregava sonhos de muitas outras pessoas né, depois eu fui realizei a 1º turnê para fora do Brasil. Fiz a turnê sudeste, depois retornei a Europa e eu não sabia que estava participando de um filme, soube que iria gravar algumas cenas para um documentário que iria acontecer mas não imaginava que teria essa repercussão, dessa magnitude que foi o filme né a gente tem hoje disponível no Netflix e tal sobre o Neojiba, diversas coisas do programa, com o foco no programa, na turnê Europa que realizou 2018 foi um marco que teve a orquestra totalmente reformulada, com integrantes que eu ainda não havia conhecido, algumas que eu já conhecia mas que a gente trabalha junto, cooperou, conseguiu construir aquilo e levar mais uma vez o programa para fora do Brasil, coisa que é importante para todos, nossas carreiras, para o pessoal, para o programa enfim, foi um marco, a última turnê internacional que agente realizou, agora a gente retorna e cada ano, cada vez é diferente, lugares diferentes, sensação diferente por mas que você já tenha feito, essa vai ser a minha terceira turnê na Europa e a minha Quintas turnê já dentro do programa, cada uma delas foi realmente muito especial.

Ana - você se sente representado no filme?

Caio – sim, pelo fato que o programa teve como protagonista um integrante que toca na orquestra, que convive em uma comunidade né, precisa todo dia pegar seu transporte público um ou dois né, a gente vive na cidade infelizmente com índice de segurança muito baixo, para a gente que transita independente que você toca um instrumento ou não, a questão de segurança tinha que haver para todos né, eu como morador de periferia saio todo dia cedo vou para o meu ensaio, minha aula, pego o meu transporte público, subo e desço com meu instrumento nas costas e por um momento chegou no lugar (áudio inegível) ... penso na minha saga para conseguir chegar no ensaio, preciso pegar dois ônibus em horário muito cheio mas quando chego e tô lá tocando com meus amigos, tocando várias obras maravilhosas, me tira desse plano, desta realidade que está ali ao redor, a poucos metros, me vejo apresentado também porque o protagonismo é um menino negro, tocando coisas que muitas das vezes né, (áudio inegível) muito fora da realidade que a gente vê na internet né, a maioria das orquestras são de países europeus, americanos, enfim né até mesmo no Brasil não se enxerga em certos lugares porque faltam pessoas ali parecidas comigo, fazendo aquilo que eu também sei fazer, então isso é muito importante, mostra que você chegando hoje no Núcleo, mostro para uma criança o filme da minha orquestra que já teve mais de 7 milhões de visualizações e a menina, o menino do Núcleo de tal bairro vai olhar e ver no filme uma pessoa ali parecida comigo, dá uma vontade, você se enxergar ali o futuro, então é um gás para você chegar lá, se sente igual. No meu tempo quando eu vi uma foto da orquestra juvenil, eu com 10 ou 12 anos, vi uma foto do meu professor que tocava em Genebra, eu vi meu Professor ali eu falei eu quero estudar para está lá também, quando eu cheguei em 2018 no palco de Vitória Hall eu chorei de emoção, me lembrou do ano de 2011 que abrir uma revista e vi uma foto da Juvenil e naquele ano eu tava lá, eu ainda não atuava como professor, monitor e bateu aquela retrospectiva olha quanto tempo passou e olha você chegou, você tá lá agora no palco que seu professores esteve e você disse que um dia você chegaria entendeu então tudo é um ciclo é extremamente importante que você se veja representado no lugar ainda mais naquele que é o seu sonho, meu sonho era tocar ali então em batalhei, estudei e

toquei ali, mas eu tive alguém que acreditou em mim e me ajudou a chegar ali e foi isso que aconteceu, hoje onde eu vou sento no meu canto para dar aula eu falo “você quer um dia fazer isso, acreditem e vamos trabalhar juntos para que vocês sejam capazes”. Um dia chega um aluno e me diz professor eu quero tocar na Filarmônica de Paris que nem você já tocou duas vezes vai passar pela terceira eu falo vamos ver acontecer juntos se você quer isso você vai chegar lá, vamos acreditar e vai dar certo.

Ana - a bolsa auxílio que você recebe contribui para a sua permanência no programa?

Caio - contribui, contribui porque é dela né que a gente utiliza para fazer manutenção do instrumento, tudo é muito caro, arco, corda e diversos outros apetrechos, também é necessário para transporte, alimentação né, as contas em casa né, é uma ajuda, e enfim é realmente vem como um auxílio né toda ajuda é sempre bem-vinda né, qualquer aumento significativo já melhora muito a nossa situação ainda mais agora nessa crise financeira que impacta de todas as formas, agora ainda mais, para comprar um jogo de cordas bom é preciso se desdobrar daqui e dali conseguir colocar um jogo de cordas.

Ana - O que você gostaria que fosse diferente no programa?

Caio - acho que a agenda da orquestra principal, da minha orquestra é muito lotada. A gente já teve uma agenda que funcionava com 15 dias de ensaio para fazer os concertos ou até um pouco mais e ao menos uma semana em casa até às vezes 15 dias de passado o evento para ficar em casa não para não fazer nada porque tem a monitoria, tem faculdade, a vida cotidiana, mas a pausa da orquestra ela acontecia até porque nós ensaiamos a semana inteira e a gente mesmo tem concerto no domingo no parque que o repertório é diferente é um outro tipo de peça que além do repertório orquestral a gente tem que estudar, se preparar para subir no palco, então tudo isso gera uma lotação da nossa vida, muitas vezes mesmo que você não toque no domingo o final de semana acaba ficando muito curto, porque a gente também tem as nossas outras demandas, a vida pessoal, gostaria que a rotina muitas vezes dos ensaios não fosse tão intensa quanto ela é. (áudio ilegível) Encontrei uma amiga semana passada, ela falou “amigo eu não lhe vejo a tanto tempo” falei e agora eu só vou consegui te vê em outubro e ela ficou desacreditada, mas nós estamos em agosto, eu falei pois é mas eu não vou poder no sábado, nem no domingo, na quarta tem concerto e na sexta eu já viajo e retorno no final de setembro, E aí ela falou então está certo, você nunca para. É porque a agenda é complicada né, (...) a vida do músico, a vida do artista é um eterno quebra-cabeça.

Ana - você entende o que o programa contribui para a melhoria da cidade, para melhoria dos habitantes de um bairro?

Caio - Com certeza, aqui no bairro a gente agora tem um núcleo Nordeste de Amaralina, se não me engano tem percussão, instrumentos de sopro, com certeza um programa como o Neojiba já conhecido no estado, no Brasil e no mundo, você ter um Núcleo no bairro de Salvador e nas cidades do interior modifica, o bairro tem outra visão, as pessoas da comunidade passam a conhecer, a querer, a se interessar. Quando eu passo com a camisa do Neojiba no bairro todo mundo fala “você toca no Neojiba, eu já fui no concerto” fica uma coisa diferente, meu bairro tem um programa tão importante quanto é esse o Neojiba, meu filho integra, o Núcleo atualmente funciona no colégio onde eu estudei, então quando o colégio soube que iria receber o Neojiba diversos ex professoras minhas me falaram “o Neojiba está aqui, que maravilha” e outros alunos se interessaram né, gera no entorno do Núcleo uma transformação visual, pessoal, enfim causa transformação de diversas formas.

Ana - você acha que o Neojiba é uma política pública?

Caio – vejo o Neojiba como política pública e vejo ele ofertado como um programa no âmbito social e também no artístico e pedagógico. A gente tá lá trabalhando com música né, música é arte, somos artistas, a gente se prepara sobe no palco leva a música até o público, no teatro, então é uma coisa que coopera com a outra, isso realmente não tenho dúvidas.

Ana - então é um direito?

Caio – exatamente, que chegue para todos mesmo, é realmente o Neojiba trouxe a questão de levar o público a frequentar teatro para ouvir Beethoven, villa-lobos, a sinfonia de Male. Eu lembro que meu avô foi pela primeira no TCA me ver no palco, imagine uma pessoa que mora em Salvador a tanto tempo vai ver o seu neto tocar em uma orquestra, imagina isso na minha vida, na vida de quantos e quantas meninas e meninas que se apresentaram lá, do coro, então leva arte e cultura que é um direito de todos, tem que ser para todos as diversas formas de habilidade.

Ana - Você continua morando na mesma casa? Fale um pouco das suas relações com os vizinhos?

Caio – Sim, sim continuo morando na mesma residência, no mesmo endereço, as relações com a vizinhança, meus vizinhos falam que lembram quando eu começava a tocar, te ouvia, tem uma história que chega a ser engraçada, eu estava sem a programação e pensei vou ficar esses dias sem tocar o Violoncelo, uma semana vou focar em outras coisas, vou me dá um descanso, um dia na padaria encontrei um vizinho e ele falou Caio você nunca mais estudou né? Aí eu falei assim ué Como assim? ele falou que “nunca mais eu vi tocar, da minha casa eu vejo você tocar”. De onde eu estudo aqui em casa a janela dá para rua né, E aí eu falei rapaz meus vizinhos estão sentindo falta de me ouvir estudar. Eles ficaram uma semana com saudade de me ouvir estudar. Eu falei gente eu preciso apenas de uma folga, é rapidinho daqui a pouco eu volto. Eu nunca tive problemas com relação a isso, de alguém reclamar, tem gente até que gosta.

Ana - você identifica algumas dificuldades ou facilidades que você encontrou nesse período que você está no programa?

Caio - Com certeza a maior dificuldade é a locomoção né, porque todo dia você pega transporte, mesmo que você pegue um Uber, não pode ser todo dia. Eu me locomovo muito, saio daqui para a orla, depois centro da cidade, todo dia, vai e volta, essa questão de me locomover para chegar nos lugares é terrível, e como músico né a gente busca sempre atingir uma qualidade técnica o tempo inteiro né, é que a gente fala da escala, dos critérios básicos... vale para toda a sua vida, é como você mantesse o cálcio do esqueleto sempre ali, você tem que suprir, nunca pode deixar falta aquela vitamina porque senão as outras deficiências começam a aparecer e no nosso meio é cada repertório difícil, a gente tem que estudar obras, peça é muito estudo para te ajudar a manobrar dificuldades, e os resultados que a gente acha que vai vir logo não vem, não vem mesmo, coisa que hoje a gente não entendi porque tá estudando aquilo, lá na frente seis meses você vai tocar uma peça que justamente tem as coisas que você precisa trocar com aqueles estudo que você fez seis meses atrás, você tava com dificuldade e agora você não tem mais e aí a “chave” vira na nossa cabeça, nossa eu não sabia fazer isso agora sei, agora já faço isso com mais facilidade porque já foi preparado, tem coisa na nossa vida como músico que agente não entende, porque eu estou tocando isso? Porque estou fazendo aquilo, isso não dá certo. depois a gente conseguiu, tocando isso, tô

fazendo aquilo, olha meu colega me ajudou, mostra que é assim ou assim é mais fácil, tava assim e não tava bom, agora já tá muito melhor, é uma série de descobertas diárias e eternas.

Ana - Quais são os teus planos para a vida profissional?

Caio - adoro tocar música, música é minha paixão, é uma coisa que eu falo que hoje parece quando acordo e que se eu não fizer ou não tiver lá eu não vou está sendo EU, certa forma o meu instrumento é uma extensão de mim, com certeza o meu instrumento né, quando estou feliz, quando estou triste, quando estou chateado, quando estou com raiva tudo passa, transmite pra ali né, mas o futuro eu gosto muito de dar aula aí eu quero estudar, quero me especializar, quero tocar em uma boa orquestra né, lugar que eu possa sentar, dividir a música, fazer música de qualidade com colegas profissionais é isso que eu espero que a vida possa me proporcionar, eu quero dar aula para passar meu conhecimento né, continuar gerando futuro e futuros violoncelistas pelo Brasil e quem sabe pelo mundo, adoro fazer música de câmara, tocar em Quarteto, Quintetos com repertórios menor mas que te proporciona uma qualidade, neste caso exige uma qualidade até mais que de orquestra, muito mais difícil, que eu amo fazer, gosto muito de tocar em orquestra mas se minha “chave” mudar lá na frente eu possa trabalhar com música de câmara eu estarei feliz de qualquer forma.

Ana - Você acredita que é possível sobreviver da música?

Caio – Sim, acredito, acredito sim.

Ana – Você consegue se ver fora do programa?

Caio – sim, são ciclos né, acho que este está sendo o meu momento e com certeza esse ciclo vai se encerrar e eu espero que tudo que eu contribuí de bom continue a permanecer e tudo que existe de bom no programa continue e melhore, chegue outras coisas boas e chegue outras grandes conquistas para as orquestras, para os Núcleos, para os integrantes, para todos né, acho que hoje onde eu tô, como monitor tem uma criança no Núcleo sonhando em estar na orquestra que eu participo, espero que esse sonho nunca morra, que esse ciclo dentro do projeto continue sempre, se mantenha vivo né, da gente seguir o espelho para aqueles que um dia vão tá lá, a minha orquestra, a minha geração não vai permanecer lá para sempre como a antiga do meu professor e da minha professora não permaneceu, o ciclo mudou para que eu e outros pudessem chegar até aqui, o círculo vai mudar né, para que outros cheguem até lá, e a gente vai se encontrando pela vida, fazendo música juntos né, compartilhando nossas histórias não no meu tempo, quando era da Juvenil lembra em 2018 que agente fez aquela viagem, foi em tao cidade pela primeira.... Este ano vamos tocar em salas maravilhosa, uma especial para me é uma em Amisterdã que é o sonho de muito musico que estar na Europa, ou em qualquer lugar do mundo que estuda nas melhores universidades, nós vamos aqui, uma orquestra da Bahia com jovens tocar nessas salas, imagina daqui a 5 ou 10 anos agente conversando poxa lembra quando agente tocou na sala X pela primeira vez? quero voltar lá várias outras vezes ao longo da minha vida, mas sabe a primeira vez que eu tava lá você lembra que a gente tocou? Sabe, que este encanto, essa magia não se perca nunca, que este ciclo se repita e vá agregando cada vez mais e mais coisas boas para o programa e para a vida de cada um né.

Ana - É isso que a gente espera, que se abra mais oportunidade para outros tantos que estão aí né, na expectativa. Caio muitíssimo obrigado pela oportunidade.

Caio - Eu que agradeço.

Entrevista 008

Lucas integrante da Orquestra Juvenil da Bahia

Ana - qual a tua idade?

Lucas - tenho 22 anos

Ana - identidade de gênero?

Lucas – masculino

Ana - autodeclaração de raça

Lucas – preto

Ana – escolaridade

Caio – ensino superior incompleto

Ana - você tá fazendo o curso? onde?

Caio – bacharelado em música – violino – na UFBA

Ana - Você mora onde Lucas?

Lucas - eu moro aqui na rua Forte de São Pedro, Campo Grande, Salvador

Ana - Você é de Salvador?

Lucas - sim, nasci em Salvador

Ana - estado civil?

Lucas - solteiro

Ana - quando você ingressou no programa? em que ano?

Lucas - eu ingressei em 2014 no núcleo de Feira de Santana, e no ano de 2018 que eu me tornei membro da orquestra 2 de julho(orquestra juvenil da Bahia) aqui em Salvador

Ana - a família, os amigos te apoiaram quando você resolveu entrar no Neojiba em Feira de Santana?

Lucas – sim, a minha família e amigos me apoiaram.

Ana - você morava em Feira de Santana?

Lucas - eu nasci em Salvador só que com três anos ou quatro anos de idade eu fui morar em Feira e desde então eu cresci em Feira de Santana e no ano de 2018 que eu passei a morar em Salvador novamente.

Ana - sua família mora em Salvador ou Feira de Santana?

Lucas - Minha família mora em Feira, moro aqui com um irmão que também participa do Programa, Gilmar.

Ana - Como era a sua vida antes de participar do Neojiba?

Lucas - antes de eu entrar no programa a minha rotina era comecei a estudar música na igreja lá em Feira de Santana e minha rotina era escola pela manhã e à tarde à noite eu sempre estava na igreja estudando música, fazendo ensaios, essa sempre foi minha rotina antes do Neojiba, meus pais sempre sabiam que a gente gostava muito de música e sempre incentivaram a gente a fazer parte dos grupos que tinham na igreja e desde que surgiu o Neojiba minha mãe sempre me incentivou a gente tá no programa, a continuar.

Ana - o que representa para você fazer música coletiva, estar dentro de um grupo musical?

Lucas - para mim é você aprender com um grupo né, porque quando você toca em uma orquestra Você aprende com todos né, com Maestro, com seu colega distante, com naípe, isso para mim é muito bom porque são visões diferentes quando junto é um resultado muito bom, muito, muito gratificante eu sempre, sempre gostei disso de aprender com os colegas, com o maestro, sempre tá todo mundo dando uma opinião de algo e acrescentando para o crescimento musical.

Ana - o que significa para você ser integrante da orquestra juvenil?

Lucas - para mim eu me sinto bem e bem honrado de estar no programa Neojiba, foi um programa que me fez a cada vez mais a gostar de música, até então eu não via a música como algo profissional, algo sério, e depois do Neojiba eu tive uma visão de música totalmente diferente, é uma coisa além do profissional, é uma missão fazer música, eu me sinto muito honrado e feliz tá fazendo parte do programa Neojiba.

Ana - você identifica alguma contribuição que o programa trouxe para você?

Lucas – sim, sim depois que eu entrei no Neojiba me senti assim muito mais responsável com minhas atividades, minha rotina, eu acho que me amadureceu bastante, contribuiu para eu saber lidar melhor, conviver melhor com pessoas de diferentes pensamentos, opiniões, acrescentou na minha, na minha cultura né, até então eu tinha um pensamento, como eu falei, de música totalmente de arte, totalmente diferente e depois do Neojiba minha mente abriu para mundos diferentes de música, de arte, eu fico feliz do Neojiba fazer parte dessa minha mudança.

Ana - você participou de turnê s Internacional e do filme Neojiba música que transforma, como foi essa experiência para você? Como é a experiência de uma turnê Internacional? e como foi a experiência de você participar do filme? Você sabia que estava sendo feito o filme?

Lucas - a questão do filme, eu sabia que estava sendo feito um filme e acompanhei alguns colegas que no momento da turnê estavam gravando assim, mas eu não sabia que eu ia

participar do filme também, participando falando um pouquinho no filme, eu fui pego de surpresa, mas fiquei muito feliz, ficou muito bom, muito incrível, e para mim participar da turnê de 2018 foi importantíssimo para minha formação, como músico, como ser humano, e confesso que eu nunca imaginei que ia tocar em salas assim na minha vida, eu agradeço muito ao programa por essa conquista que realmente a gente tocou nas melhores salas das cidades, na Europa e não imaginava que eu teria essa oportunidade nem daqui a 20, 30 anos de toca em salas tão renomadas, então para mim foi incrível.

Ana - você se sentiu representado no filme?

Lucas – sim, sim totalmente.

Ana - você recebe uma bolsa auxílio, essa bolsa contribui para a sua permanência no programa?

Lucas – sim contribui, contribui para eu morar aqui em Salvador, porque como tá eu e meu irmão aqui, meus pais ajudam muito para que a gente continue mas a gente só tá aqui por conta dessa bolsa do Neojiba.

Ana – você identifica alguma coisa que você gostaria que fosse diferente no Programa?

Lucas - eu acho que uma coisa que eu sinto falta, assim eu acho que atividade de música de câmara poderia ser maior no programa, eu sei que é um programa com orquestra, tem coro, mas eu acho que dois dias, um dia na semana fosse focado para música de câmara, eu acho que o músico individualmente cresceria muito mais do que já cresce, então eu acho que a atividade de música de câmara assim algo mais focado, mais presente na orquestra seria muito bom

Ana - você acha que um núcleo contribui para melhoria de uma cidade, você que teve experiência lá em Feira de Santana, quando o núcleo chegou você acha que contribuiu para a melhoria da vida dos moradores da cidade?

Lucas – sim, sim o núcleo que eu participava em Feira de Santana funcionava num bairro chamado Cidade Nova, que é um bairro assim perigoso né, e melhorou bastante depois do Neojiba, a integração, a integração de jovens pelo bairro, foi criada uma praça com teatro, então para aquele bairro foi uma mudança assim bem, bem positiva né, e quando tinha algum concerto do Núcleo as salas ficavam cheias de familiares, de pessoas do bairro, isso para mim foi importante porque até então lá não tinha atividade musical de Orquestra, de grupo de câmara e depois que o Neojiba apareceu lá foi algo muito bom para a cidade, principalmente por bairro que mudou bastante.

Ana - você morava no bairro?

Lucas – Não, não, eu morava em outro bairro.

Ana - você identifica o Neojiba enquanto política pública?

Lucas – sim, sim, totalmente

Ana - você acha que o estado deve oferecer esse serviço para outras cidades

Lucas - seria incrível se outras cidades tivessem a oportunidade como a cidade de Salvador, de Feira de Santana tem, o Neojiba já expandiu muito pela Bahia mas ainda falta muitas cidades, então seria maravilhoso se isso acontecesse em toda a Bahia, tivesse um Núcleo do Neojiba.

Ana - você em Feira de Santana, me conte um pouco como é que era o seu percurso para os ensaios?

Lucas - atividade do núcleo acontecia todos os dias da semana e era sempre à tarde então eu tinha escola pela manhã, chegava em casa, almoçar, tomar banho, trocava e ia para a atividade da orquestra que era na Cidade Nova e a gente saía de lá às seis horas da tarde, mais para mim gostava tanto de está lá no Núcleo, de tocar, aprender que às vezes chegava antes e às vezes saía depois a coordenadora que foi minha primeira professora de violino falava vamos fazer Quarteto, vamos fazer grupo de câmara, então além da orquestra a gente às vezes ficava um pouquinho para fazer e eu super gostava disso, que eu só queria fazer música, só queria tocar, só queria aprender, então para mim era muito bom essa rotina.

Ana – você ia andando, de ônibus, de carro?

Lucas – eu ia de ônibus

Ana - e a sua convivência no bairro em que você morava, você lembra como era antes de você entrar no Neojiba?

Lucas – eu morava em um bairro grande, não tinha contato na rua, assim mas depois do Neojiba, depois que começou a tocar todos sabiam que ali era a família dos músicos e depois que o Neojiba começou a aparecer na TV o pessoal falava te vi na televisão e tal e para mim foi muito bom essa interação com os vizinhos, com os amigos que eu não tinha.

Ana- E hoje como é que você vai e volta da sua casa para o Parque do Queimado, para os ensaios?

Lucas - eu vou de ônibus, às vezes de Uber e a mesma coisa na volta de ônibus ou Uber às vezes.

Ana - você identifica algumas dificuldades ou facilidades que você encontrou nesse período?

Lucas - as dificuldades eu acho que assim pode ser algo normal mas para mim um pouquinho puxado assim às vezes é a rotina de ensaios, de atividades, e isso porque eu não consigo fazer todas as atividades no Neojiba que eu queria, queria aprender e contribuir muito mais, mas como eu faço a universidade durante a tarde às vezes fica um pouco puxado ensaio acaba às 12 horas e às vezes 12:30, 12:40 eu tenho aula então eu tenho que sair depressa para fazer aula que às vezes eu chego na aula assim exausto de ensaio, às vezes não consigo produzir, então uma dificuldade é horário, o deslocamento principalmente porque esse horário é um horário de saída das escolas, das Universidades o trânsito fica bem puxado e às vezes a gente acaba passando 40, 50 minutos no trânsito que a gente leva para chegar lá no parque 15 minutos então eu acho que o deslocamento é bem puxado nesse sentido.

Para me a facilidade é principalmente na orquestra da Universidade eu percebo que o pessoal do Neojiba que estuda comigo lá e tem muita facilidade com a orquestra e a gente vai desenvolver mais habilidades, tudo que eu aprendi de Orquestra no Neojiba, então para mim é muito fácil entender como funciona orquestra, como tocar, como fazer tal dinâmica,

articulação o que seguir, então para mim isso já é muito fácil pelo fato de estudar música e tá trabalhando em horário oposto com música isso ajudou bastante, do que quem trabalhar fazendo outra coisa, então para mim fazer música e estudar, essas coisas paralelo facilita assim minha vida em 100%.

Ana - Quais são os seus planos para a vida profissional? depois que sair do Neojiba, quais os planos?

Lucas - Eu pretendo continuar estudando, depois do bacharelado quero fazer mestrado, tenho o sonho de estudar fora, pretendo seguir na área da pedagogia em violino, ensinar violino em comunidades carentes e seguir fazendo música de câmara que eu gosto mais principalmente eu acho que dar aula, eu acho que eu quero muito esse ramo.

Ana - esse projeto de dar aula foi influenciado pelo Neojiba?

Lucas – sim, com certeza, foi depois que eu vi como o projeto funciona e a necessidade de ter uma orquestra em cada cidade, acho que depende de cada um de nós que toca e pode contribuir um pouco.

Ana - você acha que dá para conciliar a vida de músico profissional com o ensino da música?

Lucas - eu não sei se quero depois de me formar, fazer mestrado, se eu quero seguir na área de orquestra, acho que eu prefiro ser camelista, é uma rotina pesada, bem pesado, mas eu acho que essas duas coisas eu vou conseguir conciliar sim.

Ana - Se você tivesse um filho você colocaria no programa Neojiba?

Lucas – colocaria sim.

Lucas, agradeço a oportunidade.

Muito obrigada!

Fotos

Título: Ivete Sangalo e Orquestra Juvenil da Bahia Cantam Caetano e Gil



Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2015

Título: Neojiba Convida Arnaldo Antunes



Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2017

Título: 10 anos do Neojiba - Sala São Paulo - SP



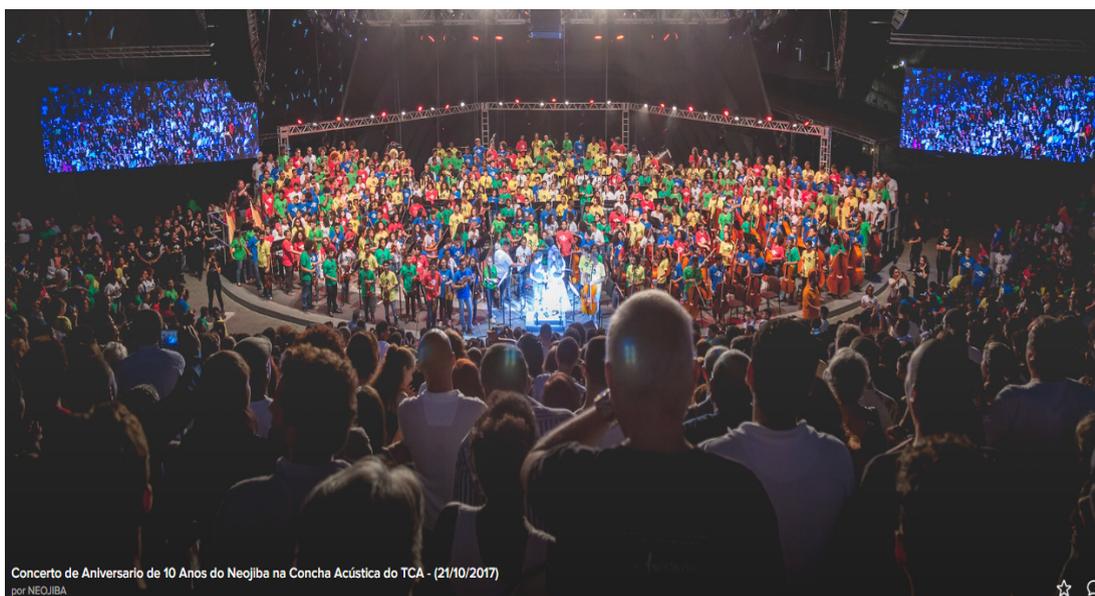
Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2017

Título: Festa de Aniversário - 10 anos na Concha Acústica do Teatro Castro Alves



Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2017

Título: Festa de Aniversário - 10 anos na Concha Acústica do Teatro Castro Alves



Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2017

Título: Concerto na Philharmonie de Paris



Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2018

Título: 50 anos da TV Aratu no Teatro Castro Alves-TCA

Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2020

Título: Ensaio no período da pandemia Covid-19

Fonte: arquivo do programa Neojiba- 2020

Título: Cartaz do filme Neojiba - música que transforma. 2020



Fonte: https://www.dropbox.com/s/2g5vpd6sdboq05h/Cartaz_Neojiba_MusicaqueTransforma.jpg?dl=0